

A. R. Gomes de Castro

*A' Bibliotheca Publica do m.
rio e saudoso Maranhão
este trabalho.*

*A. R. Gomes de Castro
Rio, 17 de Maio de 1921.*

AS RAÇAS HUMANAS

A MULHER

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO



RIO DE JANEIRO

Pap. e Typ. Marques, Araujo & C. — Rua Buenos Aires, 131-133

Março de 1921

CXXXIII anno da grande crise occidental de 1789

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Viver ás claras

Cumpro aqui o grato dever de declarar de antemão que, ao meu prezado e bondoso amigo, o Sr. João Lage, Director d'«O Paiz», é devida a retardada impressão deste trabalho, pois que ao seu inesquecível cavalheirismo devo o empréstimo da quantia nella dispendida. E ao fazer esta amistosa declaração, reitero-lhe os meus mais cordiaes agradecimentos.

G. C.

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

As Raças Humanas

Homo sum, et humani nihil a me alienum puto.

TERENCIO.

Notre vrai mérite se mesure par la capacité que nous avons d'aimer.

MLLE. SCUDÉRY.

La mesure de l'amour, c'est d'aimer sans mesure.

SÃO FRANCISCO DE SALES.

Maio de 1919

XXXI anniversario da Confraternisação dos Brasileiros.

PREFACIO

Wenn dein Schmerz dich un-
terdrückt, mache daraus ein Gedicht.

GOETHE.

O trabalho que se vae ler, com todas as suas naturaes imperfeições, é uma memória sobre o interessante e empolgante assumpto que o seu titulo assás indica em resumo. Ditou-o, num momento de tristeza, a intima magoa provocada pelo triste incidente diplomatico a que ahi, á larga, nos referimos.

Foi o coração, a fonte dos grandes pensamentos, o propulsor do raciocinio, que nos impellio, pois, e que assistio, do começo ao fim, a toda a elaboração do texto que se segue. Bom ou máo, accertado ou erroneo; foi esse o seu movel, esse foi o seu propulsor.

Se fôssemos poeta, se tivéssemos essa ventura, teríamos poeticamente seguido o cordial conselho do poeta da nossa tocante epigraphe; da nossa dor, da dor que nos opprimio, teríamos feito um poema, ou ao menos uma canção, fazendo das nossas grandes dores as nossas pequenas canções, á semelhança do que fazia outro poeta allemão. Mas desde que infelizmente não o somos; em lugar de um poema, ou de uma canção, fizemos uma memória; em lugar do verso, servimo-nos modestamente da prosa, na fórmula e no fundo; ao envez de cantar, humildemente prosámos.

Mas como, embora infelizmente sem o devido talento, sentimos que temos o imprescindivel sentimento para o ser, tolere-se-nos a ingenua franqueza; achamos que vasámos na nossa prosa, por pobre que seja, por pallida que se revele, o que de intimo o coração nos ditou. E o que elle assim nos ditou, em torno do nosso

thema, foi essa cordial e meditada manifestação do nosso entusiasmo, por tudo quanto ha de humano, de bondoso, nos individuos, nas familias, nos povos, nas raças, na especie inteira.

E' que, como o terno poeta latino, tambem somos homens, e nada de humano existe, de bom ou de máo, de bom para nos desvanecer, e de máo para nos humilhar, que nos seja alheio. Alma irmã da sua, através os vinte seculos que nos separam, temos a doce ventura, que sobremodo nos é grata, de amar, pensar, e agir como elle.

E por isso mesmo que somos emancipados, como positivistas que somos, dos estreitos e vulgares preconceitos nacionaes, como de outros quaesquer; temos pela nossa Patria Brasileira, pela nossa raça latino-mestiça, um esclarecido entusiasmo, que o perpassar dos tempos e dos acontecimentos, na sua vertiginosa carreira, avigora cada vez mais. Esse entusiasmo se concilia criteriosamente, é bem de ver, com a nobre e bella devise do homem virtuoso, traçada por D'Alembert: «Preferir a sua familia a si, a sua patria á sua familia, e o genero humano á sua patria».

Em relação á Patria, a séde immutavel do conjuncto das impressões moraes e mentaes, cuja influencia continua sentimos sobre o nosso proprio destino; quanto mais, com o avançar da idade, perscrutamos o seu passado, prevemos o seu futuro, encaramos o seu presente, apreciamos a sua indole, percorremos o seu territorio, balançamos o que lhe devemos; mais admiração lhe temos, mais desvanecidos lhe somos, mais gratidão lhe tributamos, mais amor lhe votamos. A sua deslumbrante natureza nos fascina, o seu maravilhoso céu nos arreбата, a sua gloriosa historia nos comove, o seu fidalgo cavalheirismo nos entenece. E tudo isso explica o intimo ardor com que elaborámos esta memória.

A questão que ahi nos occupa é transcendente, pois que diz respeito aos mais complexos e dependen-

tes entre os conhecimentos de toda a serie encyclopedica; os biologicos, os sociologicos, e os moraes, que têm como preambulo, logico e scientifico, historico e dogmatico, toda a cosmologia, mathematico-astronomica e physico-chimica.

Apesar disso, porém, sem perder de vista o rigor da demonstração scientifica, esforçamo-nos por tornar a mais clara possível a expressão escripta do nosso pensamento scientifico, na methodica exposição da nossa these. E isso nos foi facil, pois que a philosophia positiva, o dogma da religião demonstravel, logicamente caracterisada pela hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjuncto dos dados a representar, é o prolongamento systematico do espontaneo bom senso vulgar.

Como ver-se-ha, a seu tempo, essa these está solidamente estribada na indiscutivel e indiscutida autoridade scientifica dos nomes immortaes dos Augusto Comte, dos Blainville, dos Buffon, dos Vicq-d'Azyr, etc., os nossos veneraveis mestres. Isso basta para lhe dar, em todo o seu curso, no seu todo, e nas suas partes, no seu conjuncto, e nos seus detalhes, a solidez que lhe quizemos dar.

No ponto de vista do methodo, do raciocinio, a recta estrada perlustrada pelo espirito, para ir do conhecido ao desconhecido, segundo a bella e sabia definição de D'Alembert: clareza, precisão e consistencia; sentimentos, imagens e signaes; inducção, deducção e construcção; de tudo servimo-nos, tudo pozemos em jogo, com meticoloso cuidado, na cuidada elaboração deste nosso trabalho. E no que diz respeito á doutrina, ao pensamento: o scientifico criterio normal da previsão, foi a nossa invariavel norma, em todos os meandros do nosso concatenado estudo.

Seja de que modo for, porém, ao leitor competente cabe apreciar até que ponto attingimos, sob todos esses varios aspectos, logicos e scientificos, historicos e do-

gmaticos, a méta que tivemos em vista, ao elaborar este nosso grato trabalho.

Elle é, antes de tudo, e primeiro que tudo, como é natural, pela sua propria natureza, a expansão de um affecto, a manifestação de um culto, a effusão de um sentimento, o proferir de uma oração. E assim apreciado, permitta-se-nos a ingenua franqueza, somos os juizes competentes para julgar e sentenciar que, de facto, attingimos o nosso visado alvo.

E' que não nos enganam, nem nos podem enganar, porque taes cousas não mentem, as intimas emoções, os doces prazeres, que experimentámos, que nos deleitaram, emquanto o elaboravamos.

E tudo concorre, aliás, para isso: o thema, o mez, a estação, o lugar, o meio, e as condições em que o fizemos. O thema é o humano, o mez é o da Confraternisação dos Brasileiros, a estação é a doce quadra do sazonado outomno, o lugar é a pittoresca cidade serrana, o meio é o suave conchego do lar, e as condições são as de uma recente ressurreição moral.

Tudo isso como que moralmente conspirou para commover o nosso coração, o manancial dos grandes pensamentos, o motor do proprio raciocinio, pois que a logica é fundamentalmente affectiva; e, por consequencia, conspirou outrosim para inspirar a nossa verve. E dahi naturalmente esse hymno de amor, entoadado com todas as veras de um coração felizmente amante.

Mas tambem, ao mesmo tempo que isso, é uma obra de proselytismo religioso, nem póde deixar de o ser, no estreito circulo das nossas relações espirituaes, no limitado ambito do nosso meio litterario, se assim podemos dizer.

Crentes, de coração, de espirito, e de caracter, da religião do amor, da ordem, e do progresso; quizeamos patentear, ainda uma vez, e nos limites ao nosso alcance, os ineffaveis thesouros da nossa Fé.

Contemporaneos de uma geração em deliquescencia ultra-revolucionaria, e tendo tido, apesar disso, a incomparavel e indizivel ventura de deparar, na nossa mocidade, e sob a acção de um Benjamin Constant, com a prodigiosa doutrina que, desde então, nos enche a alma; temos o dever de apontal-a, na nossa madureza, aos que nos ouvem, como a unica e irrevogavel sahida das desgraças que nos esmagam.

E isso tanto mais quanto, como é sabido, tinhamos sido até aqui a inconsciente victima de uma cruel enfermidade hereditaria, aggravada por inhospitas e arriscadas commissões, que já arrastou ao suicidio, que saibamos, cinco parentes nossos. Nhamundá, Obidos, Acre, Cucuhy, Santo Antonio do Madeira, Corumbá, etc., taes foram, entre outras semelhantes, as escolhidas commissões que nos couberam por sorte, durante 36 annos de agitado serviço publico.

Amparados pelos carinhos da dedicada e incansavel esposa, e pelos ensinios da incomparavel crença, que, por tres horriveis vezes, nos têm salvo de nós mesmos; sentimo-nos na obrigação moral de dizel-o, sem rebuço, aos que nos lêem.

Isso quanto ao movel, á natureza, á composição, e ao fito da nossa memória.

Agora, quanto á sua especial dedicatoria, ella naturalmente se impunha, sob todos os titulos, e sem a menor hesitação possivel. Era á memoria da nossa querida e inesquecivel mãe-preta, com effeito, que a deviamos nós, como coroamento, pedra de toque, e chave de ouro, de tudo quanto tivemos em vista, ao traçar no papel o que nos ia na mente, sob o influxo do sentimento preponderante.

Em uma fraternal apreciação de raças, da unidade da especie humana, fomos procurar, como é curial e justo, entre a mais humilde dellas, e dentre as lembranças pessoaes da nossa meninice, a humilde personagem feminina da nossa dedicatoria. E' que assim nos submettiamos melhor ás leis da gratidão; e é que

a submissão é a base do aperfeiçoamento, primeiro physico, depois intellectual, emfim e sobretudo moral.

Eis o que, em apanhado geral, nos cabe prefaci-
ciar aqui, como introito e exordio do que se vae
ler. E que os nossos leitores, por poucos que sejam,
sintam, no que vão ler e meditar, por pouco que seja,
alguma cousa do muito que sentimos, ao concebê-lo
e escrevê-lo; eis os caros votos finaes deste Prefacio.

Petropolis, 13 de Maio de 1919, XXXI anniver-
sario da Abolição da escravidão africana no Brasil.

A. R. GOMES DE CASTRO.

Nasceu em Vianna (Maranhão), a 2 de Março
de 1864.

DEDICATORIA

*Il est encore meilleur d'aimer que
d'être aimé.*

AUGUSTE COMTE.

A' inesquecível memória da nossa querida mãe-pretá, a negra Damázia, a humilde escrava dos nossos avós maternos; como preito público de um reconhecimento íntimo, que nem os annos, nem os acontecimentos, por mais dolorosos que tenham sido alguns delles, jamais fizeram esquecer da memória do nosso coração agradecido.

Petropolis, 13 de Maio de 1919.

A. R. Gomes de Castro.

As Raças Humanas

Homo sum, et humani nihil a me alienum puto.

TERENCIO.

Notre vrai mérite se mesure par la capacité que nous avons d'aimer.

Mlle. SCUDÉRY.

La mesure de l'amour, c'est d'aimer sans mesure.

SÃO FRANCISCO DE SALES.

Preambulo geral.

Estamos em pleno limiar do século XX, o século do opulento patrimonio de inestimaveis thesouros de toda sorte, moraes, estheticos, scientificos e technicos, magnifica e magnanima herança de um passado sessenta vezes secular. E isso posto, certamente que temos de que nos envergonhar e entristecer, nós, os paladinos da confraternisação humana, pelo vergonhoso e triste resultado da votação, no chamado Convenio da Liga das Nações, da proposta japoneza sobre a egualdade das raças humanas.

E o que naturalmente acresce a nossa magoa e o nosso vexame, já em si mesmos bastante ponderosos, é que essa proposta foi rejeitada no gremio de uma intitulada «Entente Cordiale» internacional, com sede em Versailles, o berço de Hoche o mais eminente heróe republicano da grande crise occidental de 1789. Versailles, nos arredores de Paris; e Paris, a cidade

santa, a Athenas e a Roma dos tempos modernos, a capital espiritual do mundo, a padroada de Santa Genevêva, o incomparavel berço da religião da Humanidade.

Mas embora vergonhoso e triste, não exageremos a significação da cousa em si mesma. E desde já, *in limine* do que temos a dizer, numa época de vão palanfrorio como a nossa, precisemos a nitida expressão e o alcance real das nossas palavras, fieis interpretes de sentimentos arraigados e de inabalaveis convicções.

Temos attingido, apesar dos dolorosos e fundos pesares, proprios e alheios, e com a pungente experiencia dos grandes transes moraes, a sexta e penultima phase da vida humana. E' a provecta idade da madureza, dos toucados de neve, a sazoadada transição para a velhice. E' a ponderada quadra em que se não volta atrás, quando se aninham n'alma affeições e opiniões do peso das nossas.

Numa tal idade, e em taes circumstancias, a linguagem se torna, para nós outros, ao pé da lettra, nada menos que o conjuncto dos meios de expressão, mimica, oral ou escripta, donde communicação do que sentimos, pensamos ou projectamos.

Amar, pensar e agir; agir por affeição, e pensar para agir. Eis ahi, em admiravel apanhado, o consciente quadro da nossa existencia moral, magistralmente delineado pela fé que abraçámos, ha 29 annos passados, na plenitude da saudosa mocidade.

Res, non verba, pois, á moda latina, como latinos que somos, para o que desimpedidamente nos vae traçar a penna, o nosso maneiro e disciplinado pincel, impulsionado pelo coração, esclarecido pelo espirito, e sustentado pelo character; consoante a severa disciplina moral do nosso credo religioso, e o ponderado espirito da nossa idade madura.

Qui n'a pas l'esprit de son âge, de son âge a tous les malheurs.

Isso disse, com admiravel criterio, o espirituoso Voltaire, um grande espirito, o maior dos espiritos de segunda ordem.

Entrando em materia, observemos, em primeiro lugar, que a proposta japoneza, que inspirou este trabalho, está mal redigida, e que, a ter sido apresentada, de outro modo devia ter sido formulada, devendo ser subentendida, pois, não pelos seus dizeres ou termos, mais sim pelo seu intuito ou fundo. Fraternidade e não egualdade das raças humanas, com effeito, devia ter sido a criteriosa e nitida redacção do projecto japonês, já que se o quíz apresentar. E isso porque, como passamos a ver, fraternidade é uma cousa positiva, isto é, real e util, ao passo que egualdade é uma idéa metaphysica, quer dizer, imaginaria e perniciosa.

Na hierarchia natural dos seres ou das existencias, inorganicos e organicos, mineraes, vegetaes e animaes; os dois modernos imperios, ou os tres antigos reinos da natureza; não se encontra, com effeito, egualdade alguma em parte alguma. No Espaço, na Terra, e na Humanidade, os tres termos da trindade positiva; e na hierarchia natural, logica e scientifica, historica e dogmatica, dos phenomenos naturaes, mathematicos, astronomicos, physicos, chimicos, biologicos, sociologicos e moraes; só propriamente nos dois primeiros termo e phenomenos, Espaço e mathematicos, os mais simples, mais geraes, e mais independentes de todos, é que a egualdade abstractamente existe.

De facto, a perfeita identidade só é encontrada, em abstracto, no recinto do calculo, da geometria, e da mecanica, os tres departamentos mathematicos. Apresentam-n'a, já as meras pluralidades numericas, já os typos geometricos regulares, já as simples mudanças mecanicas de posição.

Mas mesmo ahi, a nitida noção só nos é especialmente dada pelo calculo, a sciencia do numero, o in-

comparavel instrumento mathematico de coordenação deductiva. Por meio d'elle, o genio de Descartes, o fundador da philosophia mathematica, e o pae systematico da philosophia moderna, completado pelo genio de Leibnitz, o creador do calculo infinitesimal, no intervallo do incomparavel meio seculo mathematico, conseguiu a transformação capital das idéas geometricas de fórma e de posição, em simples idéa numerica de coexistencia, a concepção mãe da admiravel coordenação, logica e scientifica, da sciencia do espaço. Isso quer dizer que só o calculo principal, a algebra, o calculo das relações ou equações, as egualdades entre as formações abstractas das grandesas que se consideram, é que nos apresenta um tal facto.

Fóra dahi, dessa abstracção theorico-mathematica, dessa concepção logica, nada de egual existe, quer no mundo, quer na sociedade, quer no homem; a egualdade torna-se uma nebulosa abstracção metaphysica, e por toda parte a mais variada e profunda desigualdade se nos offerece. E felizmente assim o é, aliás, porque, sem isso, a monotonia da ordem nos esmagaria, e o prodigio do progresso não existiria.

Eis ahi porque, tacitamente estribado em tão inconcussas considerações, alguém já foi levado a definir paradoxalmente a verdadeira egualdade, como consistindo em tratar desegualmente a seres deseguaes.

E' que, com effeito, a partir do campo astronomico, o dominio celeste, inclusive, tudo, no céu e na Terra, na materialidade, na vitalidade, e na humanidade, tudo se parcella, se differencia, em individualidades, intrinsicamente distinctas, e distinctamente deseguaes. Astros, constellações, mundos, climas, zonas, territorios, estações, mares, mineraes, vegetaes, animaes, raças, povos, gerações, homens, sexos, edades, posições, sortes, profissões, virtudes, talentos, saber, etc., etc., tudo naturalmente se differencia e individualisa.

na immensa variedade dos seres, das existencias, dos acontecimentos.

E é dessa profusa differenciação, que resulta o concerto universal, das gerações, dos povos, das nações, das familias, dos individuos. Concerto sim, e não concorrência, porque, á semelhança de uma concertante orchestra, cada elemento tem ahí, nesse concerto universal, a sua parte musical, o seu papel concertante, a sua função propria, melodiosa, harmoniosa, ou rythmica, na orquestração, vocal ou instrumental, dos elementos e das partes musicaes, na consonante harmonia do todo musical.

No meio dessa variedade, porém, tal qual a consonancia para a orchestra, sob a batuta do regente, a lei do consenso universal, a constancia das relações, na variedade dos relacionados, tudo domina, como supremo regente de tudo. Tudo é solidario, tudo concorre, tudo consente, tudo conspira; um supremo destino tudo rege; todos os entes estão sujeitos a leis immutaveis, que abstractamente os regem, mediante os acontecimentos.

E' o que Schiller, o emulo de Racine, na sua bella imagem poetica, chamava «o polo immutavel na eterna flutuação das cousas creadas.» E é o que Augusto Comte, o emulo de Aristoteles, na sua profunda linguagem philosophica, chamava «a ordem immutavel que por toda parte resulta do conjuncto das leis naturaes».

Natureza morta, e natureza viva, está tudo irmãmente subordinado a essa suprema fatalidade de um destino commum. Immutavel nas suas disposições fundamentaes, na sua trama intima, no seu arranjo intrinseco; ella é modificavel nas suas disposições secundarias, nos seus dados constitutivos, nas suas condições accessorias.

Ella se nos apresenta então com o definitivo caracter da plena relatividade das sãs concepções scientifico-positivas, onde só ha de absoluto, é que tudo é relativo; e despida assim da inintelligivel nebulosidade do cego fatalismo, que outr'ora, nos idos tempos theologico-

metaphysicos, a revestia. As leis naturaes, estaticas ou dynamicas, de semelhança ou de successão, succedaneas philosophicas das causas, sobrenaturaes ou naturaes, as ficções theologicas, ou as abstracções ontologicas, nada mais são então do que os simples factos geraes, a constancia apanhada no meio do que varia, as relações invariaveis que ligam os phenomenos entre si.

Tal é a bella e verdadeira e boa noção philosophica de lei natural, dada por Augusto Comte, e antecipada por Montesquieu, «como as relações necessarias que resultam da natureza das cousas». A constancia das relações phenomeneas, constitue a immutabilidade fundamental do destino; e a variabilidade intensiva dos phenomenos, a sua modificabilidade secundaria.

Mas essa mesma modificabilidade, não é arbitraria, pois que tudo é relativo, sem que cousa alguma seja arbitraria. Ella tem a sua lei propria, descoberta, no dominio vital, por Broussais, o fundador da pathologia positiva, e plenamente generalisada, a todos os dominios, por Augusto Comte, o fundador da religião final. Essa bella lei consiste em que as modificações quaesquer da ordem natural se limitam sempre á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo persiste inalteravel.

O dogma fundamental das leis naturaes é, pois, de uma universalidade completa. Um astro que gravita, um grave que cahe, uma semente que germina, uma flor que desabrocha, um fruto que amadurece, uma aurora que raia, um préamar que surge, um povo que evolue, um homem que se apaixona, tudo obedece á sua lei propria e invariavel, ao seu eterno e irrevogavel destino. As noções vulgares de destino ou de acaso, assim scientificamente systematisadas, não têm então outra accepção significativa que não a de leis, conhecidas ou desconhecidas, e nada mais que isso.

O nosso destino se compõe, pois, de resignação e acção; resignação deante do que é fundamentalmente

immutavel, e acção sobre o que é secundariamente modificavel. Temos que nos resignar, por exemplo, a envelhecer com o tempo, a successão dos acontecimentos, desde que não morramos; mas podemos agir, enquanto vivermos, não para impedir, está visto, mas para retardar, á força de cuidados, a atterradora velhice, ou para precipital-a, ao revez, á força de loucuras.

Nisso está a sciencia da nossa sabedoria e da nossa virtude, pois que a verdadeira liberdade consiste na sabia e digna submissão ás leis que nos dominam. E essa submissão é assim a base do nosso aperfeiçoamento, primeiro physico, depois intellectual, emfim e sobretudo moral.

A revolta, seja contra o que for, é egoista e cega; e só a submissão, a tudo, é altruista e clarevidente. Submettermo-nos, não aos caprichos de ninguém, deuses ou homens, é claro, mas ao nosso destino, seja elle qual for, e mesmo quando o modificamos; é a condição *sine qua non* do aperfeiçoamento, não só nosso, da nossa natureza, sob o seu triplice aspecto, physico, intellectual e moral, como da nossa situação material.

Tal foi sempre, com effeito, a conducta espontanea, fundamentalmente altruista, de todas as grandes almas, de todos os tempos e logares, que os seus grandes corações instinctivamente lhes dictaram.

A omnipotencia, necessariamente caprichosa, não se concília, por fórmula alguma, nem com a bondade, nem com a sciencia; o que aquella teria de arbitraria, estas têm de submissas. Com effeito, amar é obedecer, é se submeter, pelo coração, ao objecto amado; e saber é reflectir no espirito, como num espelho, as leis que tudo dominam.

Os tres attributos, omnipotencia, omnisciencia e misericordia, da divindade monotheista, judaica, catholica, ou islamica, são, pois, contradictorios; e só se os póde aceitar, sem os conciliar, á moda absoluta da fé indemonstravel e indiscutivel de Santo Agostinho—*Credo quia absurdum*.

Para a fé demonstravel de Augusto Comte, a sciencia positiva, porém, naturalmente já não é assim; e a cousa é incrível por ser absurda; e as raizes de Deus posto em equação, conforme a giria algebrica dos discípulos polytechnicos do incomparavel novador, foram achadas todas imaginarias. Ah! a taboa rasa cartesiana se impõe a tudo quanto não tem o *placet* da sã logica, «a hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjuncto dos dados a representar».

Além disso, a nobreza crescendo com a dependencia, pois que os phenomenos mais nobres estam por toda parte subordinados aos mais grosseiros; não é possivel outrossim racionalmente conciliar a perfeição divina com a independencia absoluta de Deus, que a todos é necessario, e a quem ninguem de nada serve, segundo a IMITAÇÃO DE CHRISTO.

Na gerarchia natural da trindade positivista, Espaço ou Gran-Meio, Terra ou Gran-Fetiché, e Humanidade ou Gran-Ser, tres seres distinctos, e uma só hierarchia verdadeira, $1 + 1 + 1 = 3$; o Ente-Supremo é, a um tempo, o mais complexo, o mais dependente, e o mais nobre. Ao passo que na da trindade catholica, Padre, Filho, e Espirito-Santo, tres pessoas distinctas, e um só Deus verdadeiro, $1 + 1 + 1 = 1$; o inverso se dá, isto é, tanto mais nobre é, quanto mais independente.

E' que o mundo naturalmente marchou, e não parou, e marchou sem parar, nesses treze seculos que separam os dois grandes typos da Humanidade: o doutor da Igreja, o doutor da graça, como o chamou Bossuet, o doutor da eloquencia; e o mestre do saber, o fundador da religião da Humanidade.

Na hierarchia natural das existencias, segundo o principio universal da complicação, da dependencia, e da modificabilidade, do mundo para o homem, através da sociedade; o céu, a cupula azulada dos mundos sideraes, a pendula universal das nossas horas, a estrella polar dos nossos rumos, representa a immutabilidade fundamental; e o homem, o mundo pequeno, o «mens

sana in corpore sano» dos antigos, representa a modificabilidade secundaria.

Embora concebamos, com o sabio Affonso X, as correções a fazer no céu, para tornal-o mais util e mesmo mais bello, reunindo o util ao agradavel; por nol-o ser inaccesssivel, e só susceptivel de uma longinqua exploração visual, nada podemos retocar ahi, nessa machina do mundo, como se dizia, porque o nosso poder pratico não está ao nivel da nossa capacidade theorica, embora trate-se da mais simples das existencias.

Dadas a regularidade e a influencia universal do seu imponente movimento diurno, delle servimo-nos para a medida fundamental do tempo, a successão dos acontecimentos. E dos polos fixos desse movimento, da esphera que é a sua imagem geometrica, respectivamente assignalados, nos dois hemispherios, pela α da Ursa Menor, a estrella polar, e pela haste $\alpha-\gamma$ do Cruzeiro do Sul, a constellação nacional; servi-mo-nos outrosim para os nossos rumos, á moda de bussolas celestes.

Das quatro unidades principaes de tempo, dia, semana, mez e anno; duas objectivas, dia e anno, e duas subjectivas, mez e semana; aquellas têm respectivamente por medidas, o duplo movimento, em rotação e translação, do nosso planeta, factor das alternativas, periodicas, dos dias e das noites, de um lado, e das estações, de outro lado.

E, por sua vez, o homem, o mais complexo e dependente dos seres individuaes, é, por isso mesmo, em contraste com o céu, o que ha de mais modificavel na ordem universal. A vida humana é por tal forma modificavel, que, segundo a profunda maxima de Clotilde de Vaux, nella só ha de irrevogavel a morte, o termo da vida, sem ser a sua consequencia necessaria.

A sciencia e a arte humana, a moral theorica, e a moral pratica, por isso mesmo que se propõem res-

pectivamente o estudo e o aperfeiçoamento do homem, o resumo do mundo, tornam-se semelhantemente o resumo da sciencia e da arte mundana, a cosmologia e a industria.

As primeiras sciencia e arte do homem são, pois, a sciencia e a arte do proprio homem, como dizia Mme. de Lambert. «Conhece-te a ti mesmo, afim de te melhorares», segundo a fórmula theocratica, sociocratisada por Augusto Comte, é a regra suprema da vida humana, e a profunda condensação de toda a sabedoria, theorica e pratica. «Apprendre à se connaitre est le premier des soins,» dizia o judicioso La Fontaine.

E' que a moral, como sciencia e como arte, conhecimento e educação do homem, domina tudo, no mundo, na sociedade, e no proprio homem. Da mesma sorte, a sciencia e a arte do céu, a astronomia e a nautica, pondo de lado o exordio mathematico, antes methodo ou logica, do que doutrina ou sciencia, são o que ha de mais simples e preciso, de independente e immodificavel, em toda a serie natural das sciencias e das artes.

E dahi, dessa vasta e luminosa concepção, as noções fundamentaes de amor, de ordem, e de progresso. O amor por principio, e a ordem por base; o progresso por fim. Amor, principio de ordem e de progresso, consenso universal; ordem, base de amor e de progresso, consolidação de progresso, arranjo e combinação de leis naturaes; e progresso, escopo de amor e de ordem, evolução e successão, desenvolvimento de ordem emanada de amor.

O amor procura a ordem e impelle ao progresso; a ordem consolida o amor e dirige o progresso; o progresso desenvolve a ordem e conduz ao amor. Um, symbolo numerico do amor, união, unidade, continuidade; dois, symbolo numerico da ordem, arranjo, combinação; tres, symbolo numerico do progresso, evolução, successão.

Amar, o que só ha de real na vida, como naturalmente o proclamou uma Mulher, Mme. de Staël, é, pois, o suprasummum, o ideal da existencia. O amor, que tudo irmana e identifica, faz que se ame a quem nos ama, e que se não odeie a quem nos odeia. O amor, em summa, quinta essencia da vida, lei do dever e da felicidade, virtude e condição da saude, tudo funde em uma só lei, lei de candura e doçura, de melodia e harmonia, de ternura e pureza, de fraternidade e devotamento — VIVER PARA OUTREM.

Por outro lado, as idéas, não menos fundamentaes, de bello, de verdadeiro, e de bom, se coordenam a essas noções primaciaes de amor, de ordem, e de progresso; de modo a dellas receberem o cunho de clareza, de precisão, e de consistencia, que realmente comportam. O verdadeiro, que nos esclarece, se liga á ordem, que nos domina; o bom, que nos melhora, se liga ao progresso, que nos aperfeiçoa; e o bello, que nos encanta, resplendor do verdadeiro e do bom, se liga ao amor, principio da ordem e do progresso, que nos arrasta.

E essa ligação é tão perfeita e intima, que a escala, material, physica, intellectual e moral, é a mesma para qualquer dessas coordenadas noções. E eis porque e como a classificação das artes, estheticas ou technicas, segundo a ordem natural de dependencia e dignidade, coincide com a das sciencias; do mesmo modo que a dos seres, ou pelo menos das existencias, coincide com a dos phenomenos.

Poesia, musica, pintura, esculptura e architectura: arte geral; e artes especiaes, do som e da fórma. Agricultura, manufactura, commercio e banco: industrias especiaes, rural e urbanas; e industria geral. Mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia e moral: sciencias preliminares, e sciencia final. Mineraes, vegetaes e animaes: seres, inorganicos e organicos. Materialidade, vitalidade e humanidade: modalidades de existencias, cosmica, biologica e humana.

Amor, ordem e progresso; bello, verdadeiro e bom; poesia, philosophia e politica; triplice progressão inherente á nossa triplice natureza, affectiva, especulativa e activa; está tudo naturalmente coordenado, no seu todo e em suas partes, segundo um mesmo principio universal.

E no que diz especialmente respeito á dupla gerarchia, do bello, material, physico, intellectual e moral, e das bellas artes especiaes, architectura, esculptura, pintura e musica, pondo naturalmente de lado a poesia, que é a arte geral, a arte por excellencia, a arte das artes; a coincidência, como é natural, é admiravelmente perfeita. Assim é que podemos respectivamente definir, a architectura a arte do bello material, a esculptura a arte do bello physico, a pintura a arte do bello intellectual, a musica a arte do bello moral, e a poesia a arte do bello em geral.

Por toda parte, bellas artes, industrias, sciencias, seres, existencias e phenomenos, tudo admiravelmente se succede, se coordena, se classifica, segundo um mesmo e unico principio universal, a XIV lei de philosophia primeira, de generalidade, crescente ou decrescente, tanto subjectiva como objectiva.

Entre os tres attributos, sentimento, intelligencia e actividade, peculiares ao homem, a miniatura do mundo, ha uma perfeita gradação objectiva de generalidade decrescente, em relação á ordem universal, como passamos a ver.

Systematizando as espontaneas tendencias fetichistas da nossa infancia, individual e collectiva, por uma admiravel incorporação philosophica da synthese da nossa infancia na da nossa madureza; a religião scientifica, antecipada pelos poetas, mediante a sua coordenação subjectiva, a unica exequivel, assimila affectuosamente o mundo ao homem, attribuindo sympathia por nós, a tudo quanto existe fóra de nós, no mundo, e

no proprio espaço que o envolve. Essa tocante idealização esthetica, embellezando a realidade, sem lhe infringir as leis, para despertar em nós o instincto do aperfeiçoamento, consoante o elevado escopo da arte, nos torna eminentemente sympathicos a tudo quanto nos cerca.

E assim, á semelhança dos poetas, os cultores do bello, tudo se anima para nós, nos sorri, nos encanta, nos falla á alma, nos poetisa a existencia, nos melhora, nos felicita; nada existindo de indifferente ao nosso sentimento, porquanto tudo é dotado de sympathia. Céos, mares, crepusculos, auras, cordilheiras, paysagens, bosques, campos, prados, flores, perfumes, côres, flora, fauna, tudo nos faz vibrar a alma, nesse affectuoso consenso universal.

A actividade, a qualidade masculina, por sua vez, ao contrario do sentimento, o attributo feminino, se especializa, se concentra no mundo, sem abranger o espaço, o seu meio gazoso. Com effeito, o espaço, o grande meio que envolve tudo, a séde abstracta do destino, o objeto do estudo mathematico, é inerte. A inercia é o principal artificio logico da mathematica, a sciencia do espaço, e especialmente do seu complemento, a mecanica geral.

Concebemol-o passivo, como convém á abstracção theorica fundamental, que nos permite pensar nos phenomenos em separado dos seres que nol-os apresentam. Elle é como que a subjectiva tela impressora das propriedades cujas leis a sciencia investiga.

Essa é a concepção mãe do monumento scientifico, e sem a qual seria impossivel a previsão racional, o criterio da sciencia, a base da coherencia na nossa conducta. Abstrair para generalizar, generalizar para prever, prever para prover.

No ponto de vista concreto ou pratico, não ha gra sem excepção, e a excepção confirma a regra. E o ponto de vista theorico ou abstracto, é a unica

sahida do espirito humano, para conseguir as regras sem excepção, que a coherente systematisação da nossa existencia requer.

O aspecto pratico ou concreto é o do empirismo, o da arte; e o theorico ou abstracto é o do racionalismo, o da sciencia. Razão concreta e razão abstracta são, pois, como que os dois elos entrelaçados de duas secções de uma mesma cadeia, a dos nossos pensamentos.

A abstracção differencia os phenomenos para prever, e a concreção os intégra para prover. E dahi a profunda differença entre os dois problemas; o primeiro de simples differenciação, e o segundo de difficil integração. Passar do abstracto para o concreto, da theoria para a pratica, da sciencia para a arte, por uma difficil integração dos elementos differenciados; eis, com effeito, o nó da difficuldade de todos os problemas relativos á applicação da sciencia, como é sabido.

A partir do espaço inerte, porém, a actividade se manifesta por toda parte, e cada vez mais, do mundo para o homem, através da sociedade. Actividade material ou physico-chimica, vital, social e moral; eis a sua escala ascendente, segundo a lei universal de todos os classamentos. Materia, substancia, vida, sociedade, sociabilidade, tudo activo; e só o espaço inerte, como séde, passivo-sympathica, dos eventos, necessariamente estaticos, que nelle abstractamente contemplamos, para lhes apanhar as leis, a bussola magnetica da sciencia.

E a intelligencia, por seu lado, ainda se especializa mais do que a actividade, se concentrando apenas na animalidade e na humanidade, os supremos grãos da ordem natural dos seres ou das existencias.

De facto, afastando os egoistas e cegos preconceitos theologico-metaphysicos, ponto de partida de todos os preconceitos de raça, se reconhece que não só o homem, o primeiro dos animaes, como tudo quanto é

animal, suppõe a intelligencia como condição *sine qua non* da propria vida animal.

O animal é o ente vivo que se alimenta de substancia viva, vegetal ou animal; ao passo que o vegetal, é o que se nutre de materia morta, ar, agua e terra. Por isso mesmo, o animal suppõe uma dupla vida, organica ou de nutrição, e animal ou de relação; emquanto que a planta, como é natural, concentra toda a sua vida na exclusiva nutrição, de modo a poder assim vivificar a materia morta, donde elabora, sob a acção dos raios solares, a sua seiva nutritiva.

A vida animal, na natural superposição das ordens naturaes, repousa sobre a vida vegetal, que lhe serve de laboratorio nutriente; assim como esta assenta sobre a existencia mineral, que lhe serve de suporte exterior.

A vida da planta, que só vegeta, se exerce, pois, por uma energica reacção chimico-biologica dos quatro elementos paripateticos, terra, ar, agua e fogo; sendo este representado pelos raios solares, sob cuja acção, essencialmente chlorophyllica, se opera, como dissemos, a assimilação vegetariana do ar, da agua, e da terra, os seus alimentos inorganicos. Isso explica, a nosso ver, a poderosa e excepcional capacidade nutritiva do reino vegetal, todo elle anatomicamente constituido apenas, da raiz ás folhas, do primordial tecido celular, e physiologicamente reduzido, em toda a sua estrutura, ás simples funcções da elemental vida organica ou de nutrição.

Ao revez disso, o animal, dotado de uma dupla vida, segundo o seu modo de nutrição, suppõe anatomicamente os tres tecidos fundamentaes, celular, nervoso e muscular; aquelle como estrutura da vida organica, e estes da vida animal, sensivel e contractil, coordenadas pelo instincto intermediario. E physiologicamente, tres funcções especiaes, sensibilidade, contractilidade e innervação; as duas primeiras exteriores, e a ultima interior, que fundamentalmente lhe permit-

tem discernir, apprehender e assimilar o seu alimento vivo.

Como nós, o animal tem, pois, corpo, pedestal do cerebro; cerebro, estatua do corpo; e alma, função interior do cerebro. E como veremos adiante, a certos respeito, elle é superior a nós, como é o caso da aguia, quanto á visão, o do cão, quanto ao olfacto, etc. É naturalmente superior, aliás, pelas condições especiaes do proprio meio de vida, pois que as funções nada mais são do que o resultado natural do jogo das acções e reacções entre o organismo e o seu meio.

A sua organização animica, na parte superior da escala, a partir da separação dos sexos, é fundamentalmente a nossa: funções interiores, sentimento, intelligencia e actividade; e funções exteriores, sentidos, e musculos, que estabelecem as relações, passivas e activas, do animal com o meio, que lhe serve de alimento, estimulante e regulador.

O animal raciocina, é intelligente, tem aptidão para adaptar sua conducta á sua situação, nosso principal attributo mental. Animal irracional é, pois, um contrasenso; e animal racional, um pleonasma, uma redundancia.

Segundo uma dupla e curiosa observação de Georges Leroy, o grande naturalista das LETTRES SUR LES ANIMAUX, os passaros contam até tres, evolução, successão, e a ardilosa raposa mostra-se mais intelligente do que um estúpido camponez.

Na immensa e interessante escala zoologica, dos infusorios rudimentares ao complexo homem, somos apenas o primeiro dos animaes, o que é preferivel, observa Augusto Comte, a ser o ultimo dos anjos. A nossa organização é, no fundo, com simples differença de grao, identica á dos animaes superiores, os socia-veis. E é preciso que se note que a nossa superioridade resulta essencialmente da evolução collectiva porque passámos, em detrimento da delles, por isso mesmo

abortada, como a especie preponderante, o que constitue o nosso principal caracter de sociabilidade.

A vida não é, como a definiu Bichat, o conjunto das funcções que resistem á morte. Ao contrario disso, como a concebeu Blainville, a vida é a intima e profunda harmonia, ao mesmo tempo, geral e especial, entre o organismo e o meio. Acção do organismo sobre o meio, e reacção do meio sobre o organismo, em summa.

Organismo e meio, pois, eis o dualismo fundamental que a vida fundamentalmente suppõe. Harmonia fundamental entre organismo e meio, pois, eis a economia primordial da vida, em tudo quanto vive, animal ou vegetal.

Por um lado, com effeito, a vida, de tudo quanto vive, suppõe um meio geral, um ambiente, composto essencialmente de uma mistura, em partes deseguaes, do duplo elemento fluido, ar e agua, que compõe o meio que envolve tudo. Vapor d'agua em dissolução na massa de ar, para os seres vivos atmosphericos; e porção de ar dissolvida na massa d'agua, para os seres vivos aquaticos.

A esse proposito, como observa Augusto Comte, se os peixes, como nós, tivessem instituido a concepção do espaço, ao envez de gazozo, o teriam feito naturalmente liquido, á imagem do seu meio.

E por outro lado, por toda parte a vida fundamentalmente consiste em uma troca, mutua e continua, absorpção e exalação, de materiaes entre o organismo e o meio; cessada a qual, a vida tambem cessa, *ipso facto*, sobrevem a morte, o termo natural da vida. Absorpção de materiaes do meio pelo organismo, e exalação de excreções do organismo para o meio; eis a vida em sua modalidade fundamental e geral, a vida organica, de que a vegetabilidade é a maxima expansão, e de que a vida de relação, sob os seus dois aspectos

correlatos, animalidade e humanidade, e sobretudo esta, é o complemento, o coroamento, a essencia, a obra prima, o bello prolongamento.

E isso a tal ponto, que as tres phases principaes da vida, crescimento, estacionamento e decrepitude, mocidade, madureza e velhice, a progressão vital, resultam naturalmente, ou do predomínio da absorpção sobre a exalação, ou do equilibrio de ambas, ou do predomínio da exalação sobre a absorpção. Como já vimos, o meio, o scenario do organismo e da vida, é, ao mesmo tempo, o alimento, o estimulante, e o regulador do organismo.

Mas quanto á vida humana, ao meio inerte, se junta, ou melhor, se interpõe o meio vivo, a sociedade, a associação humana, a Humanidade, em summa; em cujo meio vivo, o homem vive, e através do qual, soffre a acção do meio inerte. Entre o homem e o mundo, é preciso a Humanidade.

De accôrdo com a nossa triplice natureza, affectiva, especulativa e activa; essa associação humana apresenta tres grãos successivos, domestico ou familia, civico ou patria, universal ou igreja. A primeira é a mais simples e a mais intima das tres, fundada pelo amor, pela communhão do affecto, em torno da mulher, a providencia moral. A segunda é a mais preponderante, fundada pela actividade, pela communhão do civismo, em torno do chefe pratico, a providencia temporal. E a terceira é a mais geral, fundada pela intelligencia, pela communhão da fé, em torno do sacerdote, a providencia espiritual.

Dahi a concepção normal do homem, o cidadão de uma patria, que a familia prepara, e a igreja completa. As necessidades materiaes da vida pratica fazem, de facto, prevalecer a patria sobre a familia e a igreja, o cidadão sobre o famulo e o crente. A igreja, a unica das tres associações, domestica, civica e religiosa, susceptivel de inteira universalidade, tende a se confundir com a Humanidade, quando a fé se torna scientifica, a unica das tres fés, ficticia ou theologica,

abstracta ou metaphysica, e positiva ou scientifica, outrossim susceptivel de inteira universalidade.

Da concepção da vida, resulta a da morte, o termo fatal da vida, quando cessam a absorpção e a exalação, pela final manifestação desta, a ultima a se manifestar, como é natural, no momento supremo em que o ente vivo exhala o ultimo alento da vida, como se diz, e o meio o absorve inteiramente, ao envez de ser absorvido, como até então, por uma inversão de papeis.

Mas como, por outro lado, nada se crêa e nada se destrói na natureza, conforme o constatou Lavoisier, um dos fundadores da chimica moderna; a morte, philosophicamente encarada, não passa de uma transformação, da natureza viva em natureza morta, de uma inteira absorpção da vida pela morte. Essa transformação é operada mediante o brutal phenomeno da putrefacção, o unico signal patente da morte, por isso mesmo que a caracteriza, a corrupção da nobre vitalidade, que, como que reagindo, se degenera em grosseira materialidade, por uma especie de aviltamento inorganico.

Moralmente apreciada, a morte ainda é uma transformação, da vida objectiva em vida subjectiva, absorpção da morte pela vida, a morte do organismo, e a immortalidade da sua memoria, que revive nos corações dos que lhe sobrevivem. E' que os mortos não são enterrados com as suas lembranças, como pensava Bosquet. E' que a morte é o esquecimento, e a immortalidade é a gloria, como proclamou Condorcet.

Da concepção da vida, ainda resulta, além da da morte, a da saúde, e a da molestia. A saúde, que é o estado normal da vida, consiste no exercicio regular das funcções vitaes. A molestia, que é o seu estado anormal, consiste no exercicio irregular dessas mesmas funcções. E a morte, que é a sua suspensão, consiste na cessação desse mesmo exercicio.

A molestia differe, pois, da saude, por uma mera questão de intensidade ou de grão. No rigor do termo, não ha, pois, molestias, e sim molestia, e quando muito symptomas; devendo o vocabulo molestia só ser empregado no singular, como a palavra saude.

Por outro lado, como o exercicio irregular das funcções vitaes, de que resulta a molestia, póde provir ou de excesso ou de deficiencia de intensidade; a molestia apresenta, em these, esses dois caracteres geraes, excitação ou depauperamento organico. A saude é assim uma especie de situação intermediaria entre essas duas situações oppostas, uma especie de equilibrio instavel entre esses dois disequilibrios antagonicos. *Saude não se apura*, pois, como diz o bom senso vulgar.

A pathologia, ou a theoria da molestia, fica assim naturalmente subordinada á physiologia, ou a theoria da saude; e tal é a obra immortal de Broussais, o fundador da pathologia positiva. Completando-a judiciosamente, Augusto Comte, o fundador da religião da Humanidade, subordinou consequentemente a therapeutica, ou a arte da molestia, á hygiene, ou a arte da saude.

Isso posto, o principio fundamental da therapeutica positiva, de uma admiravel racionalidade, consiste na natural acção curativa dos proprios alimentos, gazozos, liquidos ou solidos, sufficientemente escolhidos e dosados. Os empiricos especificos ficam assim radicalmente suprimidos e abundantemente substituidos.

Com effeito, ao passo que as substancias não assimilaveis são excitantes em qualquer dóse, as assimilaveis são alimentos em uma certa dóse, calmantes em dóse inferior, e excitantes em dóse superior. E isso conforme a natureza, a idade, a profissão, o clima, a estação, etc., do individuo; como tão bem o sentio Hippocrates, no seu bello TRATADO SOBRE OS ARES, AS AGUAS, E OS LOGARES.

E' que o mundo, no rigor do termo, é o alimento, o estimulante, e o regulador do organismo, como já vimos. E sob esse triplice character, como é curial, elle

não só conserva a saúde, é hygienico, como cura a molestia, é therapeutico, conforme a selecção e a dosagem das suas substancias assimilaveis.

Como vimos, a molestia póde provir, ou de um excesso, ou de uma deficiência de intensidade no exercicio das funções vitaes, emquanto que a saúde consiste no seu exercicio regular. Pois bem, por uma admiravel harmonia entre o organismo e o meio, que define a vida, conforme dissemos, esses tres casos organicos, saúde, molestia por excesso de intensidade, e molestia por deficiência de intensidade, são profundamente correlatos aos tres casos mesologicos, alimento, calmante e excitante. E essa correlação é tão intima e profunda, de modo a abranger, não só o caso normal ou physiologico, como o anormal ou pathologico.

Taes foram as admiraveis conclusões, tão logicas como scientificas, a que chegou, nesse importante dominio, o incomparavel genio de Augusto Comte. «Depois de me haver successivamente libertado da theologia, da metaphysica, e mesmo da sciencia, conservando o que cada uma dellas tem de incorporavel ao positivismo, diz elle, emancipei-me afinal da medicina.» E o que é, para nós, mais curioso, é que isso foi dito numa carta do nosso mestre, de 24 de Agosto de 1857, a uma nossa compatriota e correligionaria, D. Nisia Brasileira.

O espaço é, pois, de fluidez sympathica, passiva e cega; o mundo, de materialidade e vegetalidade sympathicas, activas e cegas; e a animalidade e a humanidade, de existencias sympathicas, activas e intelligentes. Tal é a bella e sabia, esthetica e philosophica concepção, segundo a synthese subjectiva, da ordem universal que nos domina.

A hypothese scientifica, o ideal esthetico, e o modelo technico, salvo differença de gráo, são aproximações da realidade, no gráo exigido e regulado pelas nossas necessidades, physicas, intellectuaes e moraes.

Podemos e devemos, pois, embellezar as nossas concepções scientificas, aproveitando a disponibilidade theorica, que assim nos é facultada pelo seu pleno relativismo. A sã logica consiste, de facto, em fazer sempre a hypothese mais simples e mais sympathica, de accôrdo com o conjuncto dos documentos a representar.

O estado normal do entendimento humano é caracterizado pela profunda e intima combinação entre a poesia, o dominio do bello, e a philosophia, o dominio do verdadeiro. O bello resplandece o verdadeiro, e o verdadeiro consolida o bello; a poesia idealiza a philosophia, e a philosophia fundamenta a poesia.

Sete são os caracteres inherentes ao espirito positivo: dois geraes, real e util; tres logicos, claro, preciso e organico; e dois especiaes, relativo e sympathico. Tal é, com effeito, o estado normal do espirito plenamente religioso, sympathico, synthetico e synergico, ao mesmo tempo. A sympathia e a synthese se combinam para dirigir a synergia, os tres religiosos estados correlatos.

O cerebro é o espelho fiel do mundo, diz Leibnitz; mas uma tal fidelidade é relativa, como tudo mais, pois que só ha de absoluto, é que tudo é relativo. E duplamente relativo, aliás, pois que depende, a um tempo, do homem e do mundo, do sujeito e do objecto, do espectador e do espectaculo.

Todo trabalho mental consta assim de duas partes distinctas, como o constatou Kant, uma subjectiva, outra objectiva. Nessa permuta mental entre o homem e o mundo; este fornece, pela contemplação, concreta ou abstracta, os materiaes objectivos; e aquelle elabora, pela meditação, inductiva ou deductiva, as construcções subjectivas.

Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu, conforme o enunciado classico do celebre principio de Aristoteles.

O mundo é, a um tempo, o alimento, o estimulante, e o regulador de todas as nossas funcções, phy-

sicas, intellectuaes e moraes, sem excepção, como o fez ver Augusto Comte.

De intimo accôrdo com essa triplice influencia objectiva do mundo sobre o cerebro, resulta uma triplice subordinação subjectiva do cerebro ao mundo, que estabelece a harmonia mental. Subordinar as construcções subjectivas aos materiaes objectivos. As imagens interiores são sempre menos vivas e menos nítidas que as impressões exteriores. E a imagem normal deve ser preponderante sobre as que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir.

Dos tres grãos de proporção entre os dois elementos, objectivo e subjectivo, mundial e humano, desse dualismo fundamental entre o mundo e homem, o objecto e o sujeito; resultam os tres conhecidos e característicos estados cerebraes, um normal, razão, e dois anormais, loucura e idiotismo, perfeitamente caracterisados e distinctos.

A loucura ou o excesso de subjectivismo, o idiotismo ou o excesso de objectivismo, os dois estados extremos; e a razão ou a ponderada proporção entre subjectivismo e objectivismo, o estado intermédio. No primeiro caso, o cerebro torna-se demasiado activo; no segundo, demasiado passivo; e no terceiro, convenientemente ponderado. O espelho cerebral, ou reflecte fielmente as imagens, ou as deforma por excesso ou por falta de actividade propria.

A razão, á semelhança da saude quanto aos dois casos morbidos, pôde ser considerada, pois, como um equilibrio instavel entre a loucura e o idiotismo. E o simile é naturalmente perfeito, dada a intima e profunda relação entre o physico e o moral. Assim é que, não só os tres casos, corporaes e cerebraes, se correspondem em geral, como ainda cada par tem, nas duas naturezas, physica e moral, paridades especiaes. Com effeito, não só razão, loucura, e idiotismo, saude, molestia excitante, e molestia deprimente, se correspondem em geral, como ainda a razão corresponde especi-

almente à saúde, a loucura á molestia excitante, e o idiotismo á molestia deprimente.

Ora, a saúde é o exercicio regular das funcções vitaes, do mesmo modo que a razão é o exercicio regular das faculdades mentaes. A loucura é o exercicio irregular, por excesso de actividade, dessas faculdades mentaes; e a molestia excitante é o exercicio irregular, por excesso de actividade, dessas funcções vitaes. O idiotismo é o exercicio irregular, por deficiencia de actividade, dessas faculdades mentaes; e a molestia deprimente é o exercicio irregular, por deficiencia de actividade, dessas funcções vitaes.

Salvo a natural differença entre o moral e o physico, a semelhança é, pois, perfeita e interessante. Assim é que a razão é um estado de equilibrio ainda mais instavel do que a saúde. E se saúde não se apura, ainda menos razão. E dahi a difficuldade em julgar da razão, e, por consequencia, da loucura; pois que é preciso tomar em consideração uma serie de coefficients, taes quaes, a situação, a época, a natureza, as convicções, etc.

O estado de razão é caracterizado pela simplicidade das hypotheses, e o de loucura pela sua complicação. A alucinação póde ser passageira; e o é quando, passada a crise, o cerebro rectifica a impressão fugaz que recebeu por uma superexcitação excepcional e momentanea, que póde provir de qualquer dos oito sentidos. Na loucura, já não é assim, não ha rectificação possivel, e o cerebro se desmanda cada vez mais, complicando as hypotheses, dominado quasi sempre por uma mania preponderante.

Isso foi admiravelmente concebido e pintado por Cervantes, no seu incomparavel D. QUIXOTE DE LA MANCHA, a obra prima da litteratura hespanhola, o melhor tratado da loucura até então escripto, segundo Augusto Comte.

A proposito de molestias do cerebro, digamos de passagem, com a nossa dolorosa experiencia, convem

não confundir, como se o faz communmente, as mentaes, e as moraes, as do espirito, e as do coração e do character. Como é natural, estas são as mais delicadas e dolorosas, pois que affectam o proprio centro nervoso por excellencia; deixando o paciente na consciencia do seu triste estado, desde que não affectam especialmente o espirito, não alienam, por consequencia. As alienações mentaes, por isso mesmo que se referem ao espirito, o mais fraco dos tres attributos humanos, não passam, muitas vezes, de uma especie de sonho no estado de vigilia; do mesmo modo que os sonhos são, ao contrario, alucinações passageiras durante o somno.

Isto faz lembrar a anedocta do louco de Broussais, por este curado da mania das grandesas. A mania o fazia proprietario de todo o Paris, e tendo a cura o feito cahir em si, de tanta opulencia, conta-se que elle se queixava, com graça, do grande alienista, que era até passivel de processo e de pena, por tel-o expoliado de tanta riqueza, fazendo-o cahir das nuvens, como se diz.

Já não são assim as affecções moraes propriamente ditas, a chamada neurasthenia, por exemplo, que tivemos a desventura de ter por tres vezes, em 1906, em 1910, e em 1916; onde nunca ha sonhos, mas sim a mais pungente realidade, arrastando a desgraçada victima a uma brutal e irresistivel superexcitação do instincto destruidor.

Por outro lado, o espirito funciona sob o impulso do coração e a reacção do character. Nós raciocinamos, pois, combinando imagens e signaes, para elaborar os pensamentos sob o impulso dos sentimentos, induzindo, deduzindo e construindo.

Todo trabalho mental, começa por uma imagem, e numa imagem termina. Isso quer dizer que a logica apresenta tres modalidades, affectiva, especulativa e activa, inherentes á nossa triplice natureza, moral, intellectual e pratica. E dahi os tres attributos logicos, clareza, precisão e consistencia; clareza das imagens, precisão dos signaes, e consistencia dos sentimentos.

E também os tres processos, inducção, deducção e construcção, do methodo, e a sua marcha normal, induzir para deduzir, afim de construir; inducção das imagens, deducção dos signaes, e construcção dos sentimentos.

Tudo isso explica, embora resumidamente, o tão interessante funcionamento do nosso complexo e delicado cerebro, a dupla placenta permanente entre o homem e a Humanidade, esse mimoso apparelho de tenue crystal, que um simples abalo póde dolorosamente quebrar. E também nos dá conta da tendencia e da necessidade que temos de embellezar as nossas concepções theoricas, as nossas hypotheses, logicas e scientificas, para satisfazer melhor ás inclinações innatas á nossa natureza.

Utile dulci, reunir o util ao agradável, prescrevia o meticoloso Horacio.

A tal ponto as paixões dominam os pensamentos, que nós somos instinctivamente levados a dar crédito ao que mais nos convem. E é por isso que a linguagem, o conjuncto dos meios de expressão, é mais esthetica que scientifica ou technica. Não só ella comprehende cinco bellas artes, poesia, musica, pintura, esculptura e architectura, contrapostas a uma só prosa; como ainda, mesmo nesta, filha da poesia, a arte geral, que, por sua vez, se originou da musica, a mais affectuosa de todas ellas, a mesma cousa se nota.

Os mais antigos monumentos constataam que nós começámos pelo canto, base da musica, arte do som, e pelo desenho, base da triplice arte da fôrma, a arte plastica, pintada, esculpida e construida. E o proprio vocabulario começou naturalmente pelas interjeições, esses gritos inarticulados, que exprimem as variadas emoções da alma.

Elevada á categoria de dogma da religião natural definitiva, herdeira e continuadora da religião sobrenatural provisoria; a philosophia positiva erige o Espaço em Gran-Meio, a Terra em Gran-Fetiche, e a Humanidade em Gran-Ser, a santissima trindade da

nova Fé. E nessa philosophica coordenação dogmática, a Logica é a sciencia do Espaço, a Physica a da Terra, e a Moral a da Humanidade. Decompondo a Physica e a Moral nos seus tres termos respectivos, chega-se aos sete termos da maior expansão encyclopedica: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia e moral.

Nessa incomparavel systematisação final da vida humana, real e completa, pois que abarca scientificamente, segundo as leis que lhes são proprias e que os dominam, todos os aspectos da nossa triplice existencia, affectiva, especulativa e activa; a poesia é a alma do culto, a sciencia a do dogma, e a industria a do regimen.

Tres grandes typos occidentaes da Humanidade, um Italiano, um Grego, e um Allemão, a personificam, pois, nos seus tres elementos, poesia ou arte, philosophia ou sciencia, e politica ou industria. Dante, o maior dos poetas, o representante da epopéa moderna; Aristoteles, o principe dos pensadores, o representante da philosophia antiga; e Frederico, o typo do dictador moderno, o representante da politica moderna.

No seu conjuncto, porém, ella é personificada por um Francez, Augusto Comte, o seu egregio e incomparavel fundador. O seu espirito, illuminado por Clotilde de Vaux, pela chamma do coração, fez succeder activamente a carreira de São Paulo, o fundador do monotheismo catholico, á de Aristoteles, o creador da philosophia antiga, transformando a philosophia positiva na verdadeira religião, depois de a ter tirado da sciencia real.

Esse longo e concatenado exordio, permite-nos entrar agora, com toda a segurança, no amago do nosso assumpto, a questão das raças humanas, provocada pelo triste e vergonhoso episodio da reprobção, no tal Convenio da Liga das Nações, da proposta extremo-oriental so-

Coordenação
especial.

bre a egualdade dessas raças. Episodio e nada mais do que isso, dizemos nós, porque, como veremos, em que pese aos taes embaixadores das embaixadas dos preconceitos de raças, o facto não tem nem póde ter, em si mesmo, o alcance que se lhe quiz dar; como é facil provar, a contento mesmo dos seus proprios autores, a não serem por demais obtusos.

Comecemos por conceber e definir, com clareza, precisão e consistencia, o que vem a ser isso de raças humanas, em que muita gente, mesmo embaixadora, saturada de cegos preconceitos, falla sem saber do que falla.

Segundo a bella e sabia concepção de Blainville, o ultimo dos grandes biologistas, raças humanas vêm a ser as variedades secundarias da especie humana, por toda parte fundamentalmente a mesma, produzidas sob a influencia dos climas, e que depois se tornam fixas, mesmo hereditariamente, após terem attingido certa intensidade modificadora. E de accordo com essa sabia theoria, simples systematisação do simples bom senso vulgar, tres são as principaes raças humanas, as raças puras e distinctas: a branca, a amarella, e a negra, duas extremas, e uma intermediaria, variedades secundarias de um mesmo typo ancestral, que superficialmente se destacam, á primeira vista, ao simples relancear de olhos, pela côr da pelle, pela contextura do pêllo, pelo formato do rosto, do nariz, dos olhos, do angulo facial, etc.

Eis ahi, pois, scientificamente explicado, pela simples acção prolongada dos climas, os locaes coefficients latitudinaes, o que vêm a ser precisamente as taes raças humanas, em que muita gente, que se tem por boa e sensata, se chafurda de prejuizos, filhos da ignorancia e da presumpção. Ao mesmo tempo, simples e sympathico, racional e moral, pautado pelo bom senso e pela moralidade; esse admiravel apanhado biologico, do eminente sabio francez, obedece, pois, ás normas precisas da sã logica, ao mesmo tempo, clara, precisa e consistente.

Modalidades secundarias de um mesmo typo ancestral, descendencias irradiadas de uma mesma estirpe fundamental, variedades accessorias de uma mesma natureza primordial, raças irmanadas de uma mesma especie progenitora, a Humanidade, o Gran-Ser, o Ente-Supremo; ellas se cifram, pois, a variedades no espaço, na distribuição geographica, na migração planetaria, de um mesmo arcabouço genesico. As raças humanas provêm assim de modificações locais, que, segundo a lei de Broussais, se limitam á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo persiste inalteravel.

Completando essa bella e profunda concepção de philosophia natural, Augusto Comte fez ver que a prolongada influencia climaterica do meio cosmico, da latitude geographica, da zona planetaria, sobre o homem, não se limitou ao seu exterior, ao seu physico, ao seu corpo; mas que se extendeu, como é natural, ao seu interior, ao seu moral, á sua alma, ao seu cerebro, que é a estatua de que o seu corpo é o pedestal. Os seus tres attributos moraes, coração, espirito e caracter, sentimento, intelligencia e actividade, tambem foram secundariamente modificados, no gráo da sua intensidade.

Assim é, pois, que as nossas tres raças, embora irmãs, differem entre si, não só pela côr e pelos outros caracteres physionomicos superficiaes, que as differenciam á simples vista, como ainda pelas suas intrinsecas qualidades moraes, embora naturalmente só quanto á sua intensidade.

Das duas raças extremas, a branca e a negra, a primeira é tão superior á segunda pelo espirito, quanto lhe é inferior pelo coração. E quanto á intermediaria, a amarella, é tão superior ás outras duas pelo caracter, quanto lhes é inferior pelo espirito e pelo coração. Podemos assim respectivamente chamar, pois, de especulativa, activa e affectiva, as nossas tres raças, branca, amarella e negra.

E é natural que assim seja, em virtude mesmo das suas respectivas situações geographicas, que a principio

tanta influencia tiveram sobre o seu physico e o seu moral. Ora, o rigor do continente negro como que estimulava a fraternidade, os dotes do coração, numa natureza como a nossa, em que as necessidades estimulam a afeição, ao envez de dispensal-a, em que o amor se desenvolve mais por obras do que por votos ou palavras. Outro tanto diremos, quanto ás faculdades intellectuaes, e ás qualidades praticas, respectivamente estimuladas pelas zonas amenas e intermediarias, primitivos *habitats* dos brancos e dos amarelllos.

Além disso, convém observar que, nas raças extremas, a branca e a negra, naturalmente preponderam os attributos extremos, o espirito e o coração, e na raça intermediaria, a amarella, o attributo intermediario, o character.

Essas caracteristicas nuanças moraes são incontestaveis a todo espirito observador, e são constatadas, aliás, pelas interessantes e tocantes narrativas dos viajantes. A perspicacia do branco, a tenacidade do amarello, e a amenidade do negro, são dessas cousas que saltam aos olhos de quem tem olhos para as ver.

A essa diversidade intensiva nas tres categorias de funcções interiores do cerebro, sentimento, intelligencia e actividade, como é natural, observamos nós por nossa vez, correspondem outras tantas nas suas duas especies de funcções exteriores, a sensibilidade e a contractilidade, os sentidos e os musculos, que estabelecem as communicações, passivas e activas, do animal com o meio, que o alimenta, estimula e regula. São a prova cabal do que dizemos: o tacto preponderante do branco, a raça do apurado tino; a audição e a visão superiores do amarello, a raça da percepção aguda; e a olfação e a gustação sobrexcellentes do negro, a raça do odor picante.

A natural musculatura avantajada da raça que prima pelas qualidades praticas do character, coroa a justeza do que vamos avançando. Ha mais ainda, e o sensualismo maior do negro, e a relativa temperança do

branco, e a intermedia ponderação moral do amarello, como que rematam as nossas judiciosas observações complementares.

E' que as tres zonas geographicas, duas extremas, e uma intermediaria, temperadas, intertropical ou destemperada, e intermediarias, primitivamente occupadas pelas tres raças, duas extremas, e uma intermediaria, a branca, a amarella, e a negra, como que naturalmente constituíram então a gamma das paixões humanas, da mesma sorte que a das côres, e a dos outros differenciaes caracteres physionomicos, nessas priscas eras, temperando-as, destemperando-as, ou ponderando-as, essas paixões. E isso numa situação, geographica, e sobretudo historica, em que o homem, em falta da Humanidade, que se interpõe, de necessidade, entre elle e o mundo, no estado de civilização, então soffria passivamente, e de modo demasiado preponderante, em estado de plena selvageria, a acção esmagadora do meio.

E' a grande lei biologica da adaptação do organismo vivo ao meio inerte, a actuar energicamente, com todo o seu brutal peso, sobre os primitivos e desprotegidos nucleos de populações humanas, ainda em estado de plena animalidade, de nudez primitiva, de lastimavel penuria, de miseraveis nomades, de mesquinhos troglodytas, exparsos sobre a superficie do nosso, então deserto e arido, e hoje populoso e fecundo planeta, a séde immutavel da nossa existencia astronomica.

E' que o rosto é o espelho fiel da alma; rosto e alma, reverberos do céu; e céu e alma, termos extremos da escala, ascendente e descendente, da modificabilidade secundaria.

Embora se trate de raças puras, e não mestiças ou cruzadas, a raça média, a amarella, é, pois, o elo géo-ethnographico entre as duas extremas, a branca e a negra. E' que *natura non facit saltus*, como dizia o grande Leibnitz, nos seus NOVOS ENSAIOS. A continuidade ou a persistencia é uma grande lei universal, a X de phi-

losophia primeira, em virtude da qual, todo estado, estatico ou dynamico, tende a persistir espontaneamente, sem nenhuma alteração, resistindo ás perturbações exteriores.

Mas o que se deu com a nossa especie, a mais modificavel, deu-se outrosim, como era de esperar, com todas as especies vivas, vegetaes ou animaes, dentro de certos limites, abarcando todo o imperio organico, o imperio de dois reinos, vegetal e animal, sobreposto ao imperio inorganico, o imperio de um só reino, o mineral. Aqui, como por toda parte e em tudo o mais, a unica differença é de grao; sendo o homem, como o mais modificavel e adaptavel dos seres individuaes, o animal cosmopolita por excellencia.

Em relação aos vegetaes, por exemplo, os mais rudimentares dos seres vivos, como é sabido, a unica differença de altitude, um dos coefficients dos climas, sob uma mesma latitude, basta para separar zonas de verduras inteiramente distinctas. E' o que nos descreve, ao vivo, no seu COSMOS, A. de Humboldt, o sabio naturalista, a proposito dos pendores dos Andes, a chamada espinha dorsal da peninsula sul-americana, verdadeiras escadarias vegetaes.

Tudo isso vem confirmar o cabal acerto da definição positiva da vida, a intima e profunda harmonia, ao mesmo tempo, especial e geral, entre o organismo e o meio. E essa harmonia é de tal sorte, que a adaptação do organismo ao meio, sem annullar a sua actividade propria, a actividade vital, que o fetichismo espontaneo confundia com a actividade material, chega ao ponto de crear as proprias funcções vitaes. Estas podem ser cabalmente definidas, com effeito, como sendo os exercicios dos órgãos, provenientes da harmonia entre o organismo e o meio.

De sorte que a especie humana, na sua migração planetaria, ao longo dos meridianos, diferenciando-se em raças distinctas, em virtude da grande lei da adaptação, não saltou bruscamente, o que não é natural, do

branco para o negro, sem a natural transição intermediária e gradativa do amarello, segundo a lei da continuidade.

E tanto quanto é possível dilatar a meditação deductiva, nesse delicado e interessante assumpto, parece-nos que essa gradação assignala outrosim as respectivas edades dessas tres raças, segundo o atestam os mais antigos monumentos historicos. Sendo a branca, a dos climas amenos, a mais antiga, a mais velha, a veterana; e a negra, a mais moderna, a mais moça, a cadete. O estado de civilisação superior da raça branca, o intermedio da amarella, e o inferior da negra, são naturalmente assignalados, pois, pelas respectivas edades cosmogonicas.

E uma observação curiosissima a fazer, e que nós o fazemos, é que as respectivas côres das tres raças são, como é sabido, os symbolos coloridos das nossas tres grandes virtudes moraes, pureza, ternura e energia, e dos nossos tres attributos cerebraes, coração, espirito e caracter, a ellas respectivamente ligados, como fizemos ver.

O branco é a immaculada pureza, a par da clareza, o primeiro caracter logico do espirito, que é o attributo caracteristico da raça branca, a especulativa. O negro é a benevolente ternura, a lutuosa nuança da magoa do coração, que é o attributo caracteristico da raça negra, a affectiva. E o amarello é a desesperada energia, é a nuança da firmeza do caracter, que é o attributo caracteristico da raça amarella, a activa.

E quanto á gradação das tres côres, o amarello é o negro esbatido, e o branco é o amarello diluido. O branco e o amarello são, pois, matizes do negro. As tres raças estão, por consequencia, assim intimamente irmanadas, sob todos os aspectos em que se as encare: na sua séde planetaria, na sua natureza fundamental, no seu tronco ancestral, nas suas côres differenciaes, etc., etc.

A fusão das raças e das côres amalgama, umas e outras, em uma só especie e uma só côr: a côr da raça preponderante, o branco, a fusão das côres do iris; e a especie das qualidades das tres raças, a humana, o centro de convergencia biocratica das especies sociaveis. E só então seremos, assim fundidos, dissipados os preconceitos de raças, uma especie digna desse nome, em tudo irmanada pelo doce e possante elo da nobre e bemdita fraternidade universal.

Parece que o supremo e benevolo destino, embora cego, mas por toda parte sympathico, como vimos, em tudo isso age com uma providencial sollicitude, dentro dos limites do relativismo scientifico.

A proposito de raças humanas, no elogio academico de Buffon, o naturalista eximio, o mestre do *savoir dire*, o primoroso estylista; elogio proferido, em sessão solemne de recepção, na Academia Franceza, a 11 de Dezembro de 1788; nas vesperas, pois, da tremenda explosão revolucionaria, que inaugurou a era moderna; o eminente Vicq-d'Azyr pronunciou um desses discursos, em que cada palavra é uma sentença. Delle destacamos, pedimos venia para o fazer, as palavras e sentenças que se vão ler; que a historia registra e guarda, nas suas mais brilhantes paginas, com o carinhoso desvelo com que ella registra e guarda essas cousas. Eil-as em destaque, no idioma das caricias familiares, como illustração do nosso meticoloso estudo, e como homenagem da nossa grata admiração:

«Nos discursos de Buffon, procura-se saber, entre os logares mais altos do globo, qual foi o berço do genero humano; nesses paineis, se pintam os primeiros homens rodeados de animaes domesticados; colonias humanas seguindo a direcção e os pendores das montanhas, que lhes servem de degrãos, para descerem ao longe, nas planicies, e a terra se povoando, no correr dos tempos, com a sua posteridade.

«Pesquisa-se nelles se ha homens de varias especies; faz-se ver que, desde as zonas frias, que o Lapão e o Esquimão partilham com as phocas e os ursos brancos, até os climas que o leão e a panthera disputam ao Africano, a grande causa que modifica os seres é o calor.

«Demonstra-se ahí que são as variações do calor que produzem as differenciações da côr e da estatura entre os habitantes do globo; e que nenhum caracter constante estabelece entre elles differenças radicaes e antagonicas.

«De um polo a outro, os homens não formam, pois, senão uma só especie; não compõem senão uma mesma familia, embora naturalmente ramificada pela variedade dos climas.

«Assim, é aos naturalistas que se devem as provas physicas desta grata verdade moral, que a ignorancia e a tyrannia têm tantas vezes desconhecido, e que, desde tanto tempo, os Europêos ultrajam, quando compram seus irmãos para os submeter, sem descanso, a um trabalho sem salario, para os misturar com seus rebanhos, e delles formar uma monstruosa e sacrilega propriedade, na qual não ha de legitimo senão o odio votado pelos escravos aos seus oppressores, e as imprecações dirigidas por esses desgraçados ao céu, contra tanta barbaria e impunidade.»

Eis o que se proferia, em pleno Paris, a URBI-ORBI, ha mais de 130 annos; não num templo, é verdade, numa NOTRE DAME DE PARIS, por exemplo, a sumptuosa metropolitana da primogenita da Igreja, e uma das obras primas architectonicas do imponente estylo gothico.

E tambem não pelo verbo augusto de um Bossuet, digamos, o Cicero das immortaes e commoventes orações funebres, a aguia de Meaux, o doutor da eloquencia, o emulo de Santo Agostinho, que é o doutor da graça.

Mas, se o pronunciava, sim, nesse outro templo de outr'ora, essa ACADEMIA FRANCEZA, dos Fontenelle e dos Condorcet; o foco da elaboração analytica da sciencia cosmologica, mathematico-astronomica e physico-chimica, de cuja evolução elles foram os seculares elos philosophicos; fundada pelo grande Richelieu, o emulo de Frederico o Grande, que é o typo do estadista moderno. E o proferia Vicq-d'Azyr, o collaborador de Haller, e eminente precursor do incomparavel Bichat, na fundação da biologia, a theoria abstracta da vida.

Nesse meditado discurso academico, monumento de saber e de virtude, de bom senso e de moral, de verdade e de eloquencia; cujos magnificos pensamentos foram elaborados pela combinação normal das imagens e dos signaes, sob o impulso dos sentimentos; dignos de Vicq-d'Azyr e de Buffon; com a imponente autoridade do saber ao serviço da moral, se reitera, em palavras vibrantes, o reconfortante principio moral da unidade da especie, através das differenças secundarias das diversas raças accessorias. E se estigmatiza outrosim, com o calor e a energia da justa e louvavel indignação, o ultraje que a cegueira e o despotismo dos Europêos, revolucionariamente desmoralisados, lhe têm infringido.

Já lá se foram mais de 130 annos depois que se o proferio, repetimos, e entretanto jamais se poderá deixar de o ler, passem-se os annos que se passarem, sem se experimentar a natural e doce emoção, o intimo e cordeal contentamento, que toda causa nobre sóe despertar nos corações bem formados, especialmente quando pleiteada pelos Vicq-d'Azyr. E ao lê-lo, o coração se anima, a alma se conforta, a inabalavel confiança no futuro se avigora, a grata veneração pelo passado se robustece, a imperturbavel serenidade no presente se affirma. E a gente se sente honrado de ser da especie que produz taes homens, e mais do que recompensado das tristezas e vexames, oriundos das lastimaveis e vergonhosas votações das Ligas quaesquer.

Não ha, pois, homens de varias especies, mas sim uma só especie de varios homens, um só typo ancestral, uma só familia humana. Dotada de uma mesma natureza fundamental, ella se estende de um polo a outro, sobre uma mesma séde planetaria, como terricola que é, sujeita a um mesmo destino, animada dos mesmos idéaes, labutando numa obra commum, e tendendo a se fundir, pelo intimo cruzamento, num typo unico e definitivo, com a eliminação consequente das raças.

E esse bello cruzamento, fecundo e aperfeiçoado, que se opera entre as raças irmãs, indistinctamente, é a prova mais cabal dessa inconeussa verdade scientifica, a unidade da especie humana.

As especies differentes, ou não se cruzam, ou quando produzem, só procriam productos hybridos, infecundos, proclama-o a historia natural.

Os mestiços provenientes da fusão das raças humanas quaesquer, como é sabido, são, ao contrario disso, os mais perfeitos e fecundos possiveis, como herdeiros que são das qualidades, moraes e physicas, dos seus progenitores. E nesse mesmo cruzamento está, a um tempo, o fecundo meio biologico do aperfeiçoamento da especie, e a cabal demonstração de que as tres raças, como irmãs que são, são as suas simples ramificações.

Que o digamos nós, por exemplo, os rebentos americanos da triplice fusão das migrações européa e africana e do aborigene americano; nós, os mestiços quaesquer, creoulos, mulatos, mamelucos, cafuses, etc. Em que e porque e o que, seja-nos permittido perguntar, temos nós que invejar dos nossos irmãos Europêos, os brancos de sangue azul sem jaça, os *pur sang*, vá lá que seja, em dotes intrinsecos, de coração, de espirito, e de character?!

Quaes as transcendentaes concepções do genio philosophico, que nós não assimilamos; quaes as sublimes producções do genio poetico, que nós não saboreamos; quaes as delicadas emoções do coração humano, que

nós não sentimos; e quaes as qualidades praticas do character, que nós não patenteamos?

Que Europeo se deleita mais e melhor do que nós, por exemplo, na meditação das incomparaveis concepções dos Augusto Comte, dos Dante, e dos Thomaz de Kempis? Das maravilhosas paginas do SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA, da DIVINA COMEDIA, e da IMITAÇÃO DE CHRISTO, esses apogeus do genio, esses breviarios da alma?

Os tão estupidos quão immoraes preconceitos de raça e de côr são, pois, uma das maiores aberrações moraes a que a anarchia moderna, o interregno religioso proveniente da dissolução, inevitavel e necessaria, do catholicismo medievo tem dado logar entre os Occidentaes.

Confrontada com as outras duas, as suas irmãs em especie, em estirpe; a raça negra, a raça desprezada, opprimida e escravizada pela deshumana cobiça europeia, que deu logar a esse crime occidental, lhes é superior, como vimos, pelo coração, pelo que ha de mais nobre e doce na nossa natureza. E como a capacidade de amar é a medida do merito, e amar sem medida é a medida do amor; nada tem que invejar, ás suas duas irmãs, a affectuosa raça de Toussaint-Louverture.

Outro tanto diremos, quanto ao character, da raça massacrada pela crueldade europeia, a intrepida raça de Marina.

E quanto á privilegiada e talentosa raça de Heloisa, a da côr da neve, feições regulares, cabellos lisos e sedosos; por mais orgulhosa que seja, a sua unica vantagem intrinseca, oriunda dos climas amenos ou temperados, que lhe couberam por sorte, é a das faculdades intellectuaes, os talentos de concepção e de expressão, em que realmente brilha.

São intrinsecamente irmãs, pois, como ramos de um tronco unico, petalas de uma mesma flôr, gomos de um mesmo fruto, attributos de uma mesma alma, componentes de um mesmo ser, o Gran-Ser, a Humanidade:

as raças de Augusto Comte, o primeiro dos brancos; de Confucio, o primeiro dos amarelllos; e de Toussaint-Louverture, o primeiro dos negros.

Por toda parte, a ordem a mais nobre subordina-se á mais grosseira, modificando-a continuamente. A ordem vital, subordina-se e modifica a mineral; a animal, á vegetal; a social, a animal; a moral, á social.

E' como dizia o incomparavel São Paulo, nas suas admiraveis EPISTOLAS, os eternos fundamentos do monotheismo occidental, «as partes as mais nobres nobilitam as mais grosseiras».

Na hierarchia natural das existencias, collocada, como vimos, depois das ordens material e vital, e antes da ordem moral; a ordem social está sujeita, pois, a quatro especies de modificadores, tres indirectos, e um directo: o do meio cosmico, o do meio vital, o do proprio meio social, e o da ordem moral.

O primeiro é o dos climas, apreciado por Hippocrates, no seu admiravel TRATADO SOBRE OS ARES, AS AGUAS, E OS LOGARES, jamais egualado até hoje. O segundo é o das raças, esboçado por Blainville, e que apreciámos linhas acima. O terceiro é o das civilisações, esboçado por Fergusson, E o quarto é o dos novadores e dos estadistas, essencialmente dado por Augusto Comte.

Eis a serie de influencias, pois, que têm modificado, no espaço e no tempo, embora secundariamente, isto é, em intensidade e velocidade, segundo o principio de Broussais, os nucleos exparsos, brancos, amarelllos e negros, de populações humanas.

Os povos têm sido modificados, pois, estatica e dynamicamente, dessas quatro maneiras: pelos climas, pelas raças, pelos outros povos, e pelos novadores e estadistas.

A actividade militar, por exemplo, abortou essencialmente entre os Gregos, e se foi desenvolver, ou mais

propriamente, se aclimar entre os Romanos, devido à diversidade, exparsa de um lado, e compacta de outro lado, nas situações geographicas de ambos. Sem duvida nenhuma, á sua privilegiada posição maritima, de «occidental praia lusitana», de amphitheatro oceânico, como tão bem o qualifica o épico da grande navegação, deveu Portugal, em grande parte, a par dos seus antecedentes historicos, a sua gloriosa missão de iniciadora do immorredouro feito. O bello e ameno céu da Italia influio não pouco, por certo, para o pronunciado gôsto artistico do seu povo.

Por outro lado, a raça branca, com maior capacidade intellectual que as outras duas, como vimos, por isso mesmo, tomou naturalmente a dianteira na marcha do progresso, como donataria do facho intellectual da civilisação. De outro lado, a acção de um Lycurgo agio profundamente sobre os costumes, as opiniões, e as instituições de Esparta, a Roma abortada. E finalmente, as invasões romanas dos barbaros septentrio-naes acceleraram, embora sem o determinarem, o estabelecimento medievo do regimen catholico-feudal.

Como é natural, porém, a acção modificadora desses diversos agentes modificadores diminue de energia, em intensidade e velocidade, á proporção que os povos progridem, que a Humanidade se constitue, interpondo-se providencialmente de permeio entre o homem e o mundo. Saneando o planeta, fundindo as raças, equiparando as civilisações, regularizando a marcha do progresso, e elevando o homem; a Humanidade tende necessariamente para um estado normal inaccessible, tanto quanto possível, pela sua serena regularidade, a taes modificadores.

O calor artificial das frigidias cidades russas, por exemplo, torna ahi, muitas vezes, a menstruação tão precoce como na calida India. E entre os estadistas, a interferencia benefica de Cesar, o eterno representante da civilisação militar, foi mais profunda que a de um Frederico, o typo do dictador moderno.

Semelhantemente, entre os dois maiores retrogrados que a historia assignala, Juliano o Apostata, e Napoleão Bonaparte, aquelle mais inconsciente, e este mais criminoso; a acção malefica do segundo, attenuada pelo peso maior dos antecedentes, pois que os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos, foi menos perturbadora, embora mais maldita, que a do primeiro. E entre os novadores, a influencia religiosa de um Moysés, o fundador do judaismo, sobre o povo hebreu, foi maior que a de Mahomet, o fundador do islamismo, sobre o povo arabe.

Nos seus magistraes DISCURSOS SOBRE OS ANIMAES, apreciando, com a sua costumada sagacidade, a natural differenciação dos sentidos entre as diversas classes de animaes; Buffon tomou, para termo de interessante comparação zoologica, estatica e dinamica, anatomica e physiologica, o homem, os quadrupedes, e os passaros, essa descendente progressão taxonomica.

As suas interessantes observações levaram-no a notar a preeminencia especial do tacto, a sensação geral e analytica da fórma, no homem, o altivo rei dos animaes. A da gustação e da olfação, as sensações nutritiva e sexual, nos quadrupedes, os desbragados brutos da criação. E a da visão e da audição, as artisticas sensações da fórma e do som, nos passaros, os cantores alados da natureza.

Essa superioridade tactil, ligada á privilegiada estrutura das suas mãos, que, com a estação bipede, constitue a primordial condição anatomica da sua ascendencia social, como observou Galeno, torna o homem, o animal sociavel por excellencia, attento, serio e reflectido, de accôrdo com o character profundamente analytico do sentido do tacto.

A lingua, a depositaria da sabedoria, na sua admiravel expressão vocabular, reflecte, aliás, esse facto biologico. Realmente, «tacto diplomatico», «falta de

tacto», «andar tacteando», etc., são outras tantas locuções de uso frequente e judicioso.

A preeminencia gustativa e olfativa dos quadrupedes, as alimarias errantes e desenfreadas, dá-lhes esses appetites vehementes e grosseiros, esses cios desbragados, essas voracidades insaciaveis, que tanto os caracterizam.

E quanto á supremacia visual e auditiva dos nossos graciosos companheiros alados, a passarada saltitante e alegre, o ornamento dos bosques e dos campos; a ella devem elles essas sensações vivas, leves, precipites como o seu alegre vôo, e amplas como a esphera celeste, cujo centro está por toda parte, e a superficie em parte alguma, onde elles deslizam garbozos, fêndendo airoosamente os ares.

Tambem ahi, entre quadrupedes e passaros, vamos encontrar, no expressivo idioma, as imagens similares, que tanto o enriquecem e avivam. «Pomba sem fel», «vista de aguia», «manha de raposa», «rapacidade de abutre», «sensualismo de bóde», «faro de cão», «voracidade de lobo», etc., são attestados disso.

As raças humanas, embora irmãs pela identidade fundamental de natureza, são, pois, secundariamente deseguaes, não só pelos caracteres exteriores, como ainda pelos dotes interiores, pelo gráo de civilisação attingido, etc.

E dado isso, que é egualmente incontestavel, qual dellas representa então o tronco commum, a especie humana, a Humanidade?

Relativo como tudo o mais, isso depende do ponto de vista em que se está. Se é o especulativo, é a raça branca, a do espirito. Se é o activo, é a raça amarella, a do caracter. Se é o affectivo, é a raça negra, a do coração. E se são todos tres intimamente englobados, são todas tres cordialmente irmanadas.

E isso tão claro como luz meridiana, tão preciso como previsão de eclipse, e tão consistente como o proprio amor. E tambem tão verdadeiro como o theorema numerico do sceptico e devasso D. Juan ($2+2=4$), tão bello como a Mulher (a deusa do lar), e tão bom como a virtude (o soberano bem).

Mas não são só as raças que são deseguaes, na nossa especie, como tudo o mais por toda parte. As gerações, os povos, as familias, os individuos, os sexos, as edades, as virtudes, os talentos, as sortes, as posições, tudo é felizmente desigual, de modo a permittir, no espaço e no tempo, o mais prodigioso progresso.

A existencia collectiva, baseada no principio da cooperação, separação de officios, e convergencia de esforços, descoberto por Aristoteles, o fundador da estatica social, a cabeça mais synthetica antes de Augusto Comte, assignala tudo isso. Essa existencia suppõe uma immensa hierarchia de tudo isso, officios, virtudes, talentos, sexos, edades, grandeza, riqueza, etc.

E o que é mais ainda, o proprio individuo varia, não é sempre o mesmo, evolue, do nascimento á morte, ao descrever a curva parabolica da vida, com seus dois ramos, ascendente e descendente. No percurso ascensional das sete phases septenaes da existencia completa, contemporanea de tres gerações; primeira infancia, segunda infancia, adolescencia, mocidade, virilidade, madureza e velhice; cada individuo differe successivamente de si mesmo, tanto quanto differe simultaneamente dos outros, a fixidez e a comunidade seguindo leis identicas.

Essa existencia completa, que finda com a morte natural, aos 91 annos de idade, é numericamente produzida pelo producto (7×13) de dois numeros sagrados, um philosophico (7), o numero normal de capitulos de cada tratado, outro esthetico (13), o numero normal de cantos de cada poema. E essas sete phases se succe-

dem segundo grupos septenaes: primeira infancia, do nascimento aos 7 annos; segunda infancia, dos 7 aos 14; adolescencia, dos 14 aos 21; mocidade, dos 21 aos 28; virilidade, dos 28 aos 42; madureza, dos 42 aos 63; e velhice, dos 63 aos 91. 7 é o menor numero duplamente primo, e 13 o menor triplamente primo; donde as suas respectivas propriedades, philosophica e esthetica.

E é nessa identidade legislativa entre a fixidez e a communidade, que assenta a solução do grande problema humano, o problema religioso, nos seus dois aspectos fundamentaes, amor e fé, regular e congregar. Regular cada natureza individual, e congregar todas as individualidades; ligar o interior pelo amor, e religal-o ao exterior pela fé; eis a summula, expressa na admiravel etymologia do vocabulo *religião*, desse magno e magnanimo problema.

Em tudo e por tudo, pois, a egualdade é uma ficção, como qualquer outro dogma theologico-metaphysico: livre exame, soberania popular, direito divino, criação sobrenatural, milagre, etc.

Nas modalidades successivas e ascendentes da nossa sociabilidade, domestica, civica e universal; a primeira se subordina á segunda, e esta á terceira. A Humanidade, o maior dos seres, o Gran-Ser, o conjuncto continuo dos seres convergentes, passados, futuros e presentes, está, pois, acima de todos e de tudo, no pinaculo da sociabilidade.

Nas quatro grandes classes normaes da sociedade moderna, proletariado, patriciado, sacerdocio e mulher, a dignidade cresce com a dependencia. No apice da gerarchia social está, pois, a Mulher, a cultora do coração humano, a providencia moral, a miniatura do céu de Calderon, o cantor castelhano *de la hermosura de la mujer*.

O gráo de civilização de um povo, observou Robertson, se mede pelo seu gráo de cavalheirismo para com a mulher. E no futuro, sentenciou Augusto Comte,

o joelho do homem só se ha de curvar deante da mulher.

Semelhantemente, e em ponto maior, na hierarchia das duas grandes civilisações, o Occidente e o Oriente, aquelle, embora mais novo, precede a este, como mais avançado, sem esquecer que é seu herdeiro e continuador. A civilização veio do Oriente para o Occidente, e se estendeu do Norte para o Sul. Orientar-se, no sentido figurado, que naturalmente se prende ao sentido proprio, é se esclarecer, procurar a verdade, que primeiro nos veio da sabedoria das venerandas theocracias orientaes, berço primevo dos costumes, das opiniões, e das instituições humanas.

O Oriente foi a séde do passado fetichico-theocratico, commum a todos os povos, que inaugurou as primicias eras da historia. O vetusto Egypto foi a veneravel mãe de toda a civilização occidental. E a Arabia, com os Aviceno, os Averrois, e os Albatenio, foi a depositaria medieva da sciencia grega, e a sua opportuna transmissora occidental na renascença.

O Occidente, por sua vez, tambem se hierarchisa, como tudo o mais. Entre as nações irmãs, que compõem, desde o incomparavel Carlos Magno, o fundador da Republica Occidental, o nucleo da vanguarda europeia, e, por consequencia, planetaria, a ordem natural de progresso é esta: França, Italia, Hespanha, Inglaterra e Allemanha.

Nessa escala internacional: a Patria de Luiz XI, a nação central, occupa a testa, como a mais progressiva; e a Patria de Frederico II, a nação léste-septentrional, fórma na cauda, como a mais militarista. Todas ellas, porém, tendo attingido o mesmo gráo de civilização, no fundo, formam como que uma mesma familia, são irmãs, mao grado as criminosas e sacrilegas guerras fratricidas, que, por cegueira dos seus governos, as têm dilacerado.

A respeito dellas, diz Voltaire, no seu O SÉCULO DE LUÍZ XIV: — «Havia muito tempo que se podia considerar a Europa christã (salvo a Russia) como uma especie de grande republica, dividida em varios Estados, uns monarchicos, outros mistos; estes aristocraticos, aquelles populares, porém todos se correspondendo uns aos outros; tendo todos um mesmo fundo de religião, embora divididos em varias seitas; tendo todos os mesmos principios de direito publico e de politica, desconhecidos nas outras partes do mundo».

Nesse nucleo occidental, a Hespanha comprehende o duplo elemento iberico, Hespanha e Portugal; Portugal, o prolongamento transatlantico do Brasil, que é a America Portuguesa. A Allemanha abrange o duplo elemento adjacente: batavo, a Hollanda, a mais adiantada população germanica desde a idade-média; e escandinavo, Suecia, Noruega e Dinamarca.

A Russia é um elemento da civilização oriental, nem sequer o primeiro, e cuja descabida e desastrada intromissão na politica occidental, agravada, desde o primeiro Bonaparte, sobretudo, pelo cego empirismo dos governos francezes, por uma condemnavel alliança hybrida, tem sido por demais perturbadora.

Na gradual elaboração desse nucleo occidental, as cruzadas, essa européa acção collectiva contra as ameaçadoras invasões musulmanas, como que foram a ultima de mão nessa admiravel communhão catholico-feudal. E por outro lado, o tratado de Westphalia, a obra prima da diplomacia moderna, o ponderador diplomatico das guerras religiosas, constituiu o melhor contrapeso do chamado equilibrio europeu.

A esse grupo de vanguarda civilisadora, se justapõem respectivamente as suas expansões coloniaes nos tres continentes, Novo, Antigo e Novissimo.

Em torno, pois, do centro geographico e politico, a incomparavel França, se grupam, apesar das descabidas presumpções protestantes, primeiro o par meridional, italo-hespanhol, e depois o par septentrional, anglo-

germanico. A legitima precedencia do avançado par néo-latino, que os seus antecedentes, gréco-romano e catholico-feudal, felizmente preservaram da aberração protestante, conservando os costumes medievos, é o desdobramento do mesmo principio que dá, á potencia central, a suprema direcção do movimento moderno.

Investida dessa iniciativa, que tanto tem de honrosa quanto de perigosa, desde o VIII seculo, o começo da segunda phase medieval; a capital da França, a succesora de Athenas e de Roma, tornou-se a metropole universal. Desde então, Paris não é uma simples cidade, é a França, o Occidente, a Europa, a Terra. E deante de Paris, como influencia nos destinos humanos, Londres, Berlim e Roma são cidades de provincia.

Athenas, Roma e Paris, taes têm sido, pelas immutaveis leis do destino, as tres capitaes successivas, de léste para oeste, da triplice transição, intellectual, social e moral, peculiar ao Occidente. E Constantinopla, que o islamismo guarda em deposito para ligar o Oriente ao Occidente, parece estar indicada, pela sua situação, historica e geographica, para ser a succesora final de Athenas, de Roma, e de Paris, a futura e definitiva metropole da Terra, regenerada e irmanada pela unica fé susceptivel de universalidade, a demonstravel fé positiva.

Tomada ao pé da letra, não tem, pois, cabimento a proposta asiatica sobre a egualdade das raças. Encarada, porém, pelo seu espirito, pelo intuito que visava, fraternal representação politica de todas as raças; salva a redacção, como de praxe, nada mais justo e nobre, e a sua approvação se impunha, em nome da moral e da razão, dos mais altos interesses humanos.

Mas então seria de desejar que se adaptasse a letra ao espirito, a redacção ao intuito, a forma ao fundo, o estylo ao pensamento, a expressão á concepção, e se dissesse a cousa como devia ser dita, fra-

ternidade real, e não egualdade fictícia. Mesmo porque assim seria talvez um entrave aos deploraveis preconceitos do grosso dos embaixadores, que porventura não ousasse affrontar tão de frente os delicados melindres da opinião publica internacional, e logo onde! na Europa, na França, em Paris, o foco da irradiação espiritual do mundo.

E' que, apesar de todas as monstruosidades governamentaes, insistamos nisso, que, explorando os prejuizos nacionaes, na nossa época de anarchia, atira as nações umas contra as outras, nesses crimes de lesa-humanidade; a fraternidade é um sentimento felizmente innato ao coração humano, e que ganha terreno de dia para dia, pois que a natureza humana naturalmente se aperfeiçoa.

Não esqueçamos, a esse proposito, que foi um estadista e chefe militar do valor de Henrique IV, o mais popular dos reis francezes, que formulou praticamente a nobre utopia positiva da paz universal, o ideal dos quakers e de Leibnitz.

E muito menos esqueçamos que, ha vinte seculos passados, já o genio latino, genuino órgão e interprete dos anhelos moraes das melhores almas, soltava, em Roma, a cidade eterna, a Athenas guerreira, a Paris de então, *in limina apostolorum*, o tão commovente quão admiravel brado fraternal do magnanimo Terencio:

SOU HOMEM, E NADA DE HUMANO EXISTE QUE ME SEJA ALHEIO.

Fallando d'elle, um Santo Agostinho, o maior doutor da Igreja, o nosso adorado patrono, entre outras cousas, com o ardor que o caracterisava, dizia o seguinte, que aqui destacamos, no idioma patrio, em seus caracteres de ouro: —

«A primeira vez que se ouviu pronunciar este bello verso de Terencio—HOMO SUM, ET HUMANI NIHIL A ME ALIENUM PUTO—, elevou-se no amphitheatro um applauso universal; não houve um só homem, em uma assembléa tão numerosa, composta de Romanos e de

enviados de todas as nações, já submettidas ou alliadas ao seu imperio, que não se mostrasse sensível a esse brado da natureza. Esse brado era novo, e é notável, eu o repito, que fosse um liberto que tivesse feito ouvir aos Romanos esse brado precursor do Evangelho.»

Depois dessas commoventes e animadoras palavras do egregio santo, Santo Agostinho, filho de uma santa, Santa Monica, e discipulo de um santo, Santo Ambrosio, traçadas ha quatorze seculos; formulemos a grata pergunta que ellas naturalmente nos suggerem. Que especie de significação, sim, póde ter, para os espiritos rectos e os corações sympathicos, esse fiasco diplomatico, *tranchons le mot*, da tal Liga das Nações, a não ser o da commiserção que naturalmente lhes vem á alma?

Pois então será mesmo isso possível, em pleno limiar do seculo XX, vinte e um seculos depois de Terencio, e quatorze após Santo Agostinho?! Em pleno Paris, num momento tão solemne da historia, logo após os monstruosos e dilacerantes crimes e horrores perpetrados, de parte á parte, pelos odios, pelos preconceitos de raças e de nacionalidades, e pela tal paz armada, esses flagellos universaes?!

Será mesmo possível que essa gente se mostre tão desalmada, tão abaixo da situação e até da critica, tão desalmada mesmo, para não trepidar em lançar esse ultraje á civilisação, como muito bem o disse um jornal japonéz, *The Times*, de Tokio?!

E' motivo de sobra, pois, para se ficar triste e envergonhado, repetimos, com essa *gaucherie* internacional, essa *désentente-déscordiale*, essa *sans façon* diplomatica, para usar da nitidez e da precisão vocabular da lingua da diplomacia, o idioma do pensamento. Pois assim é, e temos sobejas razões para dar os pezames a quem de direito. Não ás raças, aos povos, ao mundo, por certo; mas sim aos embaixadores do fiasco diplomatico, sem duvida.

E não ás raças, aos povos, e ao mundo, e sim aos embaixadores, porque tudo isso, raças, povos e mundo, paira necessariamente, no seu eterno e immutavel destino, muitissimo acima de taes figurões e fiascos. E porque, em uma palavra, tudo isso é governado por invariaveis leis naturaes, e não pelos preconceitos, pelos desvarios, pelas extravagancias de quem quer que seja, embaixadores ou desembaixadores.

A especie domina o individuo, e a vida do commum dos individuos, essa corrida para a morte, é menos que um episodio na vida da collectividade. A morte é o esquecimento, e a immortalidade é a gloria, dizia Condorcet, o pae espiritual de Augusto Comte, que é o nosso pae espiritual, o pensador das meditações regeneradoras no meio das convulsões sanguinarias, a alma da nobilissima SOCIEDADE DOS AMIGOS DOS NEGROS.

Os bons nunca morrem porque sobrevivem, além tumulo, na inolvidavel lembrança da gratidão do bem que fizeram. E os maos morrem em vida, aquem tumulo, no repulsivo desprezo do mal que praticaram.

Aristoteles, por exemplo, o preceptor objectivo de Alexandre, tornou-se o eterno preceptor subjectivo da posteridade, após a sua morte objectiva.

E os raros malvados que sobrevivem, bem poucos, aliás, para honra da especie humana, sobrevivem como os reprovados no inferno, para serem eternamente amaldiçoados.

E' o caso dos Bonaparte, por exemplo, os reprovados tyrannos, os malditos das orgias sanguinarias, os criminosos de lesa-Humanidade. Pouco importa, aliás, que a bajulação, o preconceito, e a ignorancia, de mãos dadas, e mettendo os pés pelas mãos, profanem Paris com as columnas Vendôme, os monumentos sacrilegos, e os transportes dos funestos fardos, as solemnidades escandalosas. A historia é a historia, e o juizo dos posterios não falha.

E os proprios parasitas, os que viveram *senza infamia e senza lodo*, não terão nem o céu nem o inferno, para não tornarem, está visto, aquelle menos bello, e este menos horrivel. *Non ragioniam di lor, ma guarda e passa*, sentenciou o maior dos poetas, o imaginoso Dante.

Sucia de cegos e egoistas, com todas as suas embaixadas, os que reprovaram a proposta do mikado, com perdão da palavra, como nos ensinaram a dizer na nossa querida e inolvidavel Vianna, do nosso bello e saudoso Maranhão, a minhota lacustre do Maracassumé, a *angulus ridet* da nossa dupla infancia, o Parnaso transalpino das nossas mais doces recordações infantis.

Por mais fóra que esteja das regras diplomaticas, das normas protocollares, do *savoir vivre, en un mot*; isso que ahi fica dito, pelo mestiço que somos e que nos ufanamos de ser, é a fiel expressão da triste verdade.

A Humanidade é o conjuncto contínuo dos seres convergentes, passados, futuros e presentes. Seres convergentes de qualquer natureza necessariamente, brancos, amarellos e negros; sem excluir mesmo, está visto, os proprios animaes superiores, os cães, os cavallos, e os bois, os carnivoros, os herbivoros, e os ruminantes, os nossos humildes e preciosos companheiros de trabalho e de destino.

A unidade futura da nossa especie será, pois, não só sociocratica, a comunidade dos homens, como mesmo biocratica, a comunidade dos seres vivos contra as necessidades modificaveis. As diversidades secundarias e provisórias quaesquer, de raças, de costumes, de opiniões, de instituições, de linguas, etc., fundamentalmente oriundas das diversidades locais, desaparecerão como cousas passageiras que são.

São nossos irmãos, sem duvida alguma, esses setecentos milhões de homens chamados de côr, como se o branco tambem não fosse côr, a côr proveniente da fusão das côres. Esse mundo de muito mais do terço da nossa especie, esses quinhentos milhões de amarel-

los, e esses duzentos milhões de negros, mulheres e homens, velhos, moços e crianças, espalhados pelo mundo inteiro, amando, pensando e agindo como nós.

Pouco importa, está visto, que tivessem nascido sob outra latitude, sob outro céu. Para o amor, o soberano bem, não ha barreiras, não ha fronteiras, e só ha communhão moral através de todas ellas.

E tanto assim é, que os brancos recorrem aos amarellos e aos negros, quando a braços com as inevitaveis explosões dos seus odios, dos seus militarismos, com que vivem a ensanguentar criminosamente o mundo. Delles recorrem, para guarnecerem os seus taes *fronts*, para se livrarem dos seus cruentos apuros.

Posta nestes termos, a questão muda então de figura, a chamada questão de raças ou de côr, deixa de ser uma simples questão, para se tornar uma revoltante infamia. E' o termo unico, embora rude, que lhe quadra, e que deixamos cahir do bico da penna, sem ceremonias, *sans façons*, sem tirar nem pôr, sem pedir perdão da palavra nem nada.

Encarado em si mesmo, já o dissemos e repetimos, esse desastrado voto não tem o alcance que se lhe quiz dar. Apreciado como deve, elle nada mais é do que um mero symptoma da desordem que reina nas camadas dirigentes da sociedade, a burguezia egoista e palavrosa.

O mundo é necessariamente governado por leis naturaes invariaveis. E não o é seguramente pelos decretos, mais ou menos arbitrarios, dos que, a cada momento, bem ou mal, e pelo manejo das intrigas, occupam as posições de mando.

E' preciso não pedir á legislação, dizia Montesquieu, aquillo que só os costumes podem dar. As raças ficaram tão deseguaes com a reprovação da proposta japoneza, convenhamos, como teriam ficado eguaes com a sua approvação.

O que monta arcar contra o destino? perguntava Dante. Não deixamos absolutamente de ser irmãos, como filhos da Humanidade, de nos querer bem, nós, brancos, amarelllos e negros, só porque assim, e não assado, o entenderam os taes sujeitos do tal Convenio.

E' como se elles decretassem, por exemplo, a revogação do duplo movimento da terra, o *e pur si muove* de Galileu, o nosso duplo regulador chronometrico, ou qualquer outro facto natural.

Mas, além disso, é forçoso dizer que a tal Liga das Nações, a nosso ver, não representa as nações, como é facil provar. O que representa então? Os governos das nações, e não as nações dos governos, que são cousas muito differentes, convenhamos ainda.

Ora, das quatro grandes classes, mulher, sacerdotio, patriciado e proletariado, que constituem o fundo das sociedades modernas, é extraordinario! nenhuma está representada nessa Liga das Nações a seu modo. Ah! só figura, e isso mesmo muito mal, a burguezia, que não é uma classe, mas sim uma misselania de destroços do passado e de germens do futuro.

Essa burguezia tende a desaparecer, como excrecencia politica que é, fundindo-se a sua cabeça no patriciado, e a sua cauda no proletariado, classes normaes. Ella está de posse provisoria dos governos, desde 1789, em substituição da realza e da aristocracia degeneradas, cujos vicios herdou, sem lhes ter herdado as qualidades.

Ha uma mudança a fazer, pois, no usurpado nome da tal Liga das Nações; mas essa sensata, e não disparatada. E vem a ser substituil-o, dando o nome á cousa, pelo adequado nome de Liga dos Governos das Nações, porque só os governos das nações, e não as nações dos governos, ahí estam realmente representados.

A partir do XIV seculo, o Occidente está atravessando a maior das transições revolucionarias que o mundo tem transposto até hoje.

É a tempestuosa passagem, do regimen theologico-militar provisório, para o regimen scientifico-industrial definitivo.

Façam o que fizerem, panacéas ou expedientes, emplastros ou ingredientes, para tentarem galvanizar os cadáveres da theologia e da guerra; isso é tão possível como resuscitar os mortos. A sociedade caminha para o seu futuro pacifico-industrial, sob o immutavel predominio das leis da sua evolução, com a fatalidade com que o seu planeta descreve a orbita elliptica em torno do foco solar.

A maior e mais funesta dessas tentativas reaccionarias, verdadeiros crimes de lesa-progresso, de tão triste memória, acabou naturalmente por se desmoronar sobre a propria cabeça do seu sinistro autor, atirando-o num bem merecido presidio, para socego do mundo. Consistio ella na orgia militar de Napoleão Bonaparte, o maldito heróe retrogrado.

Durante uma meia geração, ensanguentou elle a Europa, de ponta á ponta, e transformou sacrilegamente a gloriosa França, o monstro! seduzida pelo seu incuravel charlatanismo, em instrumento de tyrannia. Massacrrou povos, e saqueou templos, museus, thesouros, palacios e lares, de modo a tornar o nome francez, dantes tão querido, por muito tempo odiado.

Seja como for, porém, por um lado, as cruzadas constituem o ultimo grande serviço social do catholicismo, o ultimo modo que a theologia comportava. E de outro lado, a batalha de Lepanto, digno complemento da de Salamina, assignala o termo das glorias militares.

A partir dahi, das cruzadas para a theologia, e de Lepanto para a guerra; dêm-lhes os nomes que quizerem, glorifiquem-nas á vontade. Aquella, a theologia, se transformou em clericalismo retrogrado; e esta, a guerra, em sanguinario crime.

Não ha para onde appellar do aresto da historia, estejamos certos. D. João d'Austria é o ultimo heróe da

civilização militar. E os missionarios cruzados são os ultimos representantes da phase progressiva da sabedoria catholica.

Desde o seu começo, essa transição revolucionaria foi dirigida por duas classes connexas e transitorias, convem esmiuçar. Os metaphysicos e os legistas, os sophistas e os rhetoricos, foram os órgãos, espirituaes e temporaes, da demolição revolucionaria, especialmente adaptados a uma tal missão dissolvente.

Tão certo é que, em regra, o que é necessario, mesmo para demolir, existe. Surgiram elles dos antigos poderes, clero, realeza e nobreza, e em breve se tornaram naturalmente seus rivaes.

Esses dois elementos se concentraram, especialmente em França, nas universidades e nos parlamentos, focos de seu ascendente critico-transitorio. E foram especialmente destinados *ad-hoc*, á demolição da ordem antiga, tornada retrograda e oppressiva.

Uma vez conseguido o seu objectivo inorganico, e posto o problema da reconstrucção organica, para o qual são radicalmente incapazes; taes elementos, com todos os seus habitos e preconceitos, constituem hoje um serio estorvo á regeneração social.

Com a marcha natural da revolução, da sua corrente negativa, os juizes, os melhores legistas, tenderam a ser substituidos pelos advogados, os peiores chicanistas. E os metaphysicos, por sua vez, pelos litteratos e pelos jornalistas, os ultimos órgãos da anarchia occidental.

Tal é, em magistral resumo, a situação metaphysico-legista, em que ora nos achamos embaraçados. Ella perdurará necessariamente emquanto se operar a lenta, porém inevitavel e segura, regeneração social, que se está naturalmente operando.

E' que, segundo a mais profunda sentença politica do XIX seculo, devida a Danton, o verdadeiro estadista da revolução, — «Só se destróe o que se substitue».

Situação essa de interregno espiritual, favorável ao ascendente revolucionário das mediocridades quaesquer. E' della que decorre a funesta anomalia, peculiar á nossa triste época, de chefes retrogradados á testa de populações progressivas.

Eis ahí o que explica, por exemplo, a conducta, anarchica e retrograda, dos embaixadores das Ligas dos Governos das Nações, como já chamamol-as, dando os nomes aos bois, como se diz.

Representantes dos governos das nações, e não das nações dos governos, fizemos ver, e escolhidos, em regra, adrede ou a dedo, elles naturalmente fazem *pendant* com os preconceitos dos seus committentes. E dahi essa vergonhosa reprobção, por maioria brutal, da fraternal proposta asiatica, como consequencia desse tão estúpido quanto immoral preconceito de côr.

Deixaram-se passivamente arrastar pelo anarchisado governo do mais anarchisado meio social, o dos dollars, onde indecorosamente impera, com o seu cortejo de horrores, esse inqualificavel preconceito. E dahi, taes individuos, mettidos a embaixadores, sem se darem conta, o não hesitarem em dar essa triste cópia dessa profunda anarchia, que nos assoberba.

Até ha bem pouco tempo, de 1871 até 1914, os adoradores dos successos da força bruta, do brutal militarismo, á porfia, viviam a nos atarantar com as taes supremacia da raça germanica e decadencia da raça latina. E' historia dos nossos dias, podemos narra-la de *visu*, e não apenas de oitiva.

Bismarck era então o *nec plus ultra* dos estadistas, e Moltke era o estrategista sem par. Saber o allemão era, por si só, attestado de alta e invejavel cultura, a *Cultura germanica*, com C maiusculo, por causa das duvidas, para não se confundir com outra.

Guilherme II, o reprobado de hoje, era o *succo* da governança, como ora se diz, nessa giria da subservien-

cia e da leviandade dos tempos que correm. É isso a tal ponto, a tal extremo, que a moda dos seus próprios bigodes, por chiquismo, dava a moda aos bigodes da moda.

No monstruoso militarismo allemão, nesse então nem é bom fallar, porque era a quinta essencia das essencias.

Germanizar o nosso pobre Brasil, substituindo a sua decadente raça latina, pela raça de escol da preeminencia teutonica, era tudo para nós, a nossa unica salvação, a nossa almejada Chanaan. Isso se dizia e se escrevia, como prova de profundo saber, a esmo, como tantas outras cousas, e sem pejo de especie alguma, nem pessoal, nem domestico, nem civico.

Chegou-se até a inventar, o que não custa nada, uma lei natural, a do *struggle for life*, e uma theoria scientifica, a da *selecção natural*, para scientificamente se dar conta dessa avassaladora ascendencia ethnica. E' que assim, sem nenhum dispendio, como que a cousa ficava assentada de pedra e cal, ao abrigo das refutações quaesquer.

Alludindo aos seus compatriotas, com a isenção de animo dos espiritos superiores, Goethe dizia textualmente, e A. de Humboldt o corroborava, que os Allemães têm o dom de tornar as sciencias inacessiveis.

Pois bem, ao envez disso, os nossos germanistas, para não dizer os nossos pedantes, na inintelligivel metaphysica germanica, só viam a ultima palavra em methodo e em doutrina, isto é, em clareza, precisão e consistencia, e em previsão, o duplo criterio philosophico do methodo e da doutrina. Abundando nas mesmas disparatadas idéas, como caboclos da mesma aldeia, os nossos officiaes, em regra, regressavam da Alemanha, militaristas *enragés*, monarchistas *à outrance*, de bigodes a kaiser, e abarbados com umas complicadas e espalhafatosas continencias, de metter medo á nossa pacata burguezia.

No meio de tudo isso, dessa fascinação, desse deslumbramento, qual calamitoso furacão, lá veio a guerra, e com ella a derrota da Allemanha, e lá se foi tudo por agua abaixo, e tudo mudou de face, sem o menor *sans facon*, da noite para o dia, do pé para a mão.

E' a raça latina que tudo vale, a germanica para nada presta, como barbara e decadente; e a tão apregoadada cultura germanica desce a ser illusoria. O kaiser desthronado tornou-se o alvo predilecto dos insultos dos seus mesmos incensadores de hontem, que ora o injuriam, é bem de vêr, com o mesmo criterio com que outr'ora o elogiavam.

E nessa insensata e descarada reviravolta, se chega ao ponto, ao sacrilegio, é o termo, de banir o estudo da lingua allemã, o vocabulario das meditações de um Leibnitz e das idealizações de um Goethe, esse thesouro philologico! Quem quer que reflecta sobre essas cousas, por pouco que seja, póde lá tomar isso ao serio?

E aprofundando bem essa questão de raças, no meio desse immenso cruzamento, de tudo quanto é raça, que se está operando por toda parte, em todas as latitudes, de um polo a outro, vem a pêlo perguntar onde está essa raça pura, de sangue azul, sem mescla, cahida do céu por descuido, para fazer questão de raça, para pretender se collocar acima de nós outros, os pobres terricolos?

A partir sobretudo das invasões dos barbaros, na idade-média, se está operando, em larga escala, a fusão das raças historicas ou sociologicas, a latina, a germanica, a anglo-saxonia, etc., elaboradas pelas civilizações.

E a partir essencialmente da expansão colonial do Occidente, na época moderna, se está outrosim operando, de *fond en comble*, a fusão das raças geographicas ou latitudinaes, a branca, a amarella, e a negra, diferenciadas pelos climas.

Assim encarando e esmiuçando de perto a questão, ao abrigo das paixões que cegam, e á luz do bom senso e da moral que illuminam, o duplo e seguro guia

da razão, é que se vê com que cegueira e paixão essa gente se mette a fallar dessas cousas, nessa algaravia vasia de sentido e recheiada de palavreado.

A Allemanha, é preciso que se diga, é a grande Patria de Kempis, de Leibnitz, e de Frederico, o poeta, o pensador, e o estadista egregios. Os extraordinarios e inolvidaveis serviços prestados, ao mundo inteiro, por esses tres grandes typos da Humanidade, quando mais não fosse, por si sós bastariam para impor a Patria que os produzio á veneração e ao reconhecimento de todas as almas esclarecidas.

Kempis é o maior dos mysticos, é o incomparavel pintor da *Imitação de Christo*, o maravilhoso quadro da natureza humana, o eterno breviario dos cultores do coração, embellezado pelos versos de um Corneille. Leibnitz é o emulo de Descartes, é o genial fundador do calculo infinitesimal, o magistral coroamento da philosophia mathematica. E Frederico é o typo do dictador moderno, é o eterno representante da phase moderna da historia universal, é o emulo de Cesar e de Carlos Magno, os supremos representantes da antiguidade e da idade-média.

Eis ahi, em summa, o que é a Allemanha, a sua portentosa e imprescindivel missão civilizadora, no concerto fraternal das nações.

Arrastada, pelo Governo de Guilherme II, a uma criminosa guerra, no começo do seculo XX, ella o foi como, pelo Governo de Napoleão I, a França tambem o foi, no começo do seculo XIX. O povo allemão é um grande povo, e o assombroso progresso industrial em que elle ia, de marcha batida, açulando as rivalidades industrialistas, basta para attestal-o.

As laboriosas colonias allemãs domiciliadas entre nós, são verdadeiros modelos de colonização; e o sangue allemão, já de ha muito, nos corre nas veias, de povo de origem colonial, de filhos de todas as raças.

Essa maldita guerra foi um doloroso episodio na sua gloriosa historia. A grande Patria irmã, que mereceu o entusiasmo de uma Mme. de Staël; a nobre Patria de Frederico, o Grande, o amigo e protector dos D'Alembert, dos Maupertuis, e dos Voltaire, como a França de 71, vai se levantar de novo. Com a dolorosa e fecunda experiencia dos grandes infortunios, e desvenilhada do seu funesto cancro militarista, ella vai cicatrizar as suas feridas e retomar o seu brilhante e insubstituivel papel, na vanguarda occidental da civilização, de que é o segundo elemento do par septentrional, anglo-germanico.

Uma nacionalidade não succumbe, quando tem atraz de si o glorioso passado, e na sua frente o deslumbrante porvir da Allemanha. Contra as cupidas extorsões dos governos alliados, contra o tratado imperialista, para honra da França, do Occidente, da Europa, e da Terra, já protestou felizmente o socialismo francez, o ultimo estado honroso e perigoso do conjuncto dos instinctos revolucionarios.

Foi a alma popular da generosa Patria de São Luiz que lançou, em nome da fraternidade humana, esse generoso protesto, em pról da Republica irmã, e contra o tratado, não de paz, mas de guerra, odio e expoliação. E a alma, não menos generosa, da Patria de José Bonifacio, não deve ficar atraz em cavalheirismo.

O iniquo tratado não recuou deante dos interesses de 60.000.000 de almas, e não respeitou sequer a delicada e respeitavel sorte de dezenas de milhões de velhos, mulheres e crianças, como não esqueceu outrosim o opio e o protectorado, essas vilanias dos governos desmoralizados. E' que elle é o *ajuste de contas* das odientas *revanches* desse velho octogenario, o truculento espadachim, que se abeira do tumulo com a alma a transbordar de fêl.

E ahi se falla em processar o kaizer, como o criminoso responsavel pela guerra! E os responsaveis pelos recentes crimes de Madagascar, do Transwaal, de Cuba,

da Tripolitania etc., em face desse insolito prurido antimilitarista, ficarão porventura impunes? Ou é que a guerra só é crime quando européa?!

E demais, apurando bem as cousas, com o devido criterio, teria sido só o Governo do kaiser o unico responsavel pela guerra? Manter nas patrias o monstruoso militarismo e o pesadelo das *revanches*, e levianamente se espantar com as guerras que fatalmente advem, é como que atravancar os lares de explosivos e de odios, e ingenuamente se escandalizar com as supervenientes explosões dos odios e dos explosivos.

A estúpida e immoral paz armada, mantida e acariciada por todos os governos, não tinha transformado a Europa, de um extremo a outro, em um monstruoso viveiro de odios, em uma verdadeira praça de guerra, em um formidavel arsenal de destruição? No pé em que as cousas tinham chegado, o conflicto era tão inevitavel, como o é, por exemplo, a explosão de uma caldeira submettida á desmesurada pressão.

E' que, da mesma sorte que o mundo cosmico, o mundo humano, social e moral, tambem é governado por immutaveis leis naturaes, que não se infringem impunemente. E é justamente por isso que a sabedoria antiga deu ao homem o tão adequado nome de *mundo pequeno*.

E' demasiado cedo para se escrever a historia, não nos apressemos; quem ha de escrevel-a não serão, por certo, os protagonistas ou os comparsas do calamitoso drama, mas sim, e seguramente, a imparcial e indefectivel posteridade.

O juizo definitivo dos posteros póde tardar, é verdade, mas é inevitavel e infallivel, não é menos verdade. A incomparavel aureola de um S. Paulo, o verdadeiro fundador do catholicismo, esperou nada menos de 18 seculos por um Augusto Comte, o incomparavel fundador do positivismo, para refulgir com todo o seu magnifico e incomparavel brilho.

Partida a espada kaiserina, como se fazia mister, que levianamente vivia a ameaçar céos e terras, com os arreganhos das suas fanfarronadas, no estulto desvario napoleónico de que é a força bruta que governa o mundo, está tudo acabado por esse lado.

Ao inimigo que se rende, dizia o magnanimo herói grego, dá-se uma ponta de ouro para passar. E ser para com o vencido piedoso, dizia o grande poeta hespanhol, é ser duas vezes victorioso.

Nem processo, nem meio processo, para satisfazer os odios de quem quer que seja. Guilherme Hohenzolern é hoje o hospede de uma nação, e está sob a protecção do dever de hospitalidade de um povo, o povo hollandez, e de uma rainha, a rainha Wilhelmina. E' um pallio sagrado, esse que o protege das iras dos seus rancorosos inimigos, respeitado, aliás, entre os proprios selvagens.

Napoleão I, muito mais criminoso do que Guilherme II, ainda hoje, mais de um seculo depois dos seus crimes, tem admiradores, e na propria França! E aliás era elle o patrono do militarismo prussiano, como naturalmente o é de todos os militarismos.

A' testa de francezes, massacrou e saqueou, como um desalmado que era, o aventureiro Corso! sem respeitar nem vidas, nem brios, nem crenças, nem tradições, nem sexos, nem edades, nem reliquias, nem propriedades, nem cousa alguma, levando tudo a ferro e fogo, e despoticamente riscando nações do mappa da Europa. E durante 16 annos, uma meia geração, assolou o continente como um verdadeiro cataclysmo, e tudo espesinou como um possesso. Um dos maiores empenhos do Congresso de Vienna, como é sabido, foi restituir os roubos que elle commetteu por onde andou devastando.

A memória funesta desse homem maldito entre os malditos, esse Attila moderno, esse flagello do diabo e não de Deus, esse corypheu dos odios internacionaes, essa lugubre bandeira do odiento e odioso militarismo,

ainda hoje prolonga, além do tumulto, os immensos males que elle fez em vida. É que elle revive, como os reprovados no inferno, para ser eternamente maldito.

O kaiser e o kronprinz, os chefes do militarismo prussiano, tinham-no naturalmente por modelo. De sorte que elle teve o seu quinhão, embora subjectivo, nessa infamissima guerra.

Que muito é, pois, que Guíllherme II, estribado nos mesmos preconceitos nacionaes, numa época de anarchia como a nossa, encontrasse nos seus compatriotas, e apenas por 4 annos, o mesmo deploravel apoio que Bonaparte, por mais 12, encontrou nos delle? As columnas Vendôme e os tumulos dos Invalidos, os monumentos sacrilegos, ainda hoje, mais de um seculo após a sanguinaria orgia, não profanam Paris, máo grado os conselhos de Augusto Comte e as indignações populares?!

Somos insuspeitos para ter essa linguagem, que a nossa incomparavel fé nos impõe como um dever sagrado. A França é a nossa segunda Patria, como o era para Jefferson, o maior dos estadistas americanos. Queremol-a como os que mais a querem, e por isso mesmo almejamol-a generosa e grande, em tudo e por tudo.

Mas a França é para nós, os filhos espirituaes do maior dos seus filhos, tudo o que ha de nobre, e, como tal, só a representam os que têm nobreza para isso. Ter nascido na França é o menos, ter a alma cavalheiresca da Patria de Bayard: *le chevalier sans peur et sans reproche*, é que é a questão, é que é a pedra de toque.

Os Robespierre, os Marat, os Bonaparte, e os Thiers, os doutores em guilhotina, os monstros sanguinarios, lá nasceram, para sua eterna vergonha; mas isso não os protege, por fórma alguma, da execração publica a que fizeram jus os seus imperdoaveis crimes, e, ao contrario, aggrava-a. Os Augusto Comte, os Descartes, os Richelieu, os Henrique IV, os Corneille, os Molière, os Bichat, os Lavoisier, etc., eis os seus legitimos e genuinos representantes.

Somos os Francezes da America, como nos chamam; sem deixarmos de ser os Portuguezes do Brazil, como nos chamamos. Portugal é o Brasil europeu, e Brasil é o Portugal americano. As nossas tradições, que cultivamos com carinho, são meridionaes, é verdade, mas primeiro que tudo são ibericas.

Assim sendo, não nos podemos esquecer, por exemplo, de que os horrores peninsulares, praticados pelos tristes instrumentos e sequazes do famigerado Bonaparte, tornaram, em nosso idioma, *Francez synonymo* de perfido e hypocrita. E não nos podemos esquecer, porque o esquecimento é tão facultativo em moral, quanto o é em arithmetica.

Insuflem á vontade, pois, os nossos figurões ou medalhões, os seus confrades pedantocratas, que não nos deixaremos levar por isso, que agimos por affeição, e pensamos para agir. *Res, non verba*, como avisadamente diziam os nossos avós latinos.

Estudamos o francez com empenho e o portuguez com carinho; aquelle nos vai do espirito ao coração, mas este nos vai do coração ao espirito. Ciosos da nossa vigorosa raça lusitana, tão rica de gloriosas tradições, do seu glorioso papel historico; queremos os nossos Gama, Albuquerque, Magalhães, Camões e Pombal, como se póde querer neste mundo.

Mas depois do Brasil-Portugal, o Reino-Unido de 1815, o par da intima confraternidade lusitana, segue-se no nosso amor, o soberano bem, a incomparavel Patria de Santa Jeanne d'Arc, a virgem-heroína, canonisada por Augusto Comte, o primeiro papa do positivismo, muito antes de o ter sido por Benedicto XV, o ultimo papa do catholicismo.

A verdade precisa da França, dizia o grande De Maistre; e a França precisa da verdade, dizemos nós por nossa vez, como fecho das considerações fraternaes que ahí ficam.

São muitíssimo outros, seguramente, para honra nossa, que não os dos taes embaixadores, os sentimentos e as disposições dos arcanos da alma da Patria de José Bonifacio, de Felipe Camarão, e de Henrique Dias, não ha duvida nenhuma.

Quem se consola não ama, e quem não ama é leviano e ingrato; dizia o terno Vauvenargues, o reorganisador da cultura do coração.

Descendentes coloniaes de brancos, amarelllos e negros; seus filhos, no rigor do termo; estamos scientes e conscientes disso.

Não nos consolamos, por consequencia, das dolorosas lutas de raças, que ensanguentaram o solo patrio, na tormentosa elaboração ethnica da nossa nacionalidade, no alvorecer da nossa existencia collectiva, ao soltar ella o seu primeiro vagido.

E não somos levianos porque amamos, e de muito, essas tres raças, cujo sangue sentimos correr nas nossas veias, se fundiram no nosso sangue, que é mais denso do que a agua, como dizem os Ingлезes.

Herdeiros naturaes das suas preciosas qualidades intrinsecas, de coração, de espirito, e de character; aos nossos venerandos paes ancestraes devemos e agradecemos o que desvanecidos somos.

Aos Portuguezes, as nossas faculdades intellectuaes; aos Africanos, os nossos dotes affectivos; e aos Americanos, as nossas qualidades praticas.

E é desnecessario dizer que estamos satisfeitos e contentes com o que somos, com o que elles nos fizeram.

Nas côres das nossas cutis, nos traços dos nossos rostos, nos caracões dos nossos cabellos, nos attributos das nossas almas, estão estampados, por fusão, por fecundo e proficuo cruzamento, as côres, os traços, os cabellos, os attributos das almas, dos nossos antepassados das tres raças, brancos, negros e amarelllos.

E essa fusão, e esse cruzamento, são tão nossos, tanto nos elaboraram, por tal fórma, que, como o

nosso sabio Patriarcha, o inolvidavel fundador da nossa nacionalidade, sentimos que só seremos um povo digno desse nome, quando na cutis de qualquer de nós, pegado a esmo, não se distinguir mais qual das tres raças preponderou em nós, por terem todas tres irmãmente preponderado.

Então sim, seremos um povo digno dessa «famosa peça inteiriça de architectura social,» adequado nome que «o architecto ousado» deu ao nosso vasto e maravilhoso territorio.

Tal é o arcabouço ethnico da grande Patria Brasileira, a selvagem PINDORAMA dos Tupis, o castelhano ROSTRO HERMOSO de Vicente Pinzon, a surprehendente VERA CRUZ de Alvares Cabral, a acariciada SANTA CRUZ de El-Rei Nosso Senhor, o fabuloso EL-DORADO de Americo Vespucci, e o caro BRASIL da rubra Ibirapitanga.

A sua indole e a sua historia, o seu genio e a sua chronica, o seu passado e o seu futuro, a sua ordem e o seu progresso, como é natural, ahí estam de antemão contidos em germens, qual voluvel borboleta na chrysallida embryão.

E o que vale tudo isso, indole e historia, passado e futuro, genio e chronica, ordem e progresso; que o digam a doçura dos nossos lares, a hospitalidade da nossa gente, o brilho dos nossos annaes, a melodia da nossa lingua, o pacifismo das nossas revoluções.

Que o digam, sim, a meiguice das deusas dos nossos lares, as almas das nossas vidas, as vidas das nossas almas, e a protophonia do nosso idioma sonoro, e o cavalheirismo da nossa raça mestiça. Que o digam, oh! sim, os 7 de Setembro, os 13 de Maio, e os 15 de Novembro: as Independencias a golpe de Estado, as Abolições com flores, e as Republicas á salva de artilharia.

E' que valem ouro, o seu peso em ouro, essas bahianada e gaúchada mestiças, obscuros heróes da

Patria amada. Com ellas, o legendario Osorio, o Cesar dos pampas, a troco de cachaça e tres mezes de soldo, quaes desencadeados leões, nos ferozes «entreveros» campaes, em torno do AURI-VERDE PEN-DÃO da esperança, e apesar das velhacarias dos Estero Bellaco, rechassava as formidaveis avalanches paraguayas, achanava as desenvoltas ondas guaranyes.

E' que, serenadas as lutas primitivas, congregate as raças competidoras, no bemdito e maravilhoso solo patrio, os cathecumenos dos Anchieta, os Apostolos do Brasil, os missionarios das selvas, bem aprendidas as lições recebidas, se vão confraternizar, que é um gosto, nas aras da redempção nacional.

E isso se opera tão a peito e com tal intensidade, que o mulato Gonçalves Dias, o cantor dos Tymbiras, filho de um branco com uma negra, vae consagrar a sua maviosa lyra a cantar a outra raça, a da côr do ambar. E que o mestiço Castro Alves, o cantor dos Escravos, filho das tres raças, vae consagrar o seu arrebatado estro a cantar a da côr do ébano.

Essa gradual e ascendente confraternidade, operada sob a assistencia religiosa do catholicismo, é que explica a extirpação pacifica e festiva, embora revolucionaria, do cancro escravocrata, que a desmoralisada colonisação europeia nos legou, e que custou rios de sangue á anarchisada Patria de Jefferson, o maior estadista americano. E' ella que tambem impelle

... o grande Andrada, esse architecto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão...

fundada a nacionalidade, a formular os seus admiraveis projectos de emancipação do negro e de catechese do selvagem. E' ella outrosim que leva o egregio Benjamin Constant, em momento opportuno, a fundar a Republica, de modo incomparavel, no glo-

rioso centenario da grande crise occidental, sob os augustos e bemditos auspícios da incomparavel religião, que se resume na fórmula sagrada—

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

Dado tudo isso, esse generoso impulso nacional, e abstraindo das situações, dos governos, das chancellarias, dos protocollos, de toda essa trapalhada, em summa; imaginemos agora um José Bonifacio ou um Benjamin Constant, os fundadores da Patria e da Republica, os benemeritos servidores objectivos, e eternos representantes subjectivos do Brasil, a nos representarem nesse Convenio internacional. Ah! com que generosidade de sentimentos e generalidade de pensamentos, não o fariam elles, de modo a poderem até reagir sobre o grosso dos embaixadores retrogradados.

Ninguém é livre de recusar as demonstrações que comprehendeu, nem mesmo de se furtar ás opiniões dominantes do seu tempo e do seu meio. A especie domina o individuo; e a situação, sobretudo historica, nos governa.

Podemos desafiar, por exemplo, os maiores tyrannos ou pedantes, um Bonaparte, que foi ambas as cousas, a um tempo, a que neguem o movimento da Terra, a pesada da lua, etc., embora ignorem as demonstrações e as possibilidades das demonstrações de taes cousas.

Com que autoridade, moral e mental, os dois eminentes Brasileiros não apoiariam a nobre iniciativa do representante japonês, depois de tel-a convenientemente modificado, attraíndo para nós a attenção do mundo! Não fantasiemos, nesta nossa conjectura, sobre o brilhante papel que então estaria reservado, e que tanto nos apraz imaginar, aos dois eminentes discipulos americanos de Diderot e de Augusto Comte,

o encyclopedista e o positivista, o naturalista polyglota de onze linguas, e o eloquente geometra do verbo arrebatador.

As opiniões governam e transformam o mundo, estejamos certos disso.

Os proprios episodios da grande vida dos dois grandes vultos, bastam como panno de amostra do que elles valiam e de que eram capazes. Narremos apenas tres, que é o quanto basta; um daquelle, e dois deste, passados entre elles e os dois Pedro, I e II, o malcriado e o pedantocrata da familia de Bragança, os nossos dois unicos imperadores, de 1822 a 1889, duas gerações.

Nas vespervas do 7 de Abril, em uma conferencia em palacio, presidida pelo imperador, insistiam com José Bonifacio para salvar a situação, acceitando a presidencia do Conselho, o que era secundado pela propria imperatriz. Deante da formal recusa do venerando ancião, voltando-se então para elle, o marquez de Barbacena lhe disse:—Pena, Sr. conselheiro, é que ou eu não tenha os talentos de V. Ex.^a, ou V. Ex.^a não tenha as minhas manhas.—Cousas impossiveis de consiliar são essas, Sr. marquez, porque se V. Ex.^a tivesse os meus talentos, não teria as suas manhas; replicou o estadista da politica da moral e da razão.

Agora, quanto ao nosso caro e inolvidavel Benjamin Constant, que tivemos a ventura de conhecer, o querido mestre, o homem mais eminente que temos conhecido até hoje, no correr da nossa existencia, o que melhor idéa nos deu, ao vivo, da verdadeira grandeza humana, moral, intellectual e pratica. Logramos ser seu discipulo por duas vezes, em 1886 e em 1889; e dessas memoraveis lições que delle recebemos, de geometria cartesiana, e de calculo das variações e das differenças finitas, jamais nos esqueceremos, por mais que vivamos.

Como é sabido, elle entrou sete vezes em curso para professor de mathematica, a sciencia da

sua vasta e profunda cultura, tirando sempre o primeiro lugar, e só logrou, no governo do «magnanimo» Pedro II, ser nomeado substituto da cadeira de cálculo da Escola Militar da Praia Vermelha, de saudosa lembrança.

Vago o lugar de cathedrático, annos depois, o monarcha fazia questão que o mestre entrasse em novo concurso, para ser provido nessa vaga. Por seu lado, este entendia, e muito bem, que não tinha cabimento essa exigencia, que bastavam as provas dadas que já tinha dado, em publico, em sete concursos, das suas habilitações, e que a sua nomeação, sem novo concurso, era até uma reparação, que lhe era devida, por tantas preterições soffridas.

Todas ás vezes que se encontravam, fosse onde fosse, o imperador insistia para que o professor se inscrevesse no concurso, e este recusava se inscrever. Enfadado naturalmente com tal insistencia, Benjamin acabou por perguntar a Pedro II, si afinal elle se resolvesse a entrar em concurso, se S. M. o nomearia, ao que este respondeu de prompto que sim.—Pois procederia V. M. muito mal, replicou o destemido mestre, porque assim aquiescendo eu afinal, depois do que vos tenho dito e redito, teria dado uma pessima prova de character, que me inhibiria de poder cumprir os elevados deveres do professorado.

E' preciso que se note que as razões de Benjamin, embora depois de muito tempo, acabaram por prevalecer, e que elle foi afinal nomeado cathedrático, como era de inteira justiça, sem novo concurso.

De outra feita, foi o mestre convidado para leccionar mathematica aos dois netos do monarcha, os principes D. Pedro e D. Augusto, filhos da princeza D. Leopoldina. Logo numa das primeiras lições, tendo o desventurado D. Pedro tomado uma postura inconveniente, o brioso mestre o reprehendeu, e em palavras tão altas, que chamaram a attenção do imperador e da imperatriz, que logo ali vieram ter. Em presença

de ambos, Benjamin reiterou a reprimenda, e declarou que não mais voltaria a lecionar os príncipes, o que naturalmente fez.

Nem se nos venha fallar, reatando o fio do discurso, em fantasticos perigos de depreciação de mão de obra, de salario proletario, pela entrada, em nossos portos, de immigrants asiaticos, Japonezes, Chinezes, ou outros quaesquer, a proposito da questão de egualdade de raças. Razões de advogado, e calculos de agiota, taes argumentos só servem para depor contra os seus incompetentes autores.

Senão, vejamos, esmiuçando criteriosamente a questão.

Em primeiro lugar, em face da nossa liberrima Constituição, a mais adeantada do mundo, não tenhamos duvida, seria nada menos que illegal, além de immoral, de falta de fraternidade, o pretender fechar os nossos portos aos nossos irmãos, amarelllos ou azues, que espontaneamente queiram vir collaborar connosco, no engrandecimento da Patria da liberdade espirital.

E demais, seria até irrisorio o querer repellir a corrente immigratoria para este colosso territorial de 8.500.000 kilometros quadrados, em conta redonda, a quinta potencia territorial do mundo, com area para uns 500.000.000 de habitantes, na modesta média normal de 60 habitantes por kilometro quadrado. E colosso esse que só conta com uma mesquinha população de uns 25.000.000 de almas, que nem sequer chega para povoar um só dos seus seis maiores Estados. Amazonas, Matto Grosso, Pará, Goyaz, Minas Geraes e Bahia.

E quanto ao tal barateamento do trabalho nacional, pelo trabalho barato do Chinez ou do Japonez; isso então é mais serio ainda, porque é mais delicado, porque toca o sentimento, a pedra de toque de todos nós.

Por mais novidade que pareça, depondo contra o nosso infrene egoismo e a nossa supina ignorancia; é preciso que se reconheça que o trabalho, a acção real e util do homem sobre o mundo, não comporta nem exige pagamento. Trabalho caro ou barato é, pois, grosseirismo de apreciação.

Em sociologia, a sciencia da sociedade, como em arithmetica, o calculo dos valores, só se podem comparar e, com maioria de razão, identificar, grandezas da mesma especie, homogeneas ou isomeras.

Salario, dado seja no que for, moeda ou especie, é cousa material, é a porção do capital material que o operario recebe, para substituir o que elle e os seus consomem, já como provisões de sustento, já como instrumentos de officio.

E' claro, por consequencia, que a unica comparação e equivalencia a estabelecer, como quantidades isomeras que são, e, por consequencia, comparaveis, é entre o que é consumido e o que é recebido, entre as reaes necessidades do lar proletario, e o que lhe deve ser dado para dignamente se manter. Isso sim, é, além de racional, eminentemente moral.

Quanto ao trabalho, porém, já não é assim, e como cousa de natureza moral que é, só paga de natureza tambem moral póde naturalmente comportar e receber. Trabalho suppõe honestidade, intelligencia e coragem; e quem não os tiver, não trabalha, não póde trabalhar, vae mendigar o pão de cada dia.

Não basta ter physico, mesmo robusto, para trabalhar, como é o caso extremo, por exemplo, dos loucos robustos; além de que não ha instrumento bom na mão de operario ruim. Physico e moral, corpo e alma, como as duas partes geraes da natureza humana, são outrosim, por consequencia, as duas condições humanas que o trabalho requer.

Trabalho é dever, é concurso que se presta ao bem geral, e a unica paga que naturalmente comporta, de ordem moral como elle, é a intima satisfa-

ção do cumprimento do dever, e a natural gratidão do serviço prestado.

Tudo isso é tão claro e fóra de duvida, que basta ser dito para ser entendido e acceito; salvo quando se é ou estúpido ou immoral, ou ambas as cousas. Mas como Danton, também só nos dirigimos aqui aos que receberam algum talento politico, e não a esses homens estúpidos que só sabem escutar as suas paixões.

Pretender pagar com salario o trabalho do operario, é o mesmo que pretender pagar com moeda os desvelos de uma mãe.

Essa extravagante distincção entre congruas, subsidios, ordenados, etc., e salario, é invenção pendantocrata do egoismo burguez. Deixemo-nos de prosa, todos nós somos assalariados, uns mais, outros menos, e tanto mais, como é natural, quanto mais recebemos.

De sorte que, sommadas as contas, os menos assalariados de todos nós, ao contrario do que se pensa, é justamente o operario, porque é o que menos recebe, o que não deixa de ter sua graça. Sommadas as contas, porque nessas cousas de raciocinio, de logica, não ha nada como a mathematica, a theoria das contas, a logica por excellencia, o corrosivo da chicana, o desmascarador do embuste, vamos e venhamos e convenhamos.

Não é atôa que o povo, com o seu atilado bom senso, falla em «certeza mathematica», como o typo da exactidão, o tira duvidas e teimas, de tudo e de todos, como logica, está visto.

Não deve, pois, de haver salario barato nem caro. O dever do operario é trabalhar com dedicação e pericia; e o do patrão é dar-lhe, do capital social confiado á sua guarda, o necessario para o digno sustento d'elle e dos que d'elle vivem.

A propriedade nem é um roubo, como querem os anarchistas; nem tão pouco o direito que tem o individuo de usar e abusar daquillo que lhe pertence. E o que é curioso é que só é um roubo quando jus-

tamente o individuo usa e abusa daquillo que lhe pertence; o que naturalmente combina, em uma só fórmula exacta, as duas fórmulas inexactas, anarchista e jurista.

O que vem a ser então a propriedade? Como a virtude de Aristoteles, vem a ser o meio termo entre essas duas noções oppostas, isto é, a instituição social que garante a posse pessoal da fortuna social, para ser administrada segundo o interesse social.

De plano, repetimos a palavra *social*, tornando-nos redundantes, para accentuar bem a cousa, ao abrigo dos sophismas, para dar bem a lição, como que a banhando de profusa luz meridiana. E' que estamos numa desgraçada época semelhante a de Euclides, a da demonstração por absurdo. E' que os nossos sophistas são da força dos seus paes gregos, senão piores do que elles.

Seja como for, o que fica apurado e liquido é que o dever do rico é tratar o operario como irmão, como collaborador, como chefe de familia, e não como pária; é dar-lhe o salario que permitta a essa familia viver ao abrigo da miseria e do luxo, esses dois males a seu modo.

O velho, a mulher, e a creança, devem ser carinhosamente poupados a todo trabalho exterior, e ser mantidos no lar, de que são os mais bellos ornamentos. As mulheres e as creanças são as flores e os frutos da sociedade, dizia Bernardin de Saint-Pierre; e os velhos são os seus venerandos troncos ancestraes, dizemos nós por nossa vez.

Tudo o que não for isso, é immoral, é revoltante, é pomo de eterna discordia entre capital e trabalho, força concentrada, e força dispersa.

A sociedade se compõe de familias, e não de individuos, e a familia, e não o individuo, é o seu elemento irreductivel, a sua cellula plastica.

Em Logica, em Physica, e em Moral, a trilogia dogmatica, um systema qualquer, segundo o espirito fundamental do methodo infinitesimal, só é decompõe-

nível em elementos da mesma natureza, somente menores: uma fôrma, em fôrmas; um corpo, em corpusculos; uma sociedade, em famílias. Infinitesimal, corpusculo e família; eis as concepções lógicas fundamentaes da Logica, ou sciencia do Espaço, da Physica, ou sciencia da Terra, e da Moral, ou sciencia da Humanidade, as trindades dogmatica e cultural.

A família é o fio da urdidura da trama social, e o individuo é uma pura abstracção. Voltaire dizia, com razão, que nunca tinha visto um Allemão, um Grego, um Italiano, etc.; mas sim povo allemão, grego, italiano, etc. E a razão é obvia, é que é o povo que necessariamente dá o cunho ao individuo, e não o individuo ao povo.

Politicamente encarada, a família prolonga, por um novo elo, por um novo fio de urdidura, a sociedade actual. E moralmente apreciada, ella prepara, pela educação da prole, a sociedade futura.

O casamento é a mais perfeita das amizades, embelezada por uma incomparavel posse mutua. E o que o berço dá, só a cova tira.

Por outro lado, o capital é social na sua origem, e deve ter, por consequencia, um destino tambem social. Capital é conjuncto de grupos duraveis de productos materiaes, proprios á satisfação das nossas necessidades: produzidos pelas gerações passadas, em proveito das gerações futuras. Os ricos são depositarios dessa herança publica, são funcionarios publicos, por conseguinte.

Já lá se foi, na voragem dos tempos, o autocratico tempo do *l'État c'est moi* de Luiz XIV; é já aqui se veio, na successão dos acontecimentos, o sociocratico tempo dos *comptes rendus* de Necker.

Para todos e tudo, o são criterio da moral, em nossos dias, é o supremo interesse publico, é o *salus populi suprema lex esto*, do povo que até hoje melhor desenvolveu o civismo. E' como dizia Metastasio, nem siquer foi digno de nascer, quem suppõe que nasceu só para si.

Faça-se tudo isso, que será a consequencia necessaria da necessaria reorganisação positivista da sociedade, em via de consummação; e lá se irão, como um pesadello passageiro, as guerras, as misérias, as prostituições, as pestes, as greves, todos esses dolorosos flagellos, irmãos na origem e nos males.

Salario para a familia, sete horas de trabalho, dois dias de descanso semanal, casa para o lar, educação da prole, etc., etc. E tudo entrará nos eixos, andará macio, como nau veleira em céu de bonança, mar de rosas, e vento de feição, e teremos então o ambicionado paraíso na terra.

Mas, para tudo isso, é preciso que a fortuna, ora fragmentada e dispersa, se accumule e se concentre, pois que grandes deveres supõem grandes forças, e que o rico se regenere. Em uma palavra, incorporação social de um proletariado, que apenas está acampado na nossa sociedade anarchisada.

Dedicação dos fortes pelos fracos, e veneração dos fracos aos fortes; eis o segredo da mais completa e bemdita harmonia social.

Que venham, pois, esses immigrants, asiaticos ou não, Japonezes, Chinezes, ou outros quaesquer, labutar connosco neste *El Dorado* de Americo Vespucci. Que venham fundir o seu ambar de raça amarella, com a nossa polychromia de mestiços das tres raças; cambiar esses olhos rasgados, com estes olhos redondos.

A Patria não se leva nas solas do sapato, é verdade; mas, para onde quer que o destino nos leve, se a leva no coração, que é o seu logar, o seu nicho.

A unidade da especie humana, que se está elaborando, requer a fusão completa de todas as raças, de todos os costumes, de todas as opiniões, de todas as instituições, de todas as linguas. E essas migrações não têm outra significação, outro destino, que não esses, o anseio pela fusão, e a sua consummação.

E que nos importa a nós, néo-latinos, que os governos plutocraticos dos Estados Unidos da America do Norte, procedam assim ou assado? Como povo meridional que somos, néo-latino e catholico, não é lá que estam os nossos antecedentes historicos, mas sim na incomparavel França, já o dissemos e repetimos.

Na hierarchia natural dos povos occidentaes, como vimos, o nosso lugar é o terceiro, ao lado da cavalleiresca Hespanha, e o dos nossos irmãos do Norte é o quarto, ao lado da industrialista Inglaterra. Somos mais avançados, pois, do que elles, embora mais pobres, e mais pobres por enquanto. Nada temos, pois, que lhes imitar, no terreno da sociabilidade.

Se adoptámos o presidencialismo, por exemplo, e banimos, de uma vez por todas, o palanfrorio do parlamentarismo, tão caro aos vãos parladores, digam o que disserem, foi pelos mesmos motivos porque fizemos a separação dos poderes espirital e temporal, porque adoptámos o lemma Ordem e Progresso, porque prescrevemos a liberdade profissional, porque repellimos o divorcio, etc.; tudo graças ás bemditas convicções positivistas de Benjamin Constant, o fundador da Republica.

Nada temos que aprender com essa anarchisada Babylonia dos mormons, dos protestantes, dos preconceitos de côr, dos guerreiros da secessão, etc. Com os seus, ou antes, com os nossos Jefferson, Franklin, Washington, etc., sim, temos que aprender, estamos aprendendo, temos aprendido, porque a cousa muda de figura.

Somos de origem catholica, repellimos o protestantismo, e ao catholicismo devemos a formação da nossa alma, e embora emancipados, temos por esse monumento a reconhecida veneração, que elle nos merecerá sempre, e não os protestos sectarios da semi-putrefacção revolucionaria.

Mas sejamos justos para com todos, ricos e pobres, grandes e pequenos, governantes e governados, e dei-

xemo-nos de paixões que cegam, para sermos ouvidos, como o queremos ser.

A divindade Mulher, a melhor personificação da Humanidade, faz o homem à sua imagem, como mãe, esposa e filha, pela ternura, para ser governado pelo coração. Essa é que é a nossa verdadeira génese, physica e moral, corporal e cerebral.

Qual barro, qual sopro, qual costela, qual seducção, qual peccado original!

De Bonald, o emulo de De Maistre, na escola retrograda, deu uma das melhores definições da Mulher que conhecemos.—«A amiga natural do homem.» Uma das melhores, achamos nós, *et pour cause*, como diria o inimitavel La Fontaine, por nos ter tocado de muito perto a corda sensível do coração reconhecido.

Omne vivum ex ovo, segundo o grande Harvey, o immortal biologista da theoria positiva da circulação do sangue.

Feituras do amor, physiologico e moral, da nossa amiga natural, em que o papel do homem é secundario; é pelo amor que se nos leva, até para o inferno, mas sobretudo para o céu, a nós os homens, pois que o coração é a nossa mola real.

Cançamos de pensar, e mesmo de agir; só de amar não cançamos, nem de dizer que amamos. Isso proclamou o austero Augusto Comte, num momento de arroubo, embevecido nos arrebatadores olhares, dos *ochi smeraldi*, da sua, ou melhor, da nossa encantadora e adorada Clotilde. Ha lá alguma cousa por ahi comparavel ao amor!

Já alludimos á nossa provecta idade madura, o terror dos egoistas, e a placidez dos altruistas, o nosso biquinto anniversario, a delicada quadra da existencia, em que, a conselho de Dante, se deve começar a colher

os cabos e a amainar as velas do barco da vida, por causa das avarias do velho casco, que tornam os escolhos e os temporaes cada vez mais perigosos, nessa viagem, nessa travessia do berço para o tumulto, o curso dantesco para a morte. Tudo isso nos convida a sermos precatados, a sermos ponderados, e justos para com todos.

Os fundamentos basicos das instituições humanas, são os costumes e as opiniões humanas. E assim sendo, perguntamos nós, com sobejas razões, quaes os costumes e as opiniões, dos nossos anarchizados tempos, de relaxação de costumes, e de debate de opiniões, que possam porventura servir de alicerces ás instituições correspondentes?

Serão porventura essa exausta theologia, catholica, protestante ou deista; essa metaphysica negativa, ideologica ou psychologica, mero dissolvente dessa theologia, tornada retrograda e oppressiva? Serão essas ficções theologico-metaphysicas, ingenuas e absurdas, em que ninguem mais acredita, que cahiram por desuso: paraíso, purgatorio, inferno, direito divino, soberania popular, etc.?

Fazer taes perguntas, e dar-lhes de antemão a resposta, é quasi que a mesma cousa: a tal ponto a resposta a dar está como que gravada em todas as consciencias, nos seus mais intimos recessos.

Os mortos não resuscitam, e a theologia e a metaphysica, as crenças provisoria e transitoria, já de ha muito tempo que estão mortas, depois de terem desempenhado as missões, provisoria e transitoria, que o destino lhes confiou, na successão das edades.

O bom senso popular já condensou, no idioma gentil, e numa fórmula sceptica, a dissolução catholica:—*Roma veduta, fé perduta.*

E é preciso que nos convençamos disso, porque estão em jogo os mais serios e graves interesses humanos.

Somos insuspeitos, porque não somos atheus, e porque temos, pelo monumento catholico, a mais profunda veneração.

Estejamos certos de que a unica disciplina religiosa dos nossos tempos, de plena positividade, vem a ser a dos sentimentos humanos, pessoaes, domesticos, civicos e universaes, esclarecidos pelas leis naturaes, logicas e physicas, que nos dominam.

Na sua natural evolução, ficticia, abstracta e positiva, o espirito humano, individual e colectivo, obedece, na successão dos tempos, a uma lei tão irrevogavel como, por exemplo, a do isochronismo das pequenas oscilações do pendulo simples. E quem não anda desanda, diz o proverbio vulgar.

Amar o bem por amor do bem, e não com medo de um eterno castigo, ou com esperança de uma bemaventurança eterna; pois que o premio da virtude é a propria virtude, e o castigo do mal é o proprio mal. Através mesmo do egoismo theologico, foi sempre esse o nobre ideal das mais nobres almas do catholicismo.

Isso faz lembrar o singular encontro de São Luiz, na Palestina, com a velha do facho aceso e do balde cheio d'agua, destinados a tocar fogo no céu, e a apagar o fogo do inferno, para que se não fizesse mais o bem com esperança num e com medo do outro.

Em uma palavra, viver para outrem, afim de reviver em outrem, por outrem. Amor da Humanidade, em lugar de temor de Deus; devotamento humano, em lugar de devoção divina.

Cultura do coração, do espirito, e do caracter, baseada no conhecimento da leis naturaes que os regem. Em summa, reorganizar sem Deus nem rei, pelo culto systematico da Humanidade.

A palavra *religião*, uma das mais bem constituidas de todo o vocabulario, o é tão bem que, em si mesma, ella comtem toda a theoria geral da unidade humana. Termo composto de um derivado do radical

ligar e do prefixo *re*, elle mostra nitidamente que a nossa disciplina moral requer um duplo elo, amor e fé, ligar o interior pelo amor, e religal-o ao exterior pela fé.

O amor, que começou por ser material com o fetichismo, se tornou divino com o theologismo, e acabou por ser humano com o positivismo, primeiro amor domestico, depois civico, e por fim universal.

Em summa, espontanea, inspirada, revelada e demonstrada; eis a natural marcha progressiva da religião, através da eterna cadeia dos tempos. E o homem é cada vez mais religioso, eis a lei que resume toda a philosophia da historia.

A transição revolucionaria, em cujas extremas raías nos achamos, começou no XIV seculo, o tempestuoso raiar da era moderna. Durante esses seis seculos decorridos, se operou a gradual dissolução, primeiro espontanea, e depois systematica, protestante e deista, do regimen catholico-feudal, peculiar á edade-média, e ultimo modo de organização theologico-militar.

Foram suas principaes explosões politicas: a revolução da Hollanda, sob Guilherme o Taciturno, contra o jugo exterior; a da Inglaterra, sob Cromwell, em prol da regeneração interior; e a da França, sob Danton, no sentido de uma reorganização completa e universal, segundo o programma dos encyclopedistas, a immortal escola philosophica do XVIII seculo.

Costumes, opiniões e instituições do passado, tudo se foi derrocando aos poucos; ao mesmo tempo que, aos poucos tambem, e mais lentamente ainda, se foram construindo os elementos, poesia, sciencia e industria, da futura reorganização social.

O acabamento dessa lenta, porém segura reconstrução social, que exigio cinco seculos de final elar-

boração, permittio ao genio de Augusto Comte, illuminado pela chamma do coração de Clotilde de Vaux, pôr a ultima de mão, em 1854, na inabalavel systematização religiosa desse futuro.

Além daquellas explosões politicas, a ascendente marcha revolucionaria é caracterizada, no terreno espirital, pela subordinação, no principio do XVI seculo, dos cleros nacionaes aos governos locaes, mediante o surto do regalismo, que transforma o papado degenerado em simples principado italiano.

Os funeraes de Luiz XIV, em 1715, assignalando, a um tempo, a desmoralisação do governo, e o desprezo do publico, já permittiria prever a grande crise de 1789, a taboa rasa revolucionaria, se tivesse sido possivel instituir então uma verdadeira theoria historica, cujo preambulo, logico e scientifico, cosmologico e biologico, estava por acabar de elaborar.

Estamos nas ultimas raias, pois, dessa decomposição revolucionaria do catholicismo e do feudalismo, os elementos, espirital e temporal, do ultimo regimen, necessariamente provisorio, que a theologia e a guerra comportavam, na successão dos seculos, máo grado a pretensão protestante. Em nossos dias, assim anarchisados, tantas cabeças quantas sentenças, como se diz.

Não temos nem podemos ter opinião publica constituida, pois que ella suppõe necessariamente uma triplice condição, tres elementos *sine qua non*: uma doutrina commum, órgãos dessa doutrina, e uma força para apoia-la. A força é o proletariado, a doutrina é a sciencia, e os órgãos são os pensadores positivos, sem a menor duvida.

Mas tudo isso, ou mais propriamente, o ascendente de tudo isso, ainda está em via de elaboração, e na quadra tempestuosa que atravessamos. Isso é uma dessas cousas que resaltam aos olhos dos mais vulgares observadores.

Transição metaphysico-legista, como já o dissemos, a sua direcção coube, de necessidade, aos sophistas e aos rhetoricos, classes hybridas, oriundas dos antigos poderes, espiritual e temporal, em dissolução crescente, e elementos, espiritual e temporal, da revolução.

Simple paródia, por consequencia, da doutrina e da organização exaustas; dois principios negativos, o dogma ontologico do livre exame, e a ficção legal da soberania popular, lhes serviram de fundamentos, espiritual e temporal.

Instituidos necessariamente de accordo com o espirito critico da dissolvente doutrina das entidades abstractas, como é natural, elles desconhecera, por completo, o dogma fundamental das leis invariaveis, maximé nos complicados phenomenos da existencia social. Assim é que todos os individuos, sem o menor preparo, foram julgados capazes de decidir todas as questões politicas, e de escolher os estadistas, pelo anarchico suffragio universal.

Em uma palavra, os principios anarchicos do direito humano e da soberania popular, substituiram os dogmas retrogrados do direito divino e da soberania sobrenatural, no duplo governo, espiritual e temporal, da sociedade em transição revolucionaria.

Tal é, em resumo, a anomala natureza, toda ella negativa, dos democraticos governos actuaes, os extravagantes governos, ou melhor, desgovernos do povo pelo povo. Instituidos pelos conluios eleitoraes, as empreitadas da fraude e da violencia, e chafurdados nos sophismas constitucionaes; elles são, e não podem deixar de ser, os meros mandatarios dos interesses subalternos desses mesmos conluios, que os forgicam a seu modo e á sua imagem.

Os povos têm os governos, não que merecem, como erroneamente se diz, mas que as suas situações comportam, como acertadamente dizemos.

Em tempo de eleições, ficam suspensas as garantias da honra, dizia José Clemente. O resultado das urnas é como o do jogo de azar, senão peor; e dellas tudo póde sahir, menos estadista, ou cousa que o valha. Ora, voto se pesa, e não se conta, pois que vale pelo valor, moral e mental, de quem o dá ou o emette.

No frontespicio dos nossos palacios governamentais, como que está estampada, em letras de fogo, a tremenda inscripção do inferno dantesco: — LASCIATE OGNI SPERANZA, VOI QU'ENTRATE!

E aos raros que ousam reagir contra um tal estado de cousas, está reservada, em regra, a dolorosa e deploravel sorte dos benemeritos e desgraçados Balmaceda. E aos que, forçados pela força das circumstancias, digamos assim, como os impollutos Benjamin Constant, ahi penetram, ás voltas com bordados que lhes queimavam os pulsos, e com pastas que os empastavam; todo empenho, devido á natural revolta do brio, é se desempastarem o mais depressa possivel.

Mas como os Benjamin Constant e os Balmaceda são raros, sejamos equitativos, seria exigir demais do vulgo dos politicos incompetentes e intrigantes, que elles se desprendessem, do pé para a mão, da noite para o dia, dos preconceitos e das cubiças das suas camari-lhas geratrizes.

Mas como o progresso é uma grande lei natural, como nada monta arcar contra o destino; apesar dessas situações, desses conluios, dessas camarilhas, e desses governos, a evolução continúa sem parar nunca, sob o irresistivel impulso de um immenso passado, que nos domina cada vez mais.

Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos; eis a grande lei da continuidade humana.

Não nos preocupemos demasiado, pois, com os extravios dos politicos, ou dos politiqueiros, como os chamam por ahi, e encaremos o futuro com a inabalavel

confiança do crente das leis naturaes. O homem se agita, e a Humanidade o conduz.

Para dar-se conta do estado mental dos actuaes governantes, basta dizer que, para taes personagens, a politica é o habil manejo da fraude e da violencia, a sciencia são o charlatanismo médico e a chicana juridica, e a poesia é a banalidade empolada e obscena.

Tal é, sem tirar nem pôr, e antes pôr que tirar, o quadro fiel da nebulosa situação metaphysico-legista, que surgiu, no inicio do passado moderno, após as cruzadas, como puro dissolvente do regimen catholico-feudal, completamente exaustivo, depois de nove seculos, do V ao XIV, de predominio normal.

O governo é o órgão systematico da reacção do conjuncto sobre as partes. Assim sendo, é claro que governo normal suppõe necessariamente situação normal, isto é, costumes e opiniões de conjuncto, de cuja reacção sobre as partes, elle é o órgão.

Não os havendo ainda, como ainda não os ha, temos que nos conformar, fazendo da necessidade virtude, com o anormal estado de cousas que disso naturalmente resulta. Quem não tem cão, caça com gato, diz o conhecido proverbio vulgar. Os homens representam instituições oriundas do passado.

Com a sua genial penetração, Leibnitz dizia que o presente está prenhe do futuro. E a ordem philosophica dos tempos, accrescentava elle, não é a sua ordem chronologica; em lugar de dizer, passado, presente e futuro, precisaria dizer, passado, futuro e presente.

Como todo organismo vivo, e mais que qualquer outro, a Humanidade faz surgir, do seu proprio seio, os elementos, mesmo anormaes e provisórios, indispensaveis á sua vida. Por outro lado, em virtude da grande lei da persistencia, as instituições humanas, mesmo as anormaes e provisórias, não podem ser

substituídas de um momento para outro, e só são destruídas quando são substituídas, o que requer que se dê tempo ao tempo, como se diz.

O regimen academico, o viveiro dos nossos homens publicos, estreita a razão, fana a imaginação, secca o coração, e degrada o caracter. Essa é a triste bagagem moral, que, em regra, elles levam para o exercicio dos cargos publicos. E' uma situação anormal e provisoria, pois, essa que ahí está.

Infrinjam escandalosamente a nossa incomparavel Constituição, porém, e interpretem os nossos governantes as nossas leis a seu modo, e decretem os médicos, as vaccinas, e as drogas ou panacéas que entenderem. Porque nós outros, dando naturalmente de mão a tudo isso, para que absolutamente não lhes reconhecemos nenhuma especie de autoridade, nem moral, nem mental, nem legal, continuamos a desfrutar, mesmo á larga, a inalienavel liberdade de consciencia, que os nossos costumes, as nossas opiniões, e as nossas instituições, nos garantem, em toda a sua plenitude.

Não precisa naturalmente das vossas estrambolicas interpretações legislativas, isto é, da vossa chicana, srs. estrambolicos interpretadores legislativos, é claro, quem aprendeu a raciocinar, em Logica, com os Archimedes e os Lagrange, em Physica, com os Galileu e os Newton, em Moral, com os São Paulo e os Thomaz de Kempis, e em tudo isso, com os Augusto Comte.

Isso posto, vendo nas nossas leis o que claramente lá está, e não o que confusamente chicanes, é obvio; haveis de convir que continuemos a montar guarda aos nossos lares, contra o perigo imminente dos vossos empiricos médicos, das vossas infecciosas vaccinas, e das vossas venenosas drogas, das quaes podeis fazer o uso e até o abuso proprio que bem vos convier.

E isso simplesmente e louvavelmente para não morrermos da cura cavallar, esse imminente perigo charlatanesco, esse mal muitissimo maior que o da molestia. E assim, vamos vivendo como Deus é ser-molestia ou da velhice, que é a melhor das molestias; o que já é uma grande cousa, uma especie de lança em Africa, numa época em que a morte pela cura é um dos maiores factores do obituario.

Viva a gallinha com a sua pevide, de preferen-cia a morrer, mesmo pedantescamente, da cura da sua pevide; diz o bom senso popular, esse atilado mestre do saber. Morrer pedantescamente, sem du-vida, o é succumbir com todos os sacramentos acade-micos ou doutoraes, desse mortifero mistiforio de diag-nosticos, injeccões, drogas, bacterias, conferencias, isolamentos, prophylaxias, vaccinações, o diabo que os carregue, em summa; e tudo isso, como se já não fosse o bastante, coroado pelo rebarbativo e agoreiro vocabulario gréco-romano.

A separação entre o poder espiritual e o poder temporal, consagrado pela nossa sabia Constituição, é o principio fundamental da politica moderna, é a obra prima social da sabedoria humana. Esboçada ha dezenove seculos, pelo catholicismo—QUOD CÆSARIS, CÆSARI; QUOD DEI, DEO,—, ella constitue o cunho caracterisco do regimen republicano, em que a poli-tica se subordina á moral.

Sacerdocio e governo, eis os dois poderes, pois, que respectivamente dirigem as vontades e os actos, duas cousas muitissimo distinctas. O primeiro é theo-rico, e o outro é pratico; de sorte que a sua sepa-ração, em nossos dias, é tão nitida quanto o é a que existe entre a sciencia e a industria. Conselho e mando, vontades e actos: eis as suas nitidas e dis-tinctas attribuições.

O papel do governo, como força material que é, é manter a ordem material, e nada mais do que isso. Tudo o que diz respeito á consciencia, ao fôro intimo, é da alçada do poder espiritual, e escapa á do governo, por falta de competencia philosophica e de autoridade legal.

Do mesmo modo, e com maioria de razão, porque não vamos ouvir o governo, e muito menos em nossos dias, sobre uma questão de mecanica celeste, por exemplo; muito menos vamos consultal-o, é obvio, sobre pathologia ou therapeutica, digamos.

A Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus. Cesar é o governo; e Deus é a Humanidade, de quem Deus é o precursor subjectivo, tendo os Augusto Comte para supremos interpretes. Nada mais claro, preciso e consistente, e inabalavel, por consequencia.

Esse é o precioso espirito fundamental, e essa é a lettra expressa da nossa liberrima e incomparavel Constituição. Se assim a não comprehenderam, srs trapalhões, a culpa não é della nem nossa, mas da vossa inveterada chicana, ao serviço do vosso cego egoismo.

Dizer descaradamente, *tranchons le mot*, que a liberdade profissional, por exemplo, tão nitidamente assegurada na Constituição, só se refere a quem tem o tal diploma academico, o carimbo pedantesco, é como se nos dissessem que a lei que libertou os escravos africanos, só se referia aos negros que já não eram escravos, por já terem sido libertados.

Tão bom como tão bom, absurdo por absurdo, extravagancia por extravagancia, chicana por chicana.

E se assim não sophismaram a lei da liberdade do negro, como o fazem com a da profissão do cidadão, não é que não fossem capazes disso, justiça se lhes faça, mas sim porque o caso era mais serio. A paixão estava mais em jogo, o exercito, impellido por Benjamin Constant, já tinha ensarilhado as armas, recu-

sando-se humanitariamente a capturar os negros fugidos. Era até de «boa politica», pois, ser abolicionista, embora a seu modo, por causa das duvidas.

A propria devisa da nossa incomparavel Bandeira, é um admiravel resumo do nosso incomparavel regimen republicano. Com effeito, conciliar a ordem e o progresso é o nó de toda a difficuldade da politica moderna, a politica do interesse publico, a politica da subordinação á moral, a politica do amor por principio.

Amor, ordem e progresso, como vimos, é a trilogia inherente á nossa triplice natureza, moral, intellectual e pratica. O amor por principio, é a ordem por base; o progresso por fim: devisa sagrada da religião natural. Ordem e progresso: sua devisa philosophica e politica, a um tempo. Amor: lei do dever e da felicidade, soberano bem, medida do merito, medida desmedida.

A proposito da adopção republicana desse sabio lemma, ha uma curiosissima observação a fazer, que até aqui não havia sido feita, e que mostra a sua admiravel filiação historica com o nosso passado.

De facto, como é sabido, a devisa predilecta de Diogo Feijó, o energico representante da phase regencial, era esta—SEM ORDEM NÃO HA PROGRESSO. Ora, essa devisa, sob melhor fórma, mais bem expressa, é a actual—ORDEM E PROGRESSO. De sorte que, um padre catholico foi o precursor de um pensador positivista, em semelhante instituição.

Ordem e progresso são a tal ponto as duas condições politicas essenciaes, que qualquer situação sufficientemente definida, como a nossa de 1831, as faz sentir a todo espirito mais ou menos clarividente. O progresso é o desenvolvimento da ordem emanada do amor, e a ordem é a consolidação do progresso impellido pelo amor.

Mas além disso, as devisas da Inconfidencia—
LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN,—e da Independencia—
A Sã POLITICA É FILHA DA MORAL E DA RAZÃO,—
tambem prepararam, a seu modo, a admiravel fórmula
republicana, como passamos a ver.

Ora, a liberdade consiste, por toda parte, na
completa submissão ás leis proprias a cada caso.
Um grave cãe livremente, por exemplo, quando se-
gue, sem estorvo, ás leis descobertas por Galileu,
isto é, quando cãe na vertical, e com uma veloci-
cidade proporcional ao tempo de quêda, ou com uma
accleração constante. Desde que escorrega sobre um
plano inclinado, como foi o caso da experiencia ga-
lileana, já não cãe livremente.

Semelhantemente, o homem procede livremente
quando cumpre os seus deveres, obedecendo ás leis
de sua natureza, sem coacção de qualquer especie.

Essa é a noção positiva ou scientifica de liber-
dade. A noção negativa ou metaphysica, ao contra-
rio, a fazia consistir no arbitrio; e isso a tal ponto,
que *liberal* chegou a ser synonymo de *libertino*, como
o mostra o radical commum dos dois vocabulos.

A liberdade, pois, é a condição da ordem e do
progresso, que tambem suppõem, como vimos, o predo-
minio das leis naturaes. A infracção dessas leis, que
não se faz impunemente, conduz á coacção, á desor-
dem, e ao retrocesso, ao mesmo tempo.

E quanto á sabia devisa do sabio patriarcha,
basta reflectir que a razão é que nos revela a or-
dem, o arranjo que por toda parte resulta das leis
naturaes, e que a moral, a subordinação do egoismo
ao altruismo, é o progresso por excellencia. Sã poli-
tica filha da moral e da razão, e politica da ordem
e progresso, pois, são uma e mesma cousa, q. e. d.

Junte-se a esse tradicional lemma, as côres tra-
dicionaes, e teremos então a commoveute chronica
do tradicional AURI-VERDE PENDÃO, cantado por Cas-
tro Alves.

Com effeito, as nossas quatro côres, verde, amarello, azul e branco, surgiram com Thomé de Souza, em 1549, e foram adoptadas por José Bonifácio, em 1822.

A nossa primeira insignia nacional, a da Colonia, a do primeiro governador geral, era azul celeste, em cujo campo voava uma pomba branca da esperanza, tendo no bico tres ramos verdes de oliveira. De sorte que ahi já está a symbolisação de tres côres: a celeste do azul, a pureza do branco, e a primavera do verde. Além disso, já ahi havia uma devisa—*SIC ILLA AD ARCAM REVERSA EST*, em lettras de ouro; o que mostra que somos o povo das devisas.

A segunda, a da Independencia, era auri-verde; auri mineral, e verde primavera.

Somos o povo das tradições, pois, o do conservar melhorando, o da ordem e progresso, em summa. E dahi a nossa Independencia a golpe de Estado, a nossa Abolição com flores, e a nossa Republica á salva de artilharia.

Como é natural, a antiguidade não tinha noção de progresso, e o moderno espirito revolucionario tornou ordem synonymo de retrogradação, e progresso simile de anarchia.

Ora, toda progressão é ternaria, toda combinação é binaria, e toda synthese é unitaria. Um, união, unidade, continuidade. Dois, arranjo, combinação. Tres, evolução, successão.

Isso posto, a noção de progresso, suppondo tres termos, só podia nitidamente surgir após a successão historica da antiguidade, da idade-média, e do passado moderno. E isso era tão inevitavel, que um Aristoteles, o principe dos pensadores, não pensava numa sociedade sem escravos.

Conciliar as duas noções, depois de ter separadamente concebido as suas nitidas e precisas accepções scientificas; eis a chave, pois, da politica mo-

derna, a do bem publico, a do amor por principio, a da conciliação da ordem e do progresso.

Como vimos, ordem é arranjo, e progresso é aperfeiçoamento; arranjo constituido pela immutabilidade fundamental das leis naturaes, e aperfeiçoamento introduzido na sua modificabilidade secundaria.

A ordem é naturalmente, pois, mais importante do que o progresso, que ella dirige; sendo o progresso, como vimos, o desenvolvimento da ordem emanada do amor. A ordem natural dimana das leis, e a artificial das vontades, que completam as leis.

Conservar melhorando, e melhorar conservando; eis o substancioso programma do nosso incomparavel regimen republicano, instituido em 1889, no glorioso centenario da grande crise occidental de 1789, cuja commemoração, o seu advento foi.

Manter exclusivamente a ordem material, no meio da desordem espirital; eis a unica missão, pois, confiada aos governos provisorios da nossa situação provisoria. Mantida a ordem, o progresso vem naturalmente, como o seu desenvolvimento, tão certo quanto $6 \times 6 = 51$, no systema setimal de numeração.

Para pôr termo a revolução começada desde o fim da idade-média, diz Augusto Comte, é preciso conciliar irrevogavelmente a dictadura e a liberdade, segundo o voto systematico de Hobbes, espontaneamente realizado por Frederico.

Em questão de saude publica, por exemplo, o governo só tem que ver com a hygiene, e nada tem que se envolverem therapeutica. Directoria de hygiene publica, pois, e não de saude publica; eis a unica e exclusiva Repartição médica que devemos ter por lei.

O governo póde e deve proporcionar hygiene publica, mas não saude, publica ou privada. Esgotos, agua, melhoramentos, asseio, em summa; eis o que lhe incumbe, por ser de ordem material, como o é a sua natureza.

Dê-nos tudo isso, e pouco se nos dá essa mania pedantesca, mixto de cobiça e de vaidade, de attribuir a natural salubridade das nossas cidades asseadas, aos seus charlatães desasseiados. Mas podem ficar certos de uma cousa, de que o desprezo publico aguarda as estatuas, que porventura lhes forem erigidas.

Agora, decidir á valentona, por meio de multas e prisões, calcando a lei aos pés, entre as trapalhadas alatinadas e contradictorias, dos *Contraria contrariis e similia similibus*, ambos *curantur*, a seu modo, das prophylaxias, dos microbios, dos pus, das drogas, dos espiritos, dos feitiços, etc., é que não. E é que não, e absolutamente não, porque escapa á sua autoridade pratica e á sua competencia theorica, é irracional, immoral e illegal, por consequencia.

Para os do nosso credo, raciocinando em medicina como em mathematica, isto é, segundo a hypothese mais simples e mais sympathica; a therapeutica, a arte da molestia, por exemplo, deve ser subordinada á hygiene, a arte da saude; da mesma sorte que a pathologia, a theoria da molestia, deve ser subordinada á physiologia, a theoria da saude. E isso segundo os geniaes trabalhos de Broussais, o fundador da pathologia positiva, e de Augusto Comte, o fundador da religião positiva.

A cura da molestia ou a restauração da saude se obtem, pois, como é natural, pelo mesmo processo por que se obtem a conservação da saude; não por meio das brutaes drogas, mas sim mediante o adequado regimen, corporal e cerebral; não pela cavallar therapeutica-especifica, mas sim pela suave therapeutica-hygienica.

Ora, isso é, afinal de contas, o rumo que sempre seguiram, com mais ou menos empirismo, os praticos eminentes, desde Hippocrates até Broussais.

Se a vida consiste em uma íntima e profunda harmonia, ao mesmo tempo especial e geral, entre o organismo e o meio; é claro que estamos longe de ver no ambiente esse mundo de microbios pathogenicos, que o grosseiro empirismo pasteuriano ahí vê. O mundo é o alimento, o estimulante, e o regulador do organismo.

A saúde é o exercício regular das funções vitais, a molestia o exercício irregular, e a morte a cessação desse exercício. A molestia só differe da saúde, pois, em simples questão de grau; as modificações quaesquer da ordem natural limitando-se sempre á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo persiste inalteravel.

Mas o exercício irregular das funções vitais, que define e caracteriza a molestia, pôde naturalmente provir ou da deficiencia ou do excesso de intensidade. Dahi duas especies geraes de molestias, deprimentes e excitantes; sendo aquellas, em regra, as mais graves.

A saúde pôde e deve ser encarada, pois, como uma situação de equilibrio instavel, entre a molestia deprimente e a molestia excitante. E dahi o criterio do dito popular—*A saúde não se apura*.

O principio da therapeutica positiva consiste em que as substancias assimilaveis são alimento numa certa dóse, calmantes em dóse inferior, e excitantes em dóse superior; ao passo que as não assimilaveis são excitantes em qualquer dóse. Na dóse de alimentos, ellas são, pois, hygienicas; e na de calmantes e de excitantes, ellas são, pois, therapeuticas.

A therapeutica positiva ou therapeutica-hygienica suprime, pois, todos os especificos, e os substitue abundantemente. A dieta torna-se assim o principio racional do tratamento.

Mas sendo a saúde a base da virtude, e a virtude o coroamento da saúde, segundo a fórmula latina—*Mens sana in corpore sano*; comprehende-se todo o alcance

que tem, no tratamento, essa admiravel relação entre o moral e o physico, esboçada por Cabanis, e systematisada por Augusto Comte.

A therapeutica homœopathica, a da dynamisação, é, pois, um meio termo, uma transição, embora empirica, entre a therapeutica allopathica, a classica, a dos especificos, e a therapeutica positiva, a dos alibiles, a hygienica.

E quanto a tal prophylaxia, que é o vasto campo do charlatanismo médico, fica patente que nós fazemos della a mais completa taboa rasa. Basta dizer que ella é uma verdadeira inversão e perversão do nosso racional ponto de vista, pois que é uma especie de hygiene-therapeutica, quando nós somos partidarios, ao contrario, da therapeutica-hygienica, como vimos.

Ora, se nós não tomamos remédio para ficar bom, quanto mais para não ficar doente. E se isso o dizemos quanto á simples droga, imagine-se agora o caso, estúpido e immoral, ao mesmo tempo, do infeccioso pus, vaccinico ou caprinico, isto é, de vacca ou de cabra, ou seja do que for!

Taes são, até que afinal, as reflectidas considerações que nos suggerio o triste e vergonhoso fiasco diplomatico. Impulsionadas pelo coração, esclarecidas pelo espirito, e sustentadas pelo caracter, como dissemos ao começar, ellas obedecem ás regras da sã logica.

A combinação normal das imagens e dos signaes, para elaborar os pensamentos sob o impulso dos sentimentos, bem como a sua coordenada marcha, induzir para deduzir, afim de construir, foi, pois, a sua invariavel norma, em todo o concatenado curso do nosso discurso logico.

Em primeiro logar, foi realmente o sentimento que as dictou. O da concordia humana, o da fraternidade universal, para com as tres raças. E o da grati-

dão cívica, o do cívico desvanecimento, para com a bem amada Patria, que essas raças elaboraram, e a quem tudo devemos, através dos que nos são caros, paes, esposa e filhos.

Mas, além disso, para traduzirmos do melhor modo possível, esse grato sentimento, filial e fraternal, ao mesmo tempo, pozemos ao seu serviço, tanto quanto nos foi dado, a par da sua propria consistencia sentimental, a clareza das imagens, e a precisão dos signaes; de modo a darmos, ao nosso pensamento, os tres caracteres logicos, clareza, precisão e consistencia.

Isso quer dizer que vizamos aqui, não só a concepção, como a expressão, as duas partes principaes de todo trabalho mental. Ao elaborar esta memória, cuidamos assim, do fundo e da forma, do pensamento e do estylo, da imagem e do signal, do espirito e da lettra, da personagem e da roupagem, da alma e do corpo, se nos podemos exprimir assim.

E' que todo positivista, *magister dixit*, tem que ser uma especie de artista, até mesmo da palavra, da prosa, fallada e escripta, ao menos para o seu culto intimo ou pessoal.

E como aqui se trata de uma manifestação de culto, não só intimo ou pessoal, como ainda domestico, cívico e universal, de uma verdadeira effusão, em summa; tomadas aquellas cautelas, é uma memória, e memória do coração, pois, o que aqui deixamos traçado.

E para sermos francos, em tudo e por tudo, ainda confessamos ingenuamente que estamos satisfeitos com o que fizemos, e contentes connosco mesmo. São cousas da vida; e quem confessa a verdade não merece castigo, maximé se o faz por amor, o redemptor das raças, como de tudo o mais.

E' que neste preito da nossa gratidão, pessoal, domestica, cívica e universal, demos arrhas ao nosso amor. E é tão doce amar! doce da doçura dos beijos de

uma Esposa querida, em cujo nome adorado, como o cantou Petrarca, no idioma gentil do canto:

*Tré cari nomi ha in te raccolti,
Sposa, Madre e Figliuola.*

Apêgo, veneração e bondade, os tres grãos do amor, a progressão altruista, a gamma do affecto, as tres cordas da lyra do coração; tudo expandimos, nesta sentida manifestação do nosso culto, privado e publico, pessoal, domestico, civico e universal. Ella é uma oração positiva, a elevação da alma a tudo quanto é digno de ser amado, o ideal da vida, porque orar é, ao mesmo tempo, amar, pensar, e mesmo agir.

E quantas saudosas reminiscencias da nossa saudosa meninice, decorrida nesse querido berço vianense, não nos vieram á mente, emquanto a proferiamos!

Os grandes pensamentos vêm do coração, constatao Vauvenargues. De modo que, para pensar bem, é preciso amar melhor, dizemos nós por nossa vez.

O que é bem concebido é bem expresso, mas o que é sentidamente concebido, ou persuadido, é eloquentemente expresso.

Quando o cerebro pensa e a penna escreve por amor, o pensamento desabrocha como a flor, e o phraseado brota como o fruto. O amor é então o céu aberto; a mente é o espelho de crystal; a penna é o pincel de Raphael, o pintor das madonas; e o papel é a tela finissima.

O amor é o estofo da natureza que a imaginação bordou, dizia Buffon. E' a medida do merito, dizia Mlle. Scudéry. E' o que tem por medida o amar sem medida, dizia São Francisco de Sales. E' o que supera em merito a fé e a esperança, dizia São Paulo. E' o soberano bem, dizia Thomaz de Kempis. E' a lei do dever e da felicidade, dizia Augusto Comte.

Filho das tres raças, crioulo da melhor colonia de Portugal, ao deixar de ser sua colonia, no dizer de Alexandre Herculano; aos nossos progenitores, brancos, negros e amarellos, quizemos entoar um hymno de amor, uma effusiva oração, elevando a nossa alma ao que é tão digno do nosso amor.

E para nós, a nosso ver, já o dissemos com ingenua franqueza, o conseguimos, ao menos, por ter mostrado, não só os preclaros fundamentos, estheticos, philosophicos e politicos, religiosos, em summa, do nosso amor, mas ainda como se pensa e se raciocina, nesta «terra de amores alcatifada de flores».

Resplendor do bello, do verdadeiro, e do bom, como o definimos nós, completando a bella imagem de Platão; sobre esse triplice aspecto, o assentamos nós, o nosso amor filial, nas linhas que precederam.

Como é natural, dada a natureza do nosso trabalho, dedicamol-o á mais humilde das pessoas a quem devemos os cuidados da nossa infancia. A' cara memória da nossa inolvidavel Damazia, a nossa querida mãe-preta, a humilde escrava dos nossos avós maternos, tributamos especialmente o nosso hymno de amor, como já o fizemos na nossa DEDICATORIA, e o explicamos no nosso PREFACIO.

Embora negra e escrava, a ella devemos amamentação e carinho.

Tudo isso avulta naturalmente de valor, aos nossos olhos, por isso mesmo, bem nos lembramos nós! que nos foi prestado, com abundancia de coração, o dote de sua raça, pela pobre mulher que, nos thesouros do seu affectuoso coração, encontrou affectos para dar ao neto daquelles que monstruosamente a anarchia moderna fez seus senhores.

Brasileira, maranhense, viannense, como nós, muncama do nosso lar, e nossa mãe-preta; multiplos são, pois, os elos, nacionaes, estadoaes, communaes, domes-

ticos e pessoas, das bem intimas affeições que nos estreitam.

A sua cara lembrança, a sua doce physionomia, e o seu querido nome, nunca se apagaram da nossa grata lembrança, da reconhecida memória do coração que ella ajudou a formar.

Com effeito, parece que a estamos vendo agora, moça, forte, alegre, e bonita até, como a deixámos. Vendo-a neste momento em que, ella morta, e nós vivos e velhos, se é que já somos velhos, depois de 42 annos de separação objectiva, em 1877, na nossa puberdade, a estamos evocando subjectivamente, com filial carinho, nestas deliciosas alturas petropolitanas, sob este maravilhoso céu, que tão e tanto beneficemente influio na nossa milagrosa ressurreição.

Ella é, para nós, pelos seus excellentes dotes de coração, a humilde e ignorada collaboradora pratica, dos Augusto Comte, dos Blainville, dos Condorcet, dos Buffon, dos Vicq-d'Azyr, etc., os egregios pensadores da especie, da raça branca, na demonstração theorica da excellencia do coração da sua raça, a raça negra. E' e não foi, dizemos e repetimos, porque, tendo vivido para nós, na nossa precoce orfandade paterna, ella revive em nós, na nossa grata lembrança, pelo bem que nos fez, segundo a lei fundamental da vida subjectiva.

Ella é o liame escravo das saudosas recordações da camararia convivencia que, na nossa dupla infancia, tivemos com as escravaturas das fazendas, *Santa Estella, Aquidaban, Tibiry, Canindé e Santo Agostinho*, onde fomos criados.

Era no seu carinhoso regaço, nos é doce recordar, que ouviamos, nessa meia lingua de caricias, amalgama de portuguez, guiné e tupy, na casa grande, e ao somnolento balanço da rêde, as ingenuas narrativas dos contos fantasticos. E nas senzalas, a um canto do alpendre, e ao unisono concerto da melodiosa rabeca, da harmoniosa viola, e do rythmico tambor, as plangentes toadas dos ruidosos sambas. E no terreiro, ao suave re-

lento, e ao choro da chorosa viola, os porfiados desafios dos cantores escravos, ao maravilhoso luar sertanejo.

E na azafamada época da safra assucareira, da engorda de homens e de animaes, era ella, o anjo da guarda, sempre sollicito, que nos guiava os alegres passos infantis, á roça, ao tijupá, ao engenho, á casa do forno, ao curral, etc.

Ao lado, pois, das saudosas e commoventes lembranças da mãe-branca, surgem naturalmente, para nós, as caras lembranças da mãe-preta, sua companheira e collaboradora de solicitude domestica.

Deante das venerandas memórias dessas duas mulheres, branca e negra, prezadas representantes das duas raças extremas, e intermediarias pessoas da Humanidade; como crentes, cujo joelho só se curva deante da Mulher, como digno fecho e coroamento desta memória do coração, curvamos o nosso joelho, ao depor-mos a penna com que a traçámos.

A Mulher

*En un mot, quand la sociabilité moderne
aura pris son vrai caractère, le genou
de l'homme ne fléchira plus que devant
la femme.*

AUGUSTE COMTE.

*Conferencia realizada, no salão nobre do Club Militar, a
1.º de Janeiro de 1821, em comemoração especial da fraternidade
universal.*

ADVERTENCIA

«Amor, che a nullo amato amar perdona.»

DANTE.

A conferencia que se vae ler, foi a principio proferida em Petropolis, um anno após a nossa ultima e tremenda crise cerebral, de dois longos e interminaveis annos. E o foi como intimo tributo, do nosso amor, e da nossa gratidão, aos caros entes femininos, a esposa, e as filhas, que nos amam, e cujo amor foi então, mais uma vez, posto á prova, e de modo bem decisivo.

Fizemol-a, de plano, na pittoresca cidade serrana, sob cujo bello céu e suave clima, em mais de dois annos de grata e saudosa estadia, voltámos a nós, readquirimos a nossa perdida saude. E proferimol-a outrosim no salão nobre do palacio da Prefeitura, que para isso nos foi bondosamente cedido, para accentuarmos, do melhor modo que nos pareceu possivel, o nosso affectuoso intuito.

Para tornar patente a sympathia com que foi ella recebida, que não por futil vaidade, transcrevemos aqui as bondosas noticias então dadas, a seu respeito, pelos dois jornaes diarios da terra, «A Tribuna de Petropolis», e «O Seculo.» Além da sua significação pessoal, ellas caracterizam, até certo ponto, e isso é o essencial,

a influencia, segura, embora lenta, da irresistivel penetração do positivismo no nosso adaptado meio, na nossa amorosa indole de povo mestiço.

Eis aqui as duas significativas locaes:

"Festa da Mulher"

«A conferencia realizada pelo sr. general Gomes de Castro, no salão nobre da Camara Municipal de Petropolis.

«Foi uma hora agradavel, a que hontem nos proporcionou o sr. general Gomes de Castro, com a sua bellissima conferencia, realizada no salão nobre da Camara Municipal, perante numerosa e fina assistencia.

«O illustre e talentoso orador, discorreu de modo elevado e attraente, durante cerca de uma hora, em torno da mulher, estudando-a e enaltecendo-a, em diferentes aspectos.

«Pondo em relevo grande capacidade de observação e os mais variados conhecimentos, o distincto conferente teve surtos admiraveis, em que se sentia o brilho rutilante do seu genio creador e a originalidade sadia da sua phrase burilada e sempre feliz.

«Foi uma hora de arte, de sensações adoraveis, a que hontem fruimos ouvindo a palavra seductora do general Gomes de Castro, a quem apresentamos as nossas cordeas e sinceras felicitações.»

(«A Tribuna de Petropolis», de 13 de Fevereiro de 1920.)

«O general Gomes de Castro, figura respeitavel em nosso paiz, evoca os cavalleiros de antanho, que, apesar da velhice e das vicissitudes da vida, sabiam conservar a frescura da alma.

«A sua conferencia, a par de ser uma joia scientifico-litteraria, foi uma verdadeira glorificação do sexo «fraco», que vae tomando de assalto as posições occupadas pelos homens.

«Bem poucos têm sabido encarar o papel da mulher na sociedade, tão bem quanto elle o fez, e de um modo tão claro, tão preciso, tão nitido.»

(«O Seculo», de 14 de Fevereiro de 1920.)

Ahi ficam transcriptas as laudatorias referencias, e alli vem a seguir a louvada conferencia. Merecidas ou não, ellas dão idéa da impressão, podemos dizer, que ella conseguiu produzir no nosso auditorio.

A sua actual publicação, com maior desenvolvimento, tal qual foi proferida nesta capital, no salão nobre do Club Militar, como é obvio, visa ampliar, pelos nossos leitores, esse auditorio e essa impressão, pelos meios ao nosso alcance.

Que o consigamos, uma e outra cousa, e sobretudo no meio feminino, que especialmente então visamos e ora visamos, são os nossos mais acariciados votos.

Rio de Janeiro, 6 de Dezembro de 1920. Rua Haddock Lobo, 403.

A. R. GOMES DE CASTRO

Nasceu em Vianna (Maranhão), a 2 de Março de 1864.

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

DEDICATORIA

*«L'union conjugale devient le meilleur type
de la véritable amitié, qu'embellit une in-
comparable possession mutuelle.»*

AUGUSTE COMTE.

A' adorada Esposa, a Mulher perfeita, sem falhas, sem solução de continuidade, tão terna como pura, que se fez tudo para mim; que, por muitas vezes, e com inexcédível dedicação, me tem salvo de mim mesmo; que, em trinta annos de casados, e no meio dos mais tormentosos azares da sorte, a tempera da alma, me tem sido, em tudo e por tudo, no venturoso lar que lhe devo, que é obra exclusivamente sua, o angelico e invariavel typo, em ternura e pureza, da incomparavel natureza feminina.

A' querida Amiga, a Mulher generosa, sem reservas, providente e providente, a quem eu devo tudo quanto de indizível o homem póde dever á Mulher; e cuja doce e tocante imagem, tão suave quanto bella, espelho fiel da sua alma peregrina, eu tinha invariavelmente em mente, ou melhor, no coração, como sempre a tenho, qual deslumbrante céu aberto, enquanto concebia e escrevia esta sentida e convenida homenagem ao seu bello e nobre sexo.

Ao extremoso anjo da guarda, a Mulher providencial, cuja posse é a minha maior ventura, acabada, no moral e no physico, sem fadiga, que da Mulher confirma a mais elevada idéa; e deante de quem, em

um sentido e convencido preito de intima e profunda gratidão, mas bem do íntimo, eu curvo reverentemente aqui o meu joelho, na commovente attitude da adoração que lhe devo.

Petropolis, 9 de Fevereiro de 1920.

A. R. GOMES DE CASTRO.

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

A Mulher

«En un mot, quand la sociabilité moderne aura pris son vrai caractère, le genou de l'homme ne fléchira plus que devant la femme.»

AUGUSTE COMTE

Minhas Senhoras, meus senhores, e especialmente minhas Senhoras.

E de preferencia vós, minhas Senhoras, por considerações de diversas ordens, por motivos de varias naturezas, por attensões de differentes aspectos, cada qual mais justo, relevante e imperioso. Em primeiro logar, e primeiro que tudo, porque esta conferencia, esta palestra, ou que melhor e mais adequado nome lhe queiram dar, por mais insufficiente que seja, por mais pallida que se revele, no seu fundo e na sua fórma, no seu pensamento e no seu estylo, na sua concepção e na sua expressão, vos é naturalmente dedicada, haveis de consentir que o seja, através da cara esposa, como bellas e nobres representantes, que realmente sois, do bello e nobre sexo de que, sciente e conscientemente, nella me vou audaciosamente occupar.

Como ides ver, no desenrolar do discurso, não se trata aqui, por fórma alguma, de uma dessas fúteis exhibições litterarias ou pedantescas, tão frequentes e a la moda, nos nossos anarchisados tempos, de vã e presumida instrucção de palavras e entidades. Ao contrario disso, ides ouvir aqui, no meio da anarchia do presente, sobre um tão delicado e difficil assumpto, um crente, um pregoeiro, um apostolo, em-

bora humilde e desautorizado, mas convencido e entusiasta, de uma nova fé, de uma nova doutrina organica, de uma religião do futuro, herdeira e continuadora de todo o passado, através do venerando catholicismo, a obra prima social da sabedoria humana, o bemdito fautor espiritual da nossa nacionalidade, pelo órgão bemdito dos abnegados Anchieta, os missionarios das selvas, os Apostolos do Brasil.

Sem naturalmente descurar da fórmula, da roupagem e dos atavios do estylo, na medida da nossa acanhada capacidade litteraria, pois que a expressão, ou o *savoir dire*, é o corpo do qual a concepção, ou o *savoir faire*, é a alma; e pois que todo positivista, *magister dixit*, deve ser uma especie de artista, geral e especial, do verso e da prosa, do som e da fórmula, ao menos para o seu culto intimo; o que deixámos dito quer dizer que, antes de tudo, e especialmente, sem descurar do mais, trata-se aqui de uma these scientifica sobre a Mulher, á luz de uma synthese scientifica sobre a religião.

Essa incomparavel synthese, na sua integra contextura, tem a poesia para alma do culto, a sciencia para a do dogma, e a industria para a do regimen; as tres partes succesivas da sua admiravel coordenação, correspondentes aos tres aspectos fundamentaes da nossa indivisivel natureza. O amor por principio, e a ordem por base; o progresso por fim. O amor, que procura a ordem e impelle ao progresso; a ordem, que consolida o amor e dirige o progresso; e o progresso, que desenvolve a ordem e conduz ao amor.

E assim sendo, ella se propõe, assim possantemente aparelhada, nada menos do que pôr termo á revolução moderna, da qual a Mulher é naturalmente a principal e a maior victima; do que a reorganização scientifico-industrial religiosa completa, isto é, moral, intellectual e material, da civilização occidental, convulsionada por seis seculos de dissolução metaphysico-legista do exhausto regimen theologico-militar.

Isto posto, esta conferencia, além do seu geral intuito propagandista, é uma especial homenagem de elevado apreço e de íntima gratidão, que, esclarecidos pela nossa luminosa fé, vimos cavalheirescamente prestar ao vosso bello e nobre sexo. Subido apreço, pelos seus raros e inestimaveis dotes; e profunda gratidão, pelo muito que lhe devemos, através da veneranda mãe, da adorada esposa, e das queridas filhas, o melodioso e harmonioso terceto, o acorde diapásão dos nossos mais íntimos e deliciosos affectos.

Il faut être galant envers les dames, diz cavalheirescamente o povo do proverbial cavalheirismo; o da incomparavel Patria de Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*. Sem embargo disso, porém, como vereis, dado o pleno character positivo, demonstravel, isto é, real e util, das nossas inabalaveis convicções; sem deixar de ter o seu quê de galanteio, a «galant'uomo», imprescindivel quando se trata com damas; longe de ser um mero galanteio, esta homenagem é estribada no conhecimento das leis naturaes que regem a eleita natureza feminina.

Não são, pois, divagações pueris, vãos palanfrórios, á hodierna moda pedantesca, insistamos nisso, como se faz mister, para não haver confusões, pois que a época é de pedantismo e verbiagem; mas sim pensamentos positivos, elaborados pela combinação normal das imagens e dos signaes, sob o impulso dos sentimentos, segundo as rigorosas regras da sã logica; que vão constituir a trama da nossa these positiva sobre a Mulher. Nessa trama, qual caprichoso bordado, deixai passar a imagem, os sentimentos são o estofo, as imagens o desenho da urdidura, e os signaes o seu fio. E dahi, a bella e profunda definição do amor, o motor da trama dos grandes pensamentos, dada por Buffon: «O estofo da natureza que a imaginação bordou».

Isso não exclue, porém, e, ao contrario, exige, é bem de ver, o imprescindivel enthusiasmo com que, do começo ao fim, em todo o seu curso, vamos nós abordal-a aqui, no seu todo e em suas partes. E isso porque, como disse Augusto Comte, o soberano mestre, o fundador da religião final, a admiração prévia, julgada indispensavel á apreciação do bello, não o é menos á pesquisa do verdadeiro, como á elaboração do bom; a dupla progressão das nossas concepções fundamentaes, poesia, philosophia e politica, e do triplice aspecto, moral, intellectual e pratico, da nossa natureza; sob a qual vamos necessariamente encarar a Mulher.

Ora, não só o ideal esthetico, como a hypothese scientifica, e o modelo tecnico, são meras representações, mais ou menos approximadas, da realidade; que a poesia ou arte idealisa, que a philosophia ou sciencia aprecia, e que a politica ou industria aperfeiçoa; com o gráo de approximação exigido pelo conjuncto das nossas necessidades, moraes, intellectuaes e physicas. A sã logica se resume, em uma palavra, e por toda parte, em formar sempre a hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjuncto dos dados a representar.

E uma observação moral como essa, que requer e revela um profundo conhecimento da alma humana, sobe de exactidão e de valor quando se trata do vosso gracioso sexo, bello, verdadeiro e bom, ao mesmo tempo, e cujo terno coração constitue o verdadeiro depositario da ineffavel graça, o amoroso arbitro da eterna bemaventurança.

Das nossas tres concepções fundamentaes, bello, verdadeiro e bom; o primeiro nos encanta, o segundo nos illumina, e o terceiro nos melhora.

E o bello, que supera em merito o verdadeiro e o bom, é o resplendor de ambos, como fez ver Platão. A poesia ou arte burilla o bello, a philosophia ou sciencia pesquisa o verdadeiro, e a politica ou indus-

tria elabora o bom; sendo a poesia, consequentemente, superior á philosophia e á politica, tanto quanto o bello o é ao verdadeiro e ao bom, de que é o resplendor, como já dissemos.

Ora, a divindade feminina, por isso mesmo que o é, é bella, verdadeira e boa, a um tempo: bella como a beldade; verdadeira como o axioma; e boa como a virtude. Como bella, nos seduz; como verdadeira, nos esclarece; e como boa, nos aperfeiçoa; e nos seduz, nos esclarece, e nos aperfeiçoa para o bem, o fito da sua bondosa natureza. E tambem nella, o bello respian-dece o verdadeiro e o bom, sob todos os aspectos successivos, moral, intellectual, physico e material, de todos tres, bello, verdadeiro e bom.

De sorte que, por tudo isso, a admiração prévia, indispensavel a todo trabalho mental, mesmo pura e simplesmente mathematico, é a condição *sine qua non* de uma judiciosa apreciação feminina, transcendentalmente moral.

«Les hommes ne connaissent pas les femmes sous un autre nom que sous celui de beau sexe; mais s'il est seulement beau pour ceux qui n'ont que des yeux, il est encore, pour ceux qui ont un cœur, le sexe générateur qui porte l'homme neuf mois dans ses flancs au péril de sa vie, et le sexe nourricier qui l'allaita et le soigne dans l'enfance. Il est le sexe pieux qui le porte aux autels lorsqu'il vien de naître; il est le sexe pacifique qui ne verse point le sang de ses semblables; le sexe consolateur qui prend soin des malades, et qui les touche sans les blesser.»

Eis ahi, em admiravel synthese, esthetica e philosophica, com todos os caracteres da logica, clareza, precisão e consistencia, e com o duplo cunho da poesia, concisão do discurso, e assistencia das imagens, o que é o vosso privilegiado sexo, bello e nobre, ao mesmo tempo, para aquelles que teem, não somente olhos para

admirar os seus bellos e graciosos encantos physicos, como ainda coração para admirar e amar os seus nobres e mais bellos ainda encantos moraes. Traçou-a, em indeleveis caracteres, Bernardin de Saint-Pierre, o affectuoso poeta de *Paul et Virginie*; o coração delicado, que legou á posteridade essa obra prima, esse mimo artistico, essa joia esthetica, valioso patrimonio litterario de todos quantos teem a ventura de saber apreciar-o.

Resumo do bello, do verdadeiro, e do bom; a Mulher personifica-os, sob todos os seus aspectos, em todos os grãos, material, physico, intellectual e moral, de sua commum hierarchia natural. Bello: material, physico, intellectual e moral; verdadeiro e bom: cosmico ou material, vital ou physico, social ou intellectual, e individual ou moral: tudo nella se patenteia e resplandece com fulgor.

A belleza material, na sua elegante *toilette*; a physica, na formosura do seu rosto de anjo, e na plastica do seu corpo de nympha; a intellectual, na perspicacia do seu atilado e, por vezes, astucioso espirito; e a moral, nos excelsos dotes do seu excelso coração.

«La femme est un oiseau qui change de plumage plusieurs fois au jour: pie-grièche dans son domestique, paon dans les promenades, et colombe dans le tête-à-tête.»

A proposito da sua tão chic e variada *toilette*, e do seu tão vaidoso e provocante coquettismo; assim interessantemente definio-a Dufresny, com o fino e algum tanto malicioso espirito francez.

Amor, ordem e progresso; culto, dogma e regimen; poesia, philosophia e politica; a triplice progressão, moral, intellectual e pratica, inherente á nossa triplice natureza: tudo nella como que se requinta a primor. E' que o amor, de que ella é a milagrosa padroeira, procura a ordem e impelle ao progresso; a ordem, de que ella é a suave mantenedora, consolida o amor e dirige o progresso; e o progresso, de que ella

é a perfumosa essencia, desenvolve a ordem e conduz ao amor.

A ordem e o progresso estão na Bandeira da *Ordem e Progresso*; e o amor está no coração, onde também está o auri-verde pendão das promessas divinas da esperança.

Na gerarchia natural dos seres ou das existencias individuaes, o ser ou a existencia feminina occupa necessariamente o primeiro lugar, o lugar de honra, como o mais eminente, complexo e dependente dos seres ou das existencias individuaes; consoante ao principio universal de todo classamento positivo. A sua apreciação, scientifica ou artistica, moral, intellectual ou pratica, é, pois, uma das mais difficeis, uma das que requerem mais virtude e saber, as duas condições primordiales de tudo neste mundo.

«...Leia

Una vez yo en los libros que tenia,
Que lo que á Dios mayor estudio debe,
Era el hombre, por ser um mundo breve;
Mas ya que lo es recel
La mujer, pues ha sido um breve cielo;
Y mas beldad encierra
Que el hombre, cuanto va de cielo á tierra;
Y mas si es la que miro...»

Assim graciosamente a cantou, nos maviosos versos de uma das suas muitas obras primas, LA VIDA ES SUEÑO, e nesse idioma iberico, irmão gêmeo do nosso iberico idioma, Calderón de La Barca, o mavioso cantor castelhano de *la hermosura de la mujer*, um dos treze grandes poetas, que vão de Homero, o eterno representante da poesia antiga, a Walter Scott, o emulo de Cervantes e de Thomaz de Kempis, os tres maiores prosadores.

Reatemos o fio, supenso sim, mas não partido nem perdido, do concatenado discurso. Outro motivo que temos para nos dirigirmos aqui de preferencia a vós, minhas Senhoras, é que devemos começar esta audaciosa conferencia sobre vós, por um acto de verdadeira contricção para convosco.

Ousamos vir aqui abordar, deante de vós, as deusas dos corações e dos espiritos de élite, com verdadeira temeridade, uma questão transcendente e delicada, como esta a que nos abalançamos, que diz respeito á apreciação do vosso inapreciavel sexo. Estamos na obrigação moral, pois, que é a primeira e a mais sagrada das obrigações, de humildemente vos pedir antecipado e humilde perdão para esta nossa ousadia.

Fallamos-vos a verdade, á puridade, com o coração nas mãos, como se diz, e constrictos, como vos dizemos. E quem falla a verdade, não merece castigo; e especialmente se, como nós, o faz por amor, o soberano bem, o redemptor de tudo neste mundo, pelo gracioso intermedio do sexo amante.

E' tão grande e chocante o contraste entre essa difficil e delicada apreciação, que ousamos tomar sobre os nossos frageis hombros, e a nossa insufficiencia, não só intellectual, como sobretudo moral, para convenientemente abordal-a; para que necessitemos aqui de toda a vossa complacencia, como vol-a pedimos.

Não é que felizmente nos falte entusiasmo por vós, encanto pelos vossos multiplos encantos, moraes e physicos; para que vos possamos, até certo ponto, apreciar com o devido criterio, ousamos dizer. E permitti, por vossa vez, essa formal declaração de amor, pois que o é; e feita, aliás, em regra e com todas as regras, como o requer a vossa innata vaidade e graciosa faceirice.

Os grandes pensamentos veem do coração, constatou Vauvenargues, o affectuoso pensador da cultura

do coração. E assim sendo, temos que confiar no nosso coração, o fóco luminoso, a pyra ardente dos nossos pensamentos; no nosso subido apreço por vós; no amor que vos consagramos; para elaborarmos convenientemente, dentro dos estreitos limites da nossa vulgaridade, esta nossa these sobre vós.

E isso tanto mais quanto, segundo as leis moraes da nossa natureza, não só o espirito, como o proprio character, são meros ministros do coração. Nós pensamos e agimos, sob o cordial impulso de um sentimento preponderante; egoista ou altruista, pouco importa ao phenomeno moral em si.

E' pelo coração que nós recebemos e exhalamos o primeiro e ultimo alento de vida, ao nella penetrarmos ou sairmos; a tal ponto o coração, intima e fundamentalmente, nos domina, em toda a nossa existencia. E é por isso que todos os nossos pensamentos e actos quaesquer trazem sempre o cunho caracteristicos dos affectos, bons ou máos, que nos dominam; maximé quando sonhamos, quando entregues ao somno, essa pendula reguladora do isochronismo das oscillações da intermitencia periodica da nossa vida animal, estamos entregues a nós mesmos, aos nossos intimos pendores, sem a refreiante ponderação do mundo exterior, nesses nossos devaneios á solta.

Burilamento do bello, pesquisa do verdadeiro, elaboração do bom; o triplice problema, esthetico; philosophico e technico, da nossa triplice natureza, moral, intellectual e pratica; tudo obedece fatalmente a essa suprema lei.

Quem o feio ama, bonito lhe parece; acreditamos mais facilmente naquillo que mais nos convém; e fazemos de preferencia aquillo que mais nos quadra. São outros tantos proverbios esses, com que a sabedoria pratica, antecipando as rectas indicações da theoria, constata essa immensa verdade.

Amar, pensar e agir; agir por afeição, e pensar para agir. Pensar e agir cansam; só amar não cansa nem dizer que se ama; pois que...

«L'amour est un trésor qu'on ne peu estimer;
Il n'est rien de plus grand, rien de plus admirable;
Il est seul à soi-même ici-bas comparable;
Il sait rendre légers les plus pesants fardeaux;
Les jours les plus obscurs, il sait les rendre beaux,
Et l'inégalité des rencontres fatales
Ne trouve point un lui des forces inégales.
Charmé qu'il est partout des beautés de son choix,
Quelque charge qu'il porte, il n'en sent point le poids,
Et son attachement au digne object qu'il aime
Donne mille douceurs à l'amertume même.»

Tal é o quadro fiel da nossa vida moral, da nossa existencia cerebral, da economia da nossa alma; traçado por mão de mestre, Augusto Comte; e cantado pela lyra do pae da tragedia moderna, Corneille, parafrazeando Thomaz de Kempis, o maior dos mysticos, o sublime interprete da idade-média.

E' o coração que ama, é o espirito que pensa, e é o caracter que age; segundo a natural differenciação das funcções animicas, maõ grado o intimo consenso de todo o nosso centro nervoso, o nosso delicado apparelho cerebral.

Assim é que raciocinamos combinando as imagens e os signaes, para elaborar os pensamentos sob o impulso dos sentimentos; segundo a preclara e nitida concepção da logica, que assim póde ser affectiva, especulativa, e activa. A primeira é essencialmente feminina, é a dos amorosos idyllios; a segunda é essencialmente philosophica, é a das geniaes concepções; e a terceira é essencialmente politica, é a das veneraveis instituições.

Os sentimentos dimanam do coração, e dão consistencia aos pensamentos; as imagens, do espirito, e lhes

dão clareza; e os signaes, do character, e lhes dão precisão. A logica é, pois, fundamentalmente affectiva, egoista ou altruista, pouco importa ao facto em si mesmo.

Raciocinar, diz D'Alembert, é perlustar a recta estrada que conduz do conhecido ao desconhecido. E a nitidez é o verniz dos mestres, diz Vauvenargues. O estylo é o homem, diz Buffon; e o homem vale o que vale o seu coração, o foco da verve da propria eloquencia, dizemos nós. A medida do merito é a capacidade de amar, e a medida do amor é amar sem medida, dizem Mlle. Scúdery e São Francisco de Sales.

E' o amor, pelos seus doces enlevos e enleios, que fundamentalmente nos domina, em todas as manifestações animicas da nossa complexa e delicada existencia. Amor, que faz que se ame a quem nos ama, e que se não odeie a quem nos odeia. «Amor, che a nullo amato amar perdona»; para fallar a commovente linguagem musical «d'el altissimo poeta», o arrebatado amante de «Beatrice, lóda de Dio vera.»

O amor é o estofo da natureza que a imaginação bordou, diz Buffon. E' o que só ha de real na vida, diz Mme. de Staël. E' a medida do merito, diz Mlle. Scudéry. E' o que tem por medida o amar sem medida, diz São Francisco de Sales. E' o soberano bem, diz Thomaz de Kempis. E' a lei do dever e da felicidade, diz Augusto Comte. E' o ineffavel gôzo dos inexciveis prazeres da dedicação, diz Clotilde de Vaux.

«Au milieu des plus graves tourments qui puissent jamais résulter de l'affection, je n'ai pas cessé de sentir que l'essentiel pour le bonheur c'est toujours d'avoir le cœur dignement rempli... même de douleur, oui, même de douleur, de la plus amère douleur.» Ou ainda, «le parfait amour ne vit point sans douleur», paraphraseou Corneille.

Isso commovidamente proclamou, nas suas tocantes preces quotidianas, arrebatado pela irresistivel fascinação dos «occhi smeraldi!» da sua, ou melhor, da nossa bem amada Clotilde, a sua angelica inspiradora,

a nossa divina mãe espiritual, o nosso bem amado Augusto Comte, o nosso divino pae espiritual.

Temos que confiar, pois, no poder milagroso do amor; do amor que nos anima; do amor que vos votamos, minhas Senhoras, através dos nossos anjos da guarda, a mãe, a esposa, e as filhas; para poder compor e cantar, neste tocante dia da fraternidade universal, e neste benemerito recinto de fraternidade civica; em honra e louvor aos vossos peregrinos dotes, moraes e physicos, de coração, de espirito, de caracter, e de plastica até, este nosso hymno de amor, esta nossa amorosa canção, pois que realmente o é. Ora,...

«Rien ne pèse à l'amour, rien ne peut l'arrêter;
Il n'est point de travaux qu'il daigne supputer;
Il veut plus que sa force; et quoi qui se présente,
L'impossibilité jamais ne l'épouvante:
Le zèle qui l'emporte au bien qu'il s'est promis
Lui montre tout possible, et lui peint tout permis.»

«Ainsi qui sait aimer se rend de tout capable:
Il réduit à l'effet ce qui semble incroyable;
Mais le manque d'amour fait le manque de cœur,
Il abat le courage, il détruit la vigueur,
Relâche les désirs, brouille la connaissance,
Et laisse enfin tout l'homme à sa propre impuissance.»

«Quand on écrit des femmes, il faut tremper sa plume dans l'arc-en-ciel, et jeter sur sa ligne la poussière des ailes du papillon.»

Assim se exprimio, com concisão do discurso e assistencia das imagens, a invejavel penna do espirito forte de Diderot, o fundador da escola encyclopedica, a cabeça mais synthetica que surgiu entre Aristoteles, o principe dos philosophos, e Augusto Comte, o principe dos novadores, as duas maiores cabeças que a

especie tem produzido. E assim ficamos vendo, bem de perto, bem ao vivo, a dificuldade da empresa em que nos mettemos, em que nos aventuramos.

Seja como for, não esqueçamos que felizmente estamos sob a inspiração de um «rosto hermoso», de «um céu de anil» e de «mais estrellas», de «uma terra de amores alcatifada de flores», de «azas ligeiras das borboletas azues», de «palmeiras onde canta o sabiá», de «varzeas de mais flores», de «bosques de mais vida», de «vidas de mais amores», etc., etc..

Mas além disso, temos, a nosso favor, em abono nosso, em proveito da nossa amorosa prelecção, a nossa provecta idade, os annos do saber de experiencias feito, o terror das mulheres, sobretudo das moças, e de muitos homens tambem, e até já velhos.

E' que não é nenhum inexperiente e tresloucado joven, que tendes deante de vós, a discorrer a esmo sobre vós, minhas Senhoras. Tambem não é um velho, vamos, venhamos e convenhamos, e apressemo-nos em o dizer, por causa das duvidas, dos enganos, das confusões. E isso, máo grado o vetusto e bonito toucado de neve, *d'après nature*, que nos aureola a fronte, a séde da intelligencia; que nos enquadra e emmoldura o rosto, o espelho fiel da alma, rosto e alma, reverberos do querido céu sob o qual se teve a dita de nascer.

Nem moço nem velho, afinal de contas, e apenas maduro; tendo transposto a primavera e o verão da vida, as estações das flores, apontadas e desabrochadas, mas não transposto a estação dos amores, e isso de modo tempestuoso. Estamos no sazonado outomno, a quadra dos amadurecidos frutos; e nada dispostos a precipitar o inverno, a phase do torpor vital, que ahi vem em desenfreado e aterrador galope.

O positivista, normalmente, envelhece aos 63 annos de idade, quando finda a madureza; e morre aos 91, producto de 7 e 13, numeros philosophico e esthetico. Contemporaneo de tres gerações, pois, quando

sobrevem a morte natural, semelhante á branda extinção de uma lampada, que, tendo consumido o seu combustível, lentamente se esvae, crepitando aos poucos, conforme a bella e judiciosa imagem vital de Bacon. Se envelhece ou morre antes disso, a culpa, está visto, é delle, e não da doutrina delle.

E o rémedio ou a medicina para conseguir esse viço e essa longevidade, não esqueçamos de o dizer, é o mais simples e racional que é possível. Negativamente, consiste em não tomar remédio ou medicina, nem sequer ter médico, sobretudo notavel, para não correr o risco imminente de morrer ou, pelo menos, de adoecer da cura cavallar, o que é o caso commum do grosseiro e perigoso empirismo médico, sobretudo microbiano, o «record» do charlatanismo. E positivamente, consiste em ter amor e fé, regimen e hygiene, não só moral ou cerebral, como physico ou corporal; pois que «mens sana in corpore sano», segundo a bella e sabia maxima de Juvenal.

Em uma palavra, saude e virtude, os dois mais preciosos bens leibnitzianos: saude, virtude do corpo pedestal do cerebro; e virtude, saude da alma, função do cerebro estatua do corpo.

E com que autoridade dizemos tudo isso? Com a incomparavel autoridade de uma doutrina superior aos seus órgãos quaesquer. A sciencia é como a luz, dizia a segunda Santa Clotilde, basta estar nas alturas, para illuminar a todos.

E' o homem maduro, pois, plenamente desenvolvido, no physico e no moral; commodamente pousado e atarrachado no vertice dos dois ramos, ascendente e descendente, da curva parabolica da vida, a cavalgada para a morte, que vedes na vossa frente, a prosar ousadamente, de vós para vós.

As suas palavras, como é natural, devem ter, por certo, não só algum peso, alguma ponderação, por pouco

que seja, da sua quinquagenaria idade; mas sobretudo o muito da muita autoridade dos seus grandes mestres, os egregios pensadores que o deleitam. Sem ser um pensador, é um homem que pensa alguma coisa, que se apraz em pensar; e para o qual, amar e pensar, afeição e pensamento, o santo plano de vida de Santa Clotilde de Vaux, são as duas melhores cousas deste mundo de cousas boas, vamos e venhamos.

«Qui n'a pas l'esprit de son âge, de son âge a tous les malheurs.»

Isso disse Voltaire, com o seu espirituoso espirito; um grande espirito, por certo; o maior dos espiritos de segunda ordem, ao certo.

Tenhamos, pois, o espirito da nossa idade, individual e colectiva; da nossa ponderada madureza, e do nosso seculo positivo; para dessa nossa dupla idade termos todas as felicidades. Todas as idades, desde a mais tenra puericia, até a mais dura velhice, têm as suas felicidades, bem como as suas desgraças.

Aquellas consistem em carregar prazenteiramente, por amor, de cara alegre, sem pintura, nem na cara, nem no cabello, com o aprazível sorriso nos labios, e até nos olhos, se fór possível, o inevitavel peso dos annos; os prateados toucados de neve, a patina da estatua humana, o cerebro, de que o corpo é o pedestal; as inevitaveis e impertinentes rugas; os engraçados e desengraçados tropeços; as infantis e interessantes caduquices, etc., etc.

E estas se cifram em fazel-o anachronicamente, a contra gosto, de senho carrancudo, de cara feia, de cabello pintado, de cutis amarrotada e pintada, amuado com o tempo, emburrado, em summa; como se o tempo, ou a successão dos acontecimentos, devesse esbarrar ante e em homenagem á nossa eterna, e não passageira mocidade, extasiado pelo seu deslumbrante viço. E' como se a risonha e prazenteira primavera, a estação das flores e dos amores...

«....le temps

Que tout aime et que tout pullule dans le monde,
Monstres marins au fond de l'onde,
Tigres dans les forêts, alouettes aux champs....»

na periodica translação do nosso planeta, no seu immutavel e eterno gyro celeste, não devesse necessariamente ceder o passo ao verão, ao outomno, e ao inverno, as estações successivas dessa planetaria translação gyratoria.

E aquillo, pelos milagres do amor; porque o amor não sente peso, muito menos o dos annos; porque nada pesa ao amor, muito menos os annos; porque o amor torna leves os mais pesados fardos, muito mais os dos annos; e porque, em summa, o amor da velhice é mais delicioso do que o amor da mocidade, ora se o é! Ora,...

«L'Amour ne dort jamais, non plus que le soleil;
Il sait l'art de veiller dans le bras du sommeil;
Il sait dans la fatigue être sans lassitude;
Il sait dans la contrainte être sans servitude,
Porter mille fardeaux sans en être accablé,
Voir mille objects d'effroi sans en être troublé:
C'est d'une vive flamme une heureuse étincelle,
Qui pour se réunir à sa source immortelle,
Au travers de la lune et de l'obscurité
Jusqu'au plus haut des cieux s'échappe en sûreté.»

O nosso destino, como immutavel que é nas suas condições fundamentaes, bem como modificavel que é nas suas disposições secundarias, se compõe, consequentemente, de resignação e acção: resignação ante a sua immutabilidade fundamental, e acção sobre a sua modificabilidade secundaria. Mas, quer tenhamos que nos resignar deante da fatalidade, quer que agir sobre a modificabilidade; a nossa submissão é a base do nosso

aperfeiçoamento, primeiro physico, depois intellectual, emfim e sobretudo moral.

E' que, em ambos os casos, quer nos resignando, quer agindo, as leis naturaes nos dominam por toda parte. Temos que, por um lado, conceber como imutaveis as leis quaesquer que regem os seres pelos acontecimentos, posto que só a ordem abstracta permitta apreciar-as. E por outro lado, temos que encarar as modificações quaesquer da ordem universal como limitadas sempre á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo permanece inalteravel.

E o que é mais curioso é que, nessa subordinação universal ao destino, o polo immutavel na eterna flutuação das cousas creadas, para fallar a bella linguagem de Schiller, a escala da dependencia é a da dignidade tambem.

Dos dois imperios da natureza, o inorganico e o organico; aquelle é o mais independente e grosseiro; e este, que sobre aquelle repousa, é o mais dependente e nobre. Semelhantemente em relação aos seus tres reinos, mineral, vegetal e animal; dos quaes, o primeiro é o mais independente e grosseiro; e o terceiro, que sobre os dois outros assenta, é o mais dependente e nobre.

Em uma palavra, por toda parte, a ordem a mais nobre subordina-se á mais grosseira, modificando-a continuamente.

Entre o homem e a Mulher, por exemplo: esta é mais nobre, por ser mais dependente; e aquelle mais independente, por ser mais grosseiro. Ella, com toda a sua modestia, é fino tecido de seda; e elle, com toda a sua prosa, é grosseiro estofo de algodão. E é por isso que a mais leve mancha, que não faz moessa no grosseirão do homem, mancha indelevelmente a finissima da Mulher.

Da Mulher, em regra geral, é como da mulher de Cesar, nem siquer suspeita. Como feitura da Mulher, como mãe, esposa, filha, irmã, criada, amiga, em sum-

ma; o proprio valor do homem é necessariamente obra della.

Em uma palavra, no criterioso cotejo dos dois; elle é o engaste de que ella é a perola, o pedunculo de que ella é a flor, o vaso de que ella é a essencia, o corpo de que ella é a alma. Elle que se dê, como cavalleiro que deve ser, por honrado e satisfeito com isso, que não é pouco, que é muito.

Aceitemos, pois, dignamente o nosso destino, não só na velhice, como na propria morte; pois que envelhecer e morrer, entre outras cousas, é o nosso destino. A morte do individuo é a renovação da especie. Quem não morre envelhece, e quem envelhece morre; e é preferivel não morrer para envelhecer, e envelhecer para morrer, á morrer para não envelhecer.

Mas envelhecer sem ficar velho, ahi é que está a belleza do systema. Isto é, conservar o vigor moral, o enthusiastico ardor, a alegria do coração, a mocidade da alma, na decrepitude do corpo; á moda do grande Fontenelle, o elo philosophico entre os XVII e XVIII seculos, o vigoroso e prazenteiro centenário; é que é o ideal do envelhecimento.

Isso se consegue pelo amor, o soberano bem, a lei do dever e da felicidade, a medida do merito, o ideal da vida.

A vida é uma consonante harmonia entre o organismo vivo e o meio ambiente; e o amor é o lamiré dessa harmonia musical. E na vida, só ha de irrevogavel a morte, o termo da vida; pois que a vida, sobretudo moral, é o que ha de mais modificavel, na escala natural das modificabilidades.

No fundo, tudo se revoga, pois, na vida; e só a morte, que é o seu ultimo acto, o seu canto do cysne, se não revoga, é irrevogavel. E é por isso que só depois de mortos podemos ser julgados; por isso que, enquanto vivos, a cada passo, podemos compensar, e até

exceder, o bem que fizemos, pelo mal que poderíamos fazer, e vice-versa, embora mais difícil e raramente. Vivamos, pois, pelo coração, pelo amor; que isso é que é realmente viver

Um dos nossos ditos predilectos, pois que também os temos, para o nosso uso próprio, está visto, pois que não temos autoridade para mais, é que a melhor idade da vida é aquella em que se está, quando se é feliz, como está em nossas mãos o ser.

Ser feliz é ser bom, e ser infeliz é ser máo; aquelle traz o céu dentro d'alma, e este o inferno.

Outrosim costumamos dizer, no nosso elogio da velhice (insuspeito porque não somos velhos, digam o que disserem, já o dissemos e repetimos), que é preferível ser velho a ser moço, porque o velho já foi moço, e o moço será velho ou não. Solon, o sabio legislador ateniense, costumava dizer que envelhecia aprendendo, porque cada lição aprendida é um avanço na idade.

Desde que nos entendemos, que damos accôrdo de nós; todos nós vivemos, sem distincção de idade, das lembranças do passado, dos cuidados do futuro, e das affeições do presente. Ora, o velho vive, mais do que o moço, das lembranças do passado; menos, dos cuidados do futuro; e egualmente, das affeições do presente.

Isso é uma outra condição de superioridade da velhice sobre a mocidade; pois que o passado, como já passado, prepondera sobre o futuro, como por passar; e a prioridade, já constituida, prepondera sobre a posteridade, a constituir. E' que o velho tem naturalmente as tradições que o moço não tem; e é das tradições, das saudosas tradições, que especialmente se vive,

No perpassar dos seculos e das gerações, o principio de autoridade dimanou, primeiro da idade, com a conservação astrolátrica dos velhos; antes do nascimento, com a instituição theocrática das castas; e do merito, com a transmissão sociocrática do poder. E isso, ainda é uma prova cabal da superioridade da ponde-

rada velhice sobre a estonteada mocidade, mau grado as rugas daquelle e o viço desta.

E' como um quinquagenario e um coetaneo do seculo XX, pois, que vamos especialmente entrar agora, após esse exordio, e sem mais preambulos, no amago da nossa arrebatadora these, a apreciação religiosa da Mulher; tomando o admiravel vocabulo religião, talvez o mais bem constituido de todos, na sua significação geral, isto é, de coordenação, moral, intellectual e pratica, da vida humana. E apreciação religiosa, porque só religiosamente, quer dizer, sob esse triplice aspecto, ella póde, como divindade que é, ser digna e cabalmente apreciada, com effeito.

Tudo isso quer dizer, em uma palavra, que o vamos fazer como positivistas que somos, e nessa idade em que nos achamos, em que se não volta atrás, quando se tem a ventura de ter as inabalaveis convicções positivas, isto é, reaes e uteis, que nós temos.

E' um crente, pois, da mais feminina das religiões; a do amor, como a lei do dever e da felicidade; a do culto da Mulher, como fundamento moral da ordem e do progresso; que vae abordar agora, minhas Senhoras, a delicada e tocante apreciação do vosso bello e nobre sexo; que naturalmente, assim philosophicamente estribado, se sente á vontade para o fazer.

Sursum corda, pois, caros ouvintes de ambos os sexos, Senhoras e senhores, e especialmente senhores, está visto, á moda latina, e como latinos que somos, para o hymno de amor que vamos entoar á deusa feminina. E como a poesia, positivamente encarada, apenas idealisa a realidade, para despertar em nós o instincto do aperfeiçoamento, o motor do nosso dever e da nossa felicidade; na realidade, apenas idealisada, como se faz mister, vae assentar o nosso hymno de amor.

No estudo que vamos fazer, pois que o é, temos naturalmente que acompanhar, como discipulos seus que somos, os magistraes pensamentos dos grandes pensadores, os egregios mestres, desde Aristoteles, o principe dos philosophos, até Augusto Comte, o novador sem par. São vozes de além tumulo, são ensinamentos posthumos, pois, que nos vão guiar aqui.

Vamos apreciar a Mulher, pois, com o mesmo criterio, logico e scientifico, historico e dogmatico, com que apreciamos uma flor, por exemplo, esse curioso e interessante problema de historia natural. E o simile é adequado e perfeito, porque a Mulher tambem é uma flor, em cujo seio ha tanto aroma! como já foi bem dito algures.

E o simile só não é de todo perfeito, embora seja de todo adequado, porque a Mulher é a mais bella, a mais mimosa, a mais perfumosa, a mais preciosa, a mais requestada das flores. A sua apreciação, pois, releva naturalmente de difficuldade e de importancia sobre a da flor; sendo esta uma simples questão de historia natural, e aquella um transcendente problema de moral, a primeira sciencia do homem, por ser a sciencia do proprio homem, no interessante dizer de Mme. de Lambert.

Entrando em materia, temos que fazer a methodica apreciação positiva do sexo amante sob tres pontos de vista successivos, dois estaticos, e um dinamico: em sua delicada e privilegiada natureza intrinseca, em sua dupla e relevante missão social, e em seu interessante e empolgante desenvolvimento historico.

E isso porque só assim nos poderemos dar conta, com escrupuloso criterio, com inteira rectidão, com plena justiça, não só do que a Mulher é e do que valle, como ainda do que lhe devemos, do que temos que esperar della, como mãe, esposa e filha, como

deusa do lar, em summa, para a plena consecução da felicidade da Humanidade, o Gran-Ser, no Espaço, e na Terra, o Gran-Meio, e o Gran-Fetiche, a santa trindade positivista. Mas, ao mesmo tempo, ficaremos scientes, mulheres e homens, e especialmente mulheres, digamos ainda, da tremenda responsabilidade moral que pesa sobre os seus tão delicados quão preciosos hombros de feiticeira fada.

Sob o primeiro aspecto, o da mimosa natureza intrinseca, o dos peregrinos dotes interiores, o dos arrebatadores encantos moraes, digno e nobre corôamento dos irresistiveis encantos physicos; temos que successivamente apreciar, no rigor do termo, a triplice natureza feminina, affectiva, especulativa e activa, o coração, o espirito, e o character, os tres attributos da sua natureza eleita, as tres cordas da lyra da alma peregrina do sexo amante, o doce manancial de ventura dos corações amantes.

Esse minucioso e rigoroso exame, feito segundo as regras da sã logica, vae nos demonstrar, com o rigor da demonstração geometrica, o typo acabado da rigorosa demonstração, a incontestavel e natural superioridade moral da Mulher sobre o homem, mau grado o grosseiro e desmedido orgulho masculino.

A alma humana, tomando esse precioso vocabulo na sua precisa accepção positiva, de conjuncto das funcções superiores do cerebro, em amar, pensar e agir, agir por affeição, e pensar para agir; amar pelo coração, pensar pelo espirito, e agir pelo character, os seus tres attributos fundamentaes; a alma humana está hoje plena e scientificamente conhecida, nos seus mais intimos recessos, nos seus mais reconditos refolhos, nos seus mais secretos meandros. Graças ás geniaes elaborações dos Hume, dos Cabanis, dos Georges Leroy, dos Gall, e dos Augusto Comte; a sua theoria scientifica, succedendo á sua concepção theolo-

gico-metaphysica, está dada; bem dada, e plenamente dada; e ella não tem mais segredos ou refulhos impenetraveis.

E foi justamente essa transcendente e decisiva concepção moral, de par com a theoria astronomica do duplo movimento da Terra, demonstrado por Galileu, o sabio do inquesitorial «e por si muove»; que constituiram, nos extremos da escala encyclopedica, as duas maiores revoluções scientificas dos tempos modernos, os dois mais tremendos golpes desfechados na propria cabeça da velha e caduca theologia. E foram ellas outrosim que precipitaram o genial desfecho, philosophico e religioso, devido ao genio de Augusto Comte, o fundador da religião da Humanidade, sob a graciosa inspiração de Clotilde de Vaux, da secular evolução scientifica, que vae, em um intervallo de vinte e cinco seculos, de Thales e Pythagoras, na antiguidade gréco-romana, a Bichat, Gall e Broussais, na moderna transição occidental.

Esse desfecho tornou o problema religioso, o grande problema humano, a instituição da unidade humana, individual e collectiva, sob o seu duplo aspecto fundamental, ligar o interior pelo amor, e religal-o ao exterior pela fé, consoante á propria etymologia do admiravel e incomparavel vocabulo religião, disciplinar cada natureza individual, e congregar todas as individualidades, o tornou um problema tão positivo como qualquer outro.

Desde então, amor e fé, culto, dogma e regimen, sympathia, synthese e synergia, os diversos elementos, binarios e ternarios, da religião, na marcha natural da evolução, attingiram á plena positividade, que hoje os caracteriza na religião final. A poesia tornou-se então a alma do culto, a sciencia a do dogma, e a industria a do regimen. O homem é cada vez mais religioso, tal é o bello resumo dessa marcha natural da evolução.

A principio, espontanea com o fetichismo, a synthese parcial do amor; em seguida, inspirada com o polytheismo, a synthese parcial da ordem; e depois, revelada com o monotheismo, a synthese parcial do progresso; a religião tornou-se afinal demonstrada com o positivismo, a synthese integral do amor, da ordem, e do progresso, a um tempo.

O amor por principio, e a ordem por base; o progresso por fim: tal é, com effeito, a sua admiravel e final formula sagrada. E tudo isso de pleno e consequente accôrdo com o immutavel predominio das leis naturaes, que tudo regem, mundo, sociedade e homem, religião ou unidade, poesia ou arte, philosophia ou sciencia, politica ou industria.

Pois é á luz dessa religião poetica, philosophica e politica; dessas poesia, philosophia e politica religiosas; dessa synthese integral, do amor, da ordem, e do progresso; que ha trinta annos, tantos quantos de casados, nos achamos filiados, de coração, de espirito, e character, e a que devemos a nossa felicidade; que vamos agora penetrar, minhas Senhoras, com as naturaes e intimas emoções do crente, do cavalheiro, no santuario da alma feminina, esse abençoado escritorio de ternura e pureza.

E para tentar fazel-o do modo o mais conveniente que nol-o é dado fazer; com as imprescindiveis emoções que a delicadeza do assumpto requer; permitti que invoquemos aqui, de joelhos, na postura da adoração, e no limiar da nossa apreciação feminina, uma memória feminina, que nos é por demais cara.

A suave lembrança de uma Filha querida, a nossa adorada e inolvidavel Carmen, que tão cedo, tão prematuramente, aos seus 24 annos incompletos de idade! em pleno desabrochar da mocidade, em pleno viço da vida, nos foi arrebatada, na nossa ausencia! pela morte, a irrevogavel morte, que a divinizou para nós.

«Sagrada és ya mi pasión,
La divinizou la muerte.»

Tudo da bem amada Amiga, moral e physico, coração, espirito e character, graça, amenidade e belleza, mas mesmo tudo, herança de sua perfeita mãe, tudo que em nós revive por amor della, nos é uma das melhores demonstrações praticas da real e incontestavel superioridade do seu sexo. E revive nesse «coração de ouro», permitti a ingenua allusão, como a sua bondade filial nol-o qualificou.

A selecta alma feminina é um bonançoso céu azul sem nuvens, um doce manancial de venturas, um lindo jardim de perfumosas flores, um placido paraíso de magnificas delicias, um mundo de inqualificaveis maravilhas. E o gracioso corpo feminino, o adequado pedestal desse cerebro peregrino, é um feiticeiro mimo de seductoras graças, uma obra prima de primorosa plastica, um rico thesouro de arrebatadores encantos, um indescriptivel mundo de indescriptiveis feitiços.

A alma humana, que se compõe de dezoito funções ao todo, se divide em tres partes distinctas, coração, espirito e character, sentimento, intelligencia e actividade. Dessas dezoito funções ao todo, dez são affectivas, cinco especulativas, e tres activas; o que quer dizer, como a experiencia o confirma, que somos mais affectivos do que especulativos e activos, e mais especulativos do que activos. E dessas tres partes distinctas, o coração nos impulsiona, o espirito nos esclarece, e o character nos actua.

De accôrdo com essas attribuições especiaes e characteristics, o espirito e o character, funções interiores do cerebro, se ligam ao exterior, com elle communicam, por meio de duas especies de funções exteriores, os sentidos e os musculos, a sensibilidade e a contractilidade. Aquella vae ter directamente ao espi-

rito por meio de ganglios especiaes; a quem transmite, mediante o seu delicado aparelho, as diversas especies de sensações. E esta se communica com o character; a quem fornece os meios contractis de acção, exterior e interior.

Quanto ao coração, nenhuma comunicação tem elle com o exterior; e só se liga ao interior, ás visceras, e ás duas outras regiões interiores, o espirito e o character.

O coração humano é um composto de egoismo e de altruismo, de estímulos pessoaes e de estímulos sociaes, de instinctos que nos levam a viver para nós ou para outrem. Mais egoistas do que altruistas; entre os dez pendores que nos dominam; sete, nutritivo, sexual, materno, destruidor, constructor, orgulho e vaidade, são pessoaes, egoistas; e só tres, apêgo, veneração e bondade, são sociaes, altruistas.

Subordinar o egoismo ao altruismo, a personalidade á sociabilidade, apesar disso, dessa desproporcionabilidade; tal é o resumo do grande problema humano, o problema religioso, scientíficamente encarado; e o nó da sua principal difficuldade, a difficuldade moral.

A virtude, como tão bem a definiu Duclos, o grande moralista do XVIII seculo, consiste, pois, em um esforço sobre si mesmo em favor de outrem.

No malprezado esboço moral do incomparavel S. Paulo, o verdadeiro fundador do catholicismo, condensado na luta entre a natureza e a graça; aquella corresponde ao egoismo, e esta ao altruismo. Essa admiravel concepção do grande santo, seja dito de passagem, em honra á sua santa memoria, constituiu, na idade-média, o unico passo essencial que a sciencia moral comportava, desde o seu antigo esboço theocratico, até a sua recente instituição positiva.

O coração da Mulher, criteriosa e imparcialmente apreciado, é duplamente superior ao do homem; pois

que é incontestavelmente mais altruista e menos egoísta, mais terno e mais puro. Mais apegadas, mais veneradoras, e mais bondosas do que nós, as mulheres ainda são mais sobrias, mais castas, mais doces, e menos ambiciosas.

Da cobiça e da ambição, ellas só têm de naturalmente mais energicos, o instincto materno, o apêgo ao que de nós dimana, e a vaidade, o desejo de agradar; que são justamente o que a cobiça e a ambição têm de menos impuro. Em contraposição, no homem, na grosseria masculina, prepondera o que, sob esse duplo aspecto, ha de mais grosseiro: o instincto nutritivo, o mais energico; o sexual, o mais perturbador; o destruidor, o mais violento; e o orgulho, o mais ambicioso.

Por tudo isso, como é sabido, a educação moral da Mulher, pela sua mesma natural docilidade, é mais facil e mais segura do que a do homem. E' que o sexo amante é todo feito de bondade, vive do amor e para o amor, para amar e ser amado, o que é o ideal da vida.

Pelo lado do espirito, o facho que nos illumina, os dois sexos como que se completam admiravelmente bem, por uma justa e ponderada repartição das cinco faculdades intellectuaes, contemplação concreta, contemplação abstracta, meditação inductiva, meditação deductiva, e expressão, do nosso cerebro, a dupla placenta permanente entre o homem e a Humanidade. Assim é que entre a concepção e a expressão, as duas faculdades geraes; aquella prepondera no homem, e esta na Mulher. O mesmo se dá quanto á contemplação, concreta e abstracta, á meditação, inductiva e deductiva, e á expressão, mímica, oral ou escripta.

Isso posto, no sexo feminino preponderam os talentos de expressão sobre os de concepção, os de contemplação sobre os de meditação, os de contemplação concreta sobre os de contemplação abstracta, e os de meditação inductiva sobre os de meditação deductiva.

Em uma palavra, a intelligencia masculina tem mais força e extensão, e a feminina mais justeza e penetração.

Foi graças a isso que uma Sophia Germana, geometra e philosopha, resolveu o celebre problema de acustica mathematica, que havia escapado ao privilegiado genio de um Lagrange, o mais philosopho dos grandes geometras. Tambem o foi porque uma Miss Martineau fez essa admiravel condensação, em dois unicos volumes, dos seis desse monumental *Système de Philosophie Positive*, a obra fundamental de Augusto Comte, que um Dunoyer, o mais estimavel dos economistas, qualifica como a mais genial obra philosophica do XIX seculo.

Outrosim o foi porque uma Heloisa, uma Mme. de Sévigné, uma Clotilde de Vaux, etc., burilaram as suas bellas e immortaes cartas, nesse modelo de estylo epistolar, tão bem expressas quanto bem pensadas. Finalmente o foi tambem porque uma Mme. de Lafayette, uma Mme. de Lambert, uma Mme. de Motteville, etc., nos legaram essas *Princesse de Clèves*, esses *Conseils à ses fils*, esses *Mémoires*, etc., que só a delicada penna feminina podia traçar.

Quanto ás qualidades praticas do character, a coragem, a prudencia, e a firmeza, que impellem, rentem e mantem a acção; se aquella, que é a mais geral, em these, prepondera no homem, que é, em regra, mais corajoso do que a sua companheira; estas, que são as mais eminentes, sobrelevam na Mulher, que é normalmente mais circumspecta e perseverante do que o seu companheiro. E em these, quanto á coragem, repetimos, porque o sexo feminino, nos momentos excepcionaes, quando uma grande paixão o faz agir, é excepcionalmente, apaixonadamente mais energico do que o sexo masculino, como se vê a cada passo.

O só maravilhoso e jamais sufficientemente apreciado caso de Jeanne d'Arc, Santa Jeanne d'Arc, canonisada pelo positivismo antes de o ser pelo catholicis-

mo, por Augusto Comte antes de Benedicto XV; a heroica virgem que, no XV seculo, salvou corajosamente a França, quando os homens acovardados desesperavam de salvá-la; basta para o provar, de modo cabal e irrecusavel. Mas junte-se a isso o não menos maravilhoso caso das corajosas martyres do catholicismo, muitas dellas adolescentes e até impuberes, que a crueldade dos imperadores romanos, dos monstruosos Nero, como que embotada por tanta impavidez, arrojava impavidas á faminta voracidade das feras, ao voraz exterminio do fogo, e ao sacrilego banditismo dos algozes!

O minucioso e criterioso confronto dos dois sexos, pelo escrupuloso cotejo das suas mutuas qualidades, affectivas, especulativas e activas, moraes, intellectuaes e praticas, de coração, de espirito, e de character; mostra, pois, que a Mulher é intrinsecamente superior ao homem, quanto ás primeiras, as affectivas, as moraes, as do coração. E duplamente superior, como vimos, positiva e negativamente; em ternura, e em pureza, como mais altruista e menos egoista.

Mas sendo o espirito e o character meros ministros do coração, a nossa mola real, o foco dos grandes pensamentos; a superioridade deste acarreta, no fundo, consequentemente a daquelles. De sorte que, em ultima analyse, a ascendencia moral do sexo amante implica necessariamente a intellectual e a pratica. Para não se ter duvida a esse respeito, basta considerar, sob o primeiro aspecto, o cunho affectivo da logica, e, sob o segundo, a superior capacidade de resistencia do sexo da abnegação.

Na vida, só ha de real amar. Já vimos que, das tres partes da nossa existencia cerebral, amar, pensar e agir, agir por affeição, e pensar para agir; pensar e agir cançam, só amar não cança, nem dizer que se ama. E' ainda melhor amar que ser amado; mesmo porque

amar é o melhor meio de ser amado, pois que amor com amor se paga.

A medida do merito é o amor; e a medida do amor é amar sem medida, desmedidamente, pois que o amor não tem medida. Em amar seu dever e fazel-o sua felicidade, está toda a sciencia da felicidade; pois que o amor é a lei do dever e da felicidade, fundidos em uma só lei, viver para outrem. Feliz é quem ama, e tanto mais feliz é quanto mais ama. E desgraçado é quem odeia, e tanto mais desgraçado é quanto mais odeia.

Tal é a preclara e tocante apreciação do amor, pelas Mmes. de Staël e de Motteville, as Mlle. Scudéry, os Augusto Comte, os Dante, os São Francisco de Sales, etc.

Apreciada scientificamente a excelsa natureza feminina, como o fizemos, e com o escrupulo e a minuciosidade com que o fizemos, vejamos agora a dupla missão social da Mulher, a physica ou physiologica, e a moral ou educadora. E' a deusa do lar, é a progenitora do homem, é o seu anjo da guarda, é a sua amiga natural, mãe, esposa e filha; é aquella que abnegadamente joga a vida pela vida que nos dá; que vamos especialmente encarar agora, no atarefado exercicio da sua incomparavel e insubstituivel missão.

A maternidade, e especialmente a gravidez, esse estado realmente interessante, essa fecundada floração genesica, esse amoroso fruto do paradisiaco furto do appetecido fruto prohibido, esse embryonario feto do resgatado peccado original, como que diviniza a Mulher, coroando-a de uma aureola divina, aureolando-a de uma divina corôa, envolvendo-a de um nimbo celeste, que a torna muitas vezes santa.

A partir de Harvey, o grande physiologista inglez da theoria positiva da circulação do sangue; esse delicado phenomeno se tornou cada vez mais conhecido; e hoje o está plenamente, graças á ultima de mão que

lhe deu o genio encyclopedico de Augusto Comte. O celebre aphorismo harveyano — «Omne vivum ex ovo» —, com a sua melhor redacção comteana — «Omne vivum ex vivo» — revolucionou, «de fond en comble», as extravagantes idéas antigas a esse respeito.

Com effeito, até o sabio inglez, no XVII seculo, o seculo de Descartes e de Leibnitz, os dois maiores philosophos modernos; o orgulho masculino, que theologicamente fez, da moralizadora Mulher, a perdição do genero humano, e, do nobilitante trabalho, uma maldição divina, invertendo e pervertendo os papeis; fazia egoisticamente da propria procreação um acto essencialmente seu, no qual o supposto papel secundario da Mulher, a verdadeira progenitora, era comparado, extravagantemente comparado, ao da Terra, na germinação das plantas; máo grado a evidente natureza essencialmente feminina do genesico phenomeno uterino.

Assim é que, concentaneo com essa exdruexula theoria, entre os selvagens, como é sabido, os cuidados da concepção são dispensados, não á parturiente, mas ao pae do recém-nascido; e o filho do inimigo, seja qual for a sua mãe, amiga ou inimiga, inimigo é. E o mesmo erroneo ponto de vista, leva o Apollos de Eschylo a justificar, deante de Minerva, o vingativo matricidio de Orestes.

Seja como for, o facto é que hoje está inteiramente constatado, de accordo com o simples bom senso vulgar, o papel preponderante da Mulher, de quem somos essencialmente filhos, no delicado phenomeno da procreação humana.

Della exclusivamente é o germen ou o ovulo que nos gera, apenas fecundado pelo homem; como o prova exhuberantemente a singular parthenogenese, isto é, ao pé da letra, o parto da virgem. Nas suas entranhas, no seu utero, na sua madre, cujos pedaços, cujas secun-

dinas arrancamos dolorosamente, ao nascer, comprometendo a sua propria vida; é que se desenvolve, á custa dessa vida, como verdadeiro parasita, o nosso embryonario feto.

Nos seus fecundos seios, os seus tão graciosos pomos, decorativos e nutrientes, qual saboroso e nutritivo maná do céu, é que se nutre o inicio da nossa infancia. E do seu doce regaço é que, sem perdê-las de vista, e muito menos de affeição, nos desprendemos, com as nossas qualidades intrinsecas, dellas herdadas, e que vão ser apenas desenvolvidas, nos regaços da esposa e da filha, para a luta da vida, do mundo, no meio do qual temos que viver.

Filhos do seu fecundo amor, physiologico e moral; são ellas que nos fazem o que nós somos; pois que ninguem se fez a si mesmo; do nada não se podendo fazer nada, a não ser na ingenua e absurda ficção theologica. São ellas, as mães heroínas, que nos transmitem os germens dos dotes, moraes e mentaes, que possuímos; que nos affeioam, por dentro e por fóra, de nós e dellas, á sua doce e querida imagem.

E nessa interessante funcção geratriz, toda sua, da fecundação á concepção ou parto; o papel secundario do homem é de simples estimulante do germen feminino.

E' que o fluido masculino é fecundante, e o feminino é calmante, de accordo com o diverso e complementar papel que a cada um delles cabe no delicado e complicado phenomeno uterino. E dahi a preciosa aptidão do primeiro, que é um elemento, e não um producto, a tonificar, por reabsorpção physiologica, o proprio organismo que o produz; como o attesta a robustez physica e a energia moral, oriundas da commedida temperança; isto é, do gozo dos prazeres carnaes, criteriosamente classificados, contados, medidos, pesados e calculados; com todas as regras do calculo arithmetico ou dos valores, moralmente instituido.

Mas não só a maternidade é uma função essencialmente feminina, como o seu nome lembra; mas ainda é geralmente collectiva, como vamos ver; o que a dignifica mais do que já o está por natureza, se é possível.

Em primeiro lugar, segundo a profunda e curiosa observação de Franklin, cada um de nós tem dois paes, quatro avós, oito bisavós, desesseis trisavós, trinta e dois tetravós, etc. Os nossos successivos antepassados crescem assim em uma verdadeira e vertiginosa progressão geometrica, cujo primeiro termo e razão são dois, e o ultimo termo o infinito.

Isso posto, remontando sufficientemente o passado, no fim de certo numero de gerações successivas, a simples existencia biologica de cada um de nós supõe uma legião de antepassados, de avós, de progenitores. Mas como, por outro lado, segundo a observação complementar de Augusto Comte, a população humana decresce, e não cresce, á proporção que remontamos esse passado; é evidente que os nossos antepassados foram communs, sem o que a população teria sido outr'ora maior.

Mas, além disso, é preciso não esquecer a influencia geral do meio, cosmico e humano, physico, politico e domestico, sobre o feto, durante todo o delicado periodo da gestação, através do mimoso cerebro feminino, esse sensível e fiel espelho do mundo, esse recondito sacrario dos fascinantes amores.

Tudo isso patenteia, em summa, não só a excepcional complexidade, como a rara delicadeza do phenomeno de que se trata, o da procreação humana, entregue hoje, no interregno religioso do nosso meio revolucionario, aos loucos desvarios de desenfreados prazeres.

A primeira importante consequencia que de tudo isso resulta, é que todo homem eminente provém naturalmente de uma Mulher egualmente eminente: os Cesar, das Aurelia; os Constantino, das Santa Helena; os

Santo Agostinho, das Santa Monica; os São Luiz, das Branca de Castella; os Augusto Comte, das Rosalia Boyer, etc., etc. Ora, se a feitura de uma obra prima requer necessariamente um feitor de obras primas; com maioria de razão o requer a concepção desse feitor de obras primas, que é a obra prima das obras primas, o homem, em summa, o «mens sana in corpore sano», dos antigos Romanos.

De sorte que, a esse proposito, como já foi dito, quando, para exaltarem o homem, nos vierem dizer que foi elle, e não a Mulher, que fez as DIVINA COMEDIA, as IMITAÇÃO DE CHRISTO, os DISCURSO SOBRE O METHODO, os SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA, etc.; a cavalheiresca réplica é facil, e consiste em observar que, se a Mulher não fez realmente tudo isso, é porque naturalmente fez mais que tudo isso, fez os feitores de tudo isso, que necessariamente valem mais que tudo isso.

«Destinadas a formar homens, diz o fundador da religião definitiva, as mulheres devem ser, como todos os autores, julgadas pelas suas obras. Entretanto seria injusto, prosegue o mestre, tornal-as responsaveis dos insucessos, e mesmo não honrar a arvore independentemente do fruto, se sua propria virtude poder ser verificada sem isso.»

Além disso, são as Beatriz, as Laura, as Clotilde, etc., que, ateando a chamma dos corações amantes, illuminam os espiritos pensantes dos Dante, dos Petrarca, dos Augusto Comte, etc, etc. Para os dois apaixonados poetas florentinos, as suas respectivas amantes, as damas dos seus pensamentos, são respectivamente:

«Quella ch'emparadisa la mia mente.
Ogni basso pensiero del cor m'avulse.»

E para o apaixonado pensador francez, a sua amante, a dama dos seus pensamentos, é aquella sem

cuja paixão, profunda e pura, elle não podia ter sido um philosopho completo, por não ter podido, sem ella, apreciar assás o lado affectivo da natureza humana. E' aquella a quem elle deveu, como lealmente o proclamou, não ter deixado a vida, aos 59 annos de idade! sem ter dignamente saboreado, aos 47, na sua plena maturidade, as melhores emoções da natureza humana.

Mas ainda não é só isso, como outrosim o surto de uma grande personalidade reclama uma situação, não só estatica ou geographica, como sobretudo dinamica ou historica, a isso propicia e adequada, e repercutida na Mulher. E' que a vida, e especialmente a vida eminente, é uma harmonia, especial e geral, entre o organismo e o meio, e especialemente o meio social. E' que a especie domina o individuo, a continuidade a solidariedade, o passado o futuro e o presente.

Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos. E o presente, o elo passageiro entre o passado e o futuro, está prenhido deste, e proveio da prenhez daquelle; e tudo isso especialemente através da Mulher, a parturiente da massa humana.

Foi baseado em tudo isso, que tem a solidez da sciencia e a belleza da poesia, que Augusto Comte, de idéa em idéa, de deducção em deducção, foi naturalmente levado a formular, como natural resumo da religião da Humanidade, a audaciosa utopia positiva da Virgem-Mãe, que estheticamente estabelece a admiravel e invejavel conciliação da ternura com a pureza, da maternidade com a virgindade, que o estado de viuvez, por mesmo isso superior a este ultimo, praticamente realiza.

De facto, dado o character essencialmente feminino da procreação humana, se concebe, como typo de aperfeiçoamento moral, quando menos, a possibi-

lidade, embora actualmente ideal, da Mulher, pelo menos nos seus typos mais eminentes, por obra e graça da Humanidade, fecundar-se a si mesmo, sem a impura e delirante intervenção masculina, por uma simples e possante reacção moral do seu delicado cerebro sobre o seu não menos delicado corpo.

Isso em nada infringe as leis naturaes, o freio do supremo destino; e, ao contrario, está de pleno accôrdo com ellas, no seu conjuncto, e nos seus detalhes; donde resulta o seu character de plena positividade.

Em primeiro logar, é sabida e conhecida, na sua delicada e interessante trama intima, a interessante e delicada ligação, nervosa e visceral, entre o physico e o moral, a acção deste sobre aquelle, e a reacção daquelle sobre este. Esse estudo foi magistralmente esboçado por Cabanis, no seu grande tratado *RAPPORTS DU PHYSIQUE ET DU MORAL DE L'HOMME*; e completado magistralmente por Augusto Comte, na sua admiravel *CLASSIFICAÇÃO POSITIVA DAS DEZOITO FUNÇÕES INTERIORES DO CEREBRO, OU QUADRO SYSTEMATICO DA ALMA HUMANA*.

E é precisamente no tão melindroso organismo do sexo dos melindres, esse modelo de perfeição, moral e physica, de coração e de plastica, de bondade e de poesia, que essa acção e reacção mais intima e perfeitamente se operam.

E' ella que nos dá conta de uma serie de phenomenos, cada qual mais curioso e interessante. Um dos mais celebres dentre elles, como é sabido, foram as estygmas ou chagas de Christo, o pretenso fundador do catholicismo, reproduzidas no corpo de São Francisco de Assis, o nobre novador mendicante do XIII seculo, por uma profunda acção do possante moral sobre o delicado physico do grande Santo. Outrosim os extases ou as visões, os casos dos São Paulo, dos Santo Agostinho, das Santa Jeanne d'Arc,

das Santa Thereza de Jesus, etc., não têm outra explicação scientifico-positiva.

São allucinações passageiras de qualquer dos nossos oito sentidos, tacto, musculação, calorificação, gustação, olfação, audição, visão e electrição, e sobre tudo dos principaes dentre elles, e de preferencia a audição e a visão, o mais sympathico e o mais synthetico, os unicos artisticos, aquelle do som, e este da fôrma. Esse delirio agudo e fugaz, de innervação, habitual no sonho, torna, passageira e excepcionalmente, as imagens interiores mais vivas e mais nítidas que as impressões exteriores.

E dahi essa serie de impressionantes factos moraes, que a chronica registra nos seus annaes, e que constituíram outr'ora o dominio proprio e predilecto, não só da ficção theologica, como da abstracção metaphysica.

E' conhecida a delicada acção moral da Mulher sobre o feto, durante os nove mezes da gestação normal, a que já nos referimos acima. Mas não é só isso, como a curiosa regulamentação, exclusivamente humana, do não menos delicado phenomeno da menstruação; intimamente ligado, no seu pubere desabrochar, na sua prenhe suspensão, e no seu maduro menopauso, á maternidade; e apenas grosseiramente esboçado pelas especies animaes superiores; essa regulamentação vem fundamentar a nossa audaciosa utopia.

Ella se torna então o principal dogma, a eucharistia da nova fé; isto é, o resumo ou a condensação natural, como principal dogma que é, do seu culto, do seu proprio dogma, e do seu regimen.

Do seu culto, porque sendo a Mulher a obra prima da civilisação; o ente mais perfeito e, por isso mesmo, mais sensível ao prazer, bem como á dor; o nosso principal aperfeiçoamento moral, fito do culto, consiste naturalmente na plena emancipação moral do sexo affectivo; objecto do culto intimo ou pessoal, que é a base do culto privado e do culto publico.

Do seu dogma, porque sendo a moral a primeira das sciencias, a sciencia por excellencia, o coroamento, logico e scientifico, historico e dogmatico, de toda a encyclopédia abstracta, as philosophias primeira e segunda, que constitue o dogma; essa utopia moral fórma o seu fecho e desfecho natural.

E do seu regimen, afinal, porque sendo o mundo o pedestal do homem; o capital progresso oriundo da politica, que sobre o mundo actua, consiste nesse ideal aperfeiçoamento feminino; ao mesmo tempo base e coroamento de todos os aperfeiçoamentos.

A grande concepção da Humanidade, a mais difficil e importante de todas as concepções, abstractas ou concretas, theoricas ou praticas, estheticas, scientificas ou technicas, é a melhor e mais cabal constatação da utopia positiva da Virgem-Mãe.

Com effeito, a Humanidade, o conjuncto continuo dos seres convergentes, passados, futuros e presentes, entregue a si mesma, aos seus fracos meios, em luta, tenaz e continua, com as fatalidades exteriores, com o destino, a principio tão barbaro, tirando paciente e abnegadamente, desse mesmo destino, e de si mesmo, de sua situação, e de sua natureza, as condições do seu, a principio obscuro, e hoje maravilhoso progresso, é o acabado e admiravel typo da Virgem-Mãe, da virgem que se fecunda a si mesmo, da mãe sem esposo.

Deante della, o Gran-Ser, o Ente-Supremo; da sua incomparavel magestade; instinctivamente, o espirito se eleva, o coração se enternece, e o joelho se curva. E reverentemente se dirige, á positiva Virgem-Mãe do positivismo, a tocante prece que, segundo Dante, São Bernardo, succedendo á Beatriz, dirigio, no paraíso, á mystica Virgem-Mãe do catholicismo:

«Donna, sè tanto grande e tanto vali,
Che, qual vuol grazia e a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi domanda, ma molte fiate
Liberamente al domandar precorre.
In te miséricordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.»

E' pela sua incomparavel missão moral, como missionaria do amor, que a Mulher se caracteriza socialmente, no concerto da harmonia social; como educadora do homem, como providencia moral, como verdadeiro poder moderador da nossa existencia real, de necessidade sujeita ás fatalidades exteriores. Mãe, esposa e filha, principalmente, e accessoriamente irmã, e mesmo criada; ella cultiva, em cada um de nós, no recesso do lar, graças á sua espontanea superioridade moral, os melhores affectos do nosso coração; cuja encantadora expansão é a lei do nosso dever, da nossa felicidade, e da nossa propria saude.

Verdadeiro anjo da guarda, ella actua sobre nós, sob esse triplice aspecto, segundo a natureza das relações estabelecidas, como é curial. A veneranda mãe cultiva a nossa veneração e nos liga ao passado; a cara esposa cultiva o nosso apêgo e nos liga ao presente; e a querida filha cultiva a nossa bondade e nos liga ao futuro.

Eis como o elemento feminino, ao mesmo tempo, elabora carinhosamente os tres pendores, apêgo, veneração e bondade, do nosso altruismo, e nos reata successivamente aos tres termos, passado, futuro e presente, da eterna cadeia dos tempos; a dupla progressão, moral e dynamica, dos phenomenos mais nobres, e da successão dos acontecimentos.

Desses tres reaes anjos da guarda, o principal é a mãe; pois que, além do mais, os anjos não têm sexos porque são eternos.

A vida privada é a base e a garantia da vida publica; e a vida publica é a consolidação e o coroamento da vida privada.

Sacerdotisa do amor, é no santuario domestico, no doce concheiro do lar, e não nas anarchicas e dissolventes competições da vida publica, que a Mulher, a deusa de todos os lares, a divindade de todos os altares, carinhosamente elabora, no physico e no moral, o homem, a sua feitura, á sua imagem. É tanto mais bem feito e elaborado, quanto mais se approxima dessa inatingivel imagem, inatingivel limite ideal do seu aperfeiçoamento moral.

Auxiliar espontanea do sacerdote do templo; ella, a sacerdotisa do lar, pela persuasão, actua sobre o nosso espirito pelo nosso coração; emquanto que elle, o sacerdote do templo, pela convicção, actua sobre o nosso coração pelo nosso espirito.

Nascida para amar e ser amada; ella nos ensina a amar, a gozar as incomparaveis delicias do amor; a viver para outrem, afim de reviver em outrem, por outrem, em summa, o nobre ideal de toda a alma nobre.

Trè cari nomi ha in te raccolti:
Sposa, Madre e Figliuola.

Mas é sobretudo como esposa, nesse doce laço conjugal, nesse divino hymineu nupcial, nessa eterna lua de mel; que é a mais perfeita das amizades, embellezada por uma incomparavel posse mutua; que naturalmente se faz sentir a acção decisiva do sexo amante sobre o sexo amado, pela identificação que o amor opera nos que se amam. Essa acção é preparada pela da mãe e completada pela da filha, de modo a constituir a angelica

trindade domestica, da nossa verdadeira providencia moral.

Destinado essencialmente á educação moral do homem pela Mulher, o casamento subordina a maternidade á conjugalidade; como o indica o facto philologico de, em todas as linguas, vivas ou mortas, mulher ser synonymo de esposa, e não de mãe e muito menos de filha. Os perturbadores appetites sexuaes, essa verdadeira superfectação cerebral, conveniente e rigorosamente disciplinados, refreios, não têm ahi outro destino secundario, subalterno, accessorio, que não o de incitar e entreter a ternura, sobretudo masculina, mais precaria, como vimos.

De accôrdo com esse nobre destino, preambulo casto, e viuvez eterna, dupla e tocante fraternidade conjugal; eis, pois, as duas extremas condições fundamentais do casamento normal, as duas aureolas que o envolvem.

Dever do homem de sustentar á Mulher, superintendencia materna da educação, livre desistencia dos dotes e heranças femininas, liberdade de testar e de adoptar, e viuvez eterna; taes são as sete condições normaes da organização domestica normal.

Mas é especialmente a tocante lei da viuvez eterna, digno complemento conjugal do fraternal preambulo casto; que corôa a digna instituição da familia, o elemento irreductivel, a cellula plastica da sociedade; prolongando subjectivamente, além do tumulo, a grata e benefica influencia de uma união superior á propria morte.

Nesse dominio moral, como em todos os seus congeneres, a poesia, a alma do culto, que idealiza a realidade, para despertar em nós o instincto do aperfeiçoamento, naturalmente precedeu, de modo digno, á philosophia, a imaginação á concepção. E assim o grande e nobre Calderón, o vate vatecinando, estygmatisou energicamente as novas nupcias:

Es hombre vil, es infame,
El que, solamente atento
A lo bruto del deseo,
Viendo perdido lo mas,
Se contenta com lo menos.

E' na serenidade da vida privada, é no intimo recesso e doce concheço do lar, sustentada pelo homem, e não na turbulenta vida publica, pois, que a Mulher, a deusa do lar, concentra naturalmente a sua preponderante, insubstituível e decisiva missão. Essa missão, necessariamente adaptada á tão delicada natureza feminina, consiste, como vimos, em elaborar o homem, o funcionario da vida publica.

De sorte que, assim nitidamente descriminadas, segundo as leis naturaes que tudo regem, se comprehende perfeitamente bem a natural e complementar diversidade das attribuições masculinas e femininas, donde fundamentalmente depende toda a harmonia social.

O celebre principio da cooperação, instituido por Aristoteles, o principe eterno dos verdadeiros pensadores, constitue o caracter fundamental e geral de toda associação humana. Esse principio, sem o qual não ha sociedade, nem domestica, nem cívica, nem universal, e muito menos domestica, consiste na separação dos officios e convergencia dos esforços.

Chacun à sa place, como se diz na lingua da concisão e da precisão.

Pois bem, a mais importante e decisiva applicação dessa lei, é quanto á separação dos officios e convergencia dos esforços masculinos e femininos. Por suas proprias naturezas; ao homem cabe a vida publica, a acção sobre o mundo; e á Mulher, a vida privada, a acção sobre o proprio homem.

A condição basica do concerto da harmonia social, é que o homem seja honesto, intelligente e corajoso.

Ora, quem assim o faz, no santuario domestico, é necessariamente a Mulher, o seu anjo da guarda, a sua mãe, a sua esposa, a sua filha, a sua irmã, a sua criada, a sua amiga natural, em summa.

E desgraçado do homem que, no decorrer da sua existencia, não esteve sob a carinhosa guarda de um desses anjos da guarda!

Mundo e homem, objecto e sujeito; mundo, pedestal do homem, e homem estatua do mundo; mundo reagindo sobre o homem, e homem, agindo sobre o mundo; mundo modificado pelo homem, e homem subordinado ao mundo; eis o eterno dualismo que a ordem universal apresenta. O homem, embora mundo pequeno, como o chamavam os antigos, é, pois, mais importante do que o mundo, o alimento, o estimulante, e o regulador do homem, como o chamou Augusto Comte, o maior dos homens.

A missão moral da Mulher, que actua sobre o homem, é mais importante, pois, do que a acção politica do homem, que actua sobre o mundo. Além de que, agindo directamente sobre o homem, que age directamente sobre o mundo; a Mulher age, por consequencia, indirectamente sobre o proprio mundo.

O mundo é o instrumento, e o homem é o operario; e não ha instrumento bom na mão de operario ruim. E é a Mulher quem faz o operario bom.

Compreende-se, e até idealisa-se, como vimos, o homem sem pae; concebido sem peccado, original ou não, com ternura e pureza; como o catholicismo o concebeu mylagrosamente, e o positivismo estheticamente. Sem mãe, porém, é que não se o concebe, não se o póde conceber, seria um absurdo, um contrasenso, um impossivel conceber, quer mylagrosamente, quer estheticamente.

E se se o concebe sem pae, é precisamente para fazel-o, por um ideal aperfeiçoamento, de ternura e pureza, mais filho, filho exclusivo de sua mãe, de sua virginal entranha. Tal é, com effeito, o elevado destino

moral da utopia positiva da Virgem-Mãe, succedendo à sua utopia theologica, concepção humana, envez de divina, cordial, envez de auricular.

A Mulher é, pois, a providencial e insubstituível deusa do lar, o ninho dos amores, o laboratorio, physico e moral, do homem, e garantia da vida publica. A sua providencial e insubstituível função, que é toda moral, é superior a do homem, que é toda politica; e a politica normalmente se subordina á moral.

A Mulher actua pelo coração, o motor de toda a nossa existencia; e o homem pelo espirito e pelo character, os ministros do coração; o que basta para demonstrar, de modo cabal, a excelsa prioridade da acção feminina sobre a masculina.

O lar, o templo, e o cemiterio, são as sédes respectivas, da união, da unidade, e da continuidade, a trindade da nossa sociabilidade.

A deusa do lar, que é um santuario, é a Mulher; e o pontifice do templo, que é um pontificado, é o sacerdote. E' no lar, é no seu santuario, pois, como centro da união, que a Mulher concentra a sua acção preponderante e decisiva.

Familia, Patria e Humanidade; são as tres successivas associações humanas; Familia subordinada á Patria, e Patria subordinada á Humanidade. A Familia é a intima associação formada pelo amor em torno da Mulher. A Patria é a intermedia associação formada pela actividade em torno do governo. E a Humanidade é a universal associação formada pela fé em torno do sacerdote. A Mulher, o órgão do amor, é, pois, o imprescindível e insubstituível anjo do lar.

A Mulher fóra do lar é, pois, uma anomalia, uma excepção, que o positivismo, dado o seu pleno character relativo, glorifica em certos casos, é verdade, mas como excepção, está visto. Taes são os casos de Jeanne d'Arc,

guerreira; de Isabel de Castella, estadista; de Sophie Germain, philosopha; de Sapho, poetisa, etc.

E' como anjo da guarda, é como deusa do lar, é como providencia moral, é como sacerdotisa do amor, é como mãe, esposa, filha, irmã, creada, amiga, em summa, que o culto da Mulher é religiosamente instituido.

Além disso, a separação, radical e completa, entre o poder espiritual e o poder temporal, constitue o principio fundamental da politica moderna, a politica republicana. Esboçado pelo catholicismo, segundo a fórmula classica—«A Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus»;—esse admiravel principio foi plenamente systematizado pelo positivismo; como o foi, sob melhores fórmulas, tudo quanto o monotheismo occidental fez de grande.

Pois bem, a massa feminina é poder espiritual, e a massa masculina é poder temporal. Aquelle actua sobre o homem, e este sobre o mundo.

A acção sobre o homem se biparte, em acção sobre o seu coração ou persuasão, e acção sobre o seu espirito ou convicção. A' Mulher compete naturalmente a persuasão, e ao sacerdote a convicção. Ella é, pois, o espontaneo auxiliar domestico do padre, que é o principal órgão do poder espiritual, o órgão civico.

A vida social suppõe costumes, opiniões e instituições. E' a sacerdotisa do lar, que no lar elabora os costumes; é o sacerdote do templo, que no templo elabora as convicções; e é o estadista da patria, que na patria elabora as instituições.

Vejamos agora o grandioso e imponente espectáculo historico do desenvolvimento progressivo, desde o mais remoto e humilde passado, dessa natureza eleita, desse ente gracioso, dessa linda e perfumosa flor da civilisação, através das edades e das gerações successivas. Esse desenvolvimento é a melhor medida, o es-

talão, a pedra de toque, do progresso da civilização humana.

O grão de civilização de um povo, observou Robertson, o grande historiador escossez, se mede pelo seu grão de cavalheirismo para com a Mulher. E no futuro, o joelho do homem só se ha de curvar diante da Mulher, sentenciou Augusto Comte, o supremo novador.

Apreciemos summariamente, em rapido bosquejo historico, essa curiosa e interessante evolução feminina; no passado, antigo, mediévo e moderno; no presente; e no futuro; acompanhando «pari passu» a sua brilhante marcha ascencional, em pureza e ternura, a dupla aureola da Mulher. E façamol-o, como se faz mister, com o criterio que o seu fecundo ensinamento reclama.

Saber para prever, afim de prover; tal é a admiravel fórmula positivista, que admiravelmente resume e condensa a dependente e intima coordenação entre o abstracto e o concreto, a theoria e a pratica, a especulação e a acção.

Como é natural, era a mais precaria possivel, na antiguidade, fetichista ou polytheista, a situação moral do bello sexo. A escravisação da Mulher, a opressão dos filhos, e o abandono dos velhos, devido á penuria primitiva; tal era, com effeito, o precario character domestico da civilização antiga, fetichista, fetichocratica, theocratica ou militar. A promiscuidade das esposas, a polygamia dos ricos, e a monogamia com o divorcio; eis os respectivos characteres, a esse respeito, do fetichismo, espontaneo e systematico, do polytheismo, conservador ou theocratico, e progressivo ou militar.

Mas mesmo ahi, nessa humilde situação de escrava, entregue ás brutalidades masculinas, no Oriente, na Grecia e em Roma; nos harens musulmanos, nos gyneceus hellenicos, e nos lares latinos; embora obscuramente, começa a lenta, porém progressiva,

providencial acção moralisadora da Mulher, a amiga natural do homem, como justamente a chamou De Bonald, o emulo de De Maistre e de Chateaubriand, na escola retrograda.

Mas não é só moralmente que isso se faz sentir, que ella se faz tudo para todos, á moda do incomparavel São Paulo; pois que naturalmente lhe devemos, sem duvida alguma, os proprios fundamentos da civilisação.

São obra sua, de facto: o esboço das artes ceramicas, filhas da sua pericia; a instituição do vestuario, devida ao seu pudor; a da arte culinaria, para prender no lar o seu arredio companheiro; a domesticação dos animaes, obra do seu carinho. Outrosim o são: a passagem da vida nomade para a vida sedentaria, a maior das revoluções sociaes; o culto dos mortos, o character distinctivo da nossa especie; a descoberta do fogo, que as artes todas funda; a conservação dos velhos, germen do sacerdocio; etc., etc.

A cavallaria, o melhor resumo da idade-média, a tal ponto desenvolveu o culto cavalheiresco da Mulher, a dama dos pensamentos feudaes, que a sua fecunda reacção moral se operou sobre o proprio culto divino. O grande São Bernardo, o mais acabado typo religioso do venerando catholicismo, tornou-se então o admiravel orgão, o sublime interprete, no seculo aureo do monotheismo occidental, dessa profunda reacção cultural. A partir dahi, o suave culto de Maria, a Virgem-Mãe, a mystica Virgem que, por obra e graça do divino Espirito-Santo, virgem concebeu, virgem antes e depois do parto, a dama dos corações desoccupados, tendeu a se substituir ao culto de Jesus, o messias judaico, o pretenso fundador da religião de São Paulo.

A admiravel instituição da monogamia exclusiva e indissoluvél; eis o grande e magnifico resultado social dessa immortal phase historica, intellectualmente resu-

mida em Santo Thomaz de Aquino, Rogerio Bacon, e Dante.

O interregno religioso que caracteriza o revolucionario presente, oriundo da crescente dissolução metaphysico-legista, inevitavel e necessaria, de todo o provisorio regimen catholico-feudal, ultimo modo de organização social que o theologismo e a guerra comportavam; como é natural, acabou por abalar brutalmente o proprio santuario domestico, o templo feminino da missionaria do amor, como abalou tudo o mais.

E o chamado feminismo, essa monstruosa competição de funcções entre os dois sexos, essa incrível perversão de attribuições, que desconhece o caracter fundamental de todo organismo colectivo, o principio da cooperação, da separação dos officios, e da convergencia dos esforços, descoberto por Aristoteles, e sem o qual não ha absolutamente sociedade, nem civil, nem domestica; essa aberração feminista, com o seu consequente amor livre, esse horror dos horrores, que brada aos céos; constituem o extremo gráo ultra-revolucionario da dissolução do lar.

A explosão protestante, a revolta systematica contra o papado degenerado por dois seculos de dissolução espontanea, no XVI seculo, restaurou o divorcio, essa perniciosa retrogradação revolucionaria á antiguidade guerreira, operada numa civilização pacifico-industrial.

No meio da anarchia moderna, cada vez maior, é só o coração feminino depositario sagrado dos bellos e nobres costumes medievos, que refreia, em parte, no doce conchego do lar, os immensos estragos moraes do desenfreado revolucionarismo.

Dando arrhas a um desmedido orgulho, que é o symptoma caracterisco da tremenda crise revolucionaria, que tende a se tornar chronica; o homem moderno tendeu para essa grosseria, que ahí está a nos enver-

gonhar, acarretando os consequentes flagellos da guerra, da prostituição, e da miséria, a trindade maldita.

E então julgando-se isento, não sabemos porque perversos e pervertidos princípios, dos mais comensuráveis deveres, moraes, de cavalheirismo, de lealdade, no vulgo dos seus typos, arvorou-se elle, o grosseirão valentão, ou melhor, o covardão grosseirão, permittir os qualificativos, em barbaro juiz, ou antes, em desumano algoz do sexo fragil.

E dahi esses inqualificaveis e impunes assassinatos, a pretexto de infidelidade conjugal, por parte do typo e do promotor de semelhante infidelidade: o homem, temos dito. Mas não contente com isso, deu elle agora, arvorado em moralizador de costumes, para que havia de dar?! para embirrar, minhas Senhoras, com os vossos graciosos costumes, os vossos colantes, os vossos decótes, os vossos «maillots», os vossos «entravés», os vossos «sans dessous» sem «sans dessus», está visto, etc.; toda essa chic trapalhada dos chics boudoirs das damas chics; como se o mundo viesse abaixo pelo facto de os uzardes, e com a graça, ainda mesmo petulante, que vos é innata!

Estamos em plena revolução, oriunda da emancipação, fatal e necessaria, do espirito humano, desde os fins da idade-média, os fins do XIII seculo da era moderna. Embora a emancipação não consista na duvida, a incredulidade é o primeiro passo para a sã philosophia; proclamaram as cabeças syntheticas de Augusto Comte e Diderot.

O homem é do seu seculo, mesmo a seu pezar, dizia Voltaire. E o nosso seculo é o da manifestação extrema, ultra, de uma crise revolucionaria, que vem de ha seis seculos atraz, que surgiu com o desfecho das cruzadas, ao expirar do XIII seculo, a formidavel luta dissolvente dos dois monotheismos rivaes, catholicismo e islamismo.

É uma verdadeira alienação mental, pois, essa crise revolucionaria; pois que começou com essa emancipação, fatal e necessária, do espirito, da mente humana; com o desuso crescente das crenças sobrenaturaes, necessariamente provisórias, como fictícias que são.

Da intelligencia, seu ponto de partida, o órgão cerebral affectado, ella se estendeu naturalmente, em virtude da lei do consenso, contaminou a actividade e o sentimento, os dois outros attributos do nosso cerebro.

E assim abarcou, contaminou e avassalou, com o seu delirio chronico, o conjuncto da natureza humana, em todos os seus aspectos fundamentaes, amar, pensar e agir. E assim, opiniões, costumes e instituições, está tudo infelizmente revolucionado, nos seus mais intimos e veneraveis fundamentos.

A crise revolucionaria, peculiar aos tempos modernos, é, pois, originariamente e fundamentalmente religiosa; e só religiosamente, pois, póde e deve ser resolvida, regenerada, adaptando-se a natureza do remedio á do mal. Reorganisação de opiniões e de costumes, como base de reorganisação de instituições; eis a unica e natural sahida que necessariamente comporta uma crise de desorganisação de costumes e de opiniões, como ponto de partida de desorganisação de instituições.

Amor e fé, como fundamento de regimen; eis, pois, o unico desfecho que a crise comporta. O amor conduz a fé, e a fé reconduz ao amor e o consolida; pois que a affeição leva ao conhecimento, e o conhecimento fortalece a affeição. Razão subordinada á fé, e fé subordinada ao amor, que é, ao mesmo tempo, o principio e o fim da vida humana.

«Omnis ratio et naturalis investigatio, fidem sequi debet, non præcedere, nec infringere». Conhece-te a ti mesmo, afim de te melhorares; eis o profundo

e bello resumo de toda a sabedoria, theocratica e sociocratica.

E' o amor, pois, o doce, o santo, e o fecundo amor, que naturalmente vae afinal pôr termo á revolução moderna, á guerra, á prostituição, e á miséria, os seus tres horriveis flagellos.

Eis ahi, consequentemente, a providencial missão preponderante que cabe ao sexo amante, o missionario do amor, o elo da disciplina, na regeneração dos costumes, das opiniões, e das instituições; regeneração religiosa, em summa, em que a convulsionada sociedade moderna se debate.

A principal força da Mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer, dizia Aristoteles. E obedecer é a base do aperfeiçoamento, primeiro physico, depois intellectual, emfim e sobretudo moral, dizia Augusto Comte. E a Mulher, pelos seus sentimentos, que são o incomparavel diadema do sexo fragil, dispersa os sentimentos que quer, dizia Clotilde de Vaux.

A ella, que é a graciosa providencia do bem, pois, incumbe, pela sua natureza, pela natureza da sua missão e da crise revolucionaria, contribuir poderosamente para lhe pôr termo, para chamar o homem, seu filho, seu marido, e seu pae, como mãe, esposa e filha, ao cumprimento dos seus deveres, ao harmonioso concurso do bem geral.

Nessa missão regeneradora, nesse apostolado do bello, do verdadeiro, e do bom; a ella, a missionaria regeneradora, a pregoeira do amor, a persuasão, o appello ao amor, ao coração; e a nós, os apostolos da concordia, os missionarios do credo, os pregoeiros da fé, a convicção, o appello á razão, ao espirito.

Positivistas e catholicos, religiosos ambos, em uma Patria revulucionaria, nominalmente catholica,

de origem catholica, em uma liga religiosa positivo-catholica, congreguemos, conjuguemos os nossos esforços redemptores, nessa redemptora empreza missionaria. «Salus populis suprema lex esto», a bella devisa romana, dos nossos antepassados latinos, seja a nossa devisa tambem, como seus filhos que somos.

Em nome da moral e da razão, ou catholicos ou positivistas, e revolucionarios é que não, porque é immoral e irracional. Os que ainda se apegam á theologia, como esteio moral, que se fiquem na bella religião do grande São Paulo; e os que della já se desprenderam, por desuso, que venham á incomparavel religião do incomparavel Augusto Comte.

Ficarem chafurdados na semi-putrefação revolucionaria, protestante, deista ou athéa, é que absolutamente não, por motivo de dupla ordem, moral e intellectual, em nome da moral e da razão. É absolutamente não, porque só se destróe o que se substitue; e ainda porque ou o reino catholico de Deus, do amor divino, ou o reino positivo da Humanidade, do amor humano, ambos fundamentalmente organicos, embora a seu modo.

Culto de imagens, pois, porque não se vive, sobretudo em amor, sem imagens, as caras imagens dos entes que nos são caros. Mas não só de imagens, porque não se vive só de imagens; mas de sentimentos e de signaes tambem, porque de sentimentos e de signaes tambem se vive, sobretudo em amor, os caros sentimentos e signaes dos entes que nos são caros.

Nenhuma sociedade se póde conservar e desenvolver sem um sacerdocio qualquer.

Tal é, minhas Senhoras e meus senhores, e especialmente minhas Senhoras, o que vos tinhamos a dizer aqui, neste magnifico recinto, de caras e saudosas recordações, e deante deste selecto auditorio, sobre a difficil e importante e delicada these, como acabastes de ver, que audaciosamente to-

mamos sobre os nossos frageis hombros, que nos aventuramos abordar.

Para tratál-a como o deveramos, como devera ser tratada, com o carinho e o saber necessarios, repetimos, precisavamos ter a capacidade, moral, intellectual e practica, em ternura, pureza, energia e preparo, que infelizmente não possuimos, o destino não nol-a deu.

Seja como for, porém, o nosso intuito, como já vol-o dissemos, á puridade, foi render-vos aqui, á luz da nossa incomparavel Fé, o preito da nossa intima homenagem, do nosso profundo enthusiasmo, e da nossa motivada gratidão. E isso neste solemne recinto, que nos foi bondosamente cedido; neste tocante dia da fraternidade humana; e nesta nossa maravilhosa terra de bellezas naturaes; o que de algum modo conseguimos, ousamos dizer.

Agradecemos afinal a bondosa e honrosa presença do brilhante auditorio, de ambos os sexos, «mujeres, muchachas y niñas, hombres, muchachos y niños», como se diz na prosodica lingua de Cervantes, que aqui captivou, tão do intimo do coração, a nossa intima gratidão. E como prova della, e como crentes, embora humildes, da religião do amor, curvamos reverentemente o nosso joelho deante da Mulher, a graciosa superintendente do amor, cantando, no idioma gentil do canto, com o maior dos poetas...

Oh amanza del solo amore, o diva,
Non é l'affezione mia tanto profonda,
Che basti à render voi grazia per grazia.



BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO



A impressão deste trabalho, tendo principiado em
Março, ficou concluída em Abril de 1921.



INDICE GERAL

AS RAÇAS HUMANAS

	PAGE
Prefacio.....	7
Dedicatoria.....	13
Preambulo geral.....	15
Coordenação especial.....	41
Conclusão.....	109

A MULHER

Advertencia.....	117
Dedicatoria.....	121
Preambulo geral.....	123
Coodernação especial.....	142
Conclusão.....	174

